

COSTA DIAS

FLANDRES

NOTAS E IMPRESSÕES



1920

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA

Trav. do Fala-Só, 24

LISBOA

LISBOA

8"/

24 (10) 1911/12

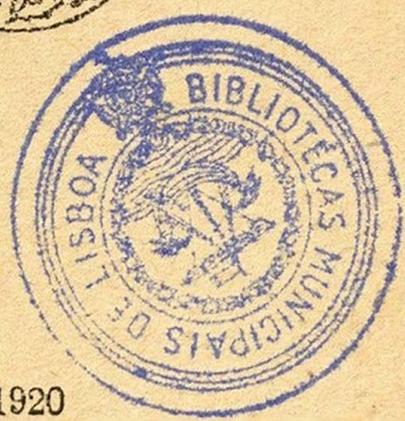
BIBLIOTECA DULCE P...
OFERTA - 31 JAN. 2001

7243

M

COSTA DIAS

FLANDRES



143783

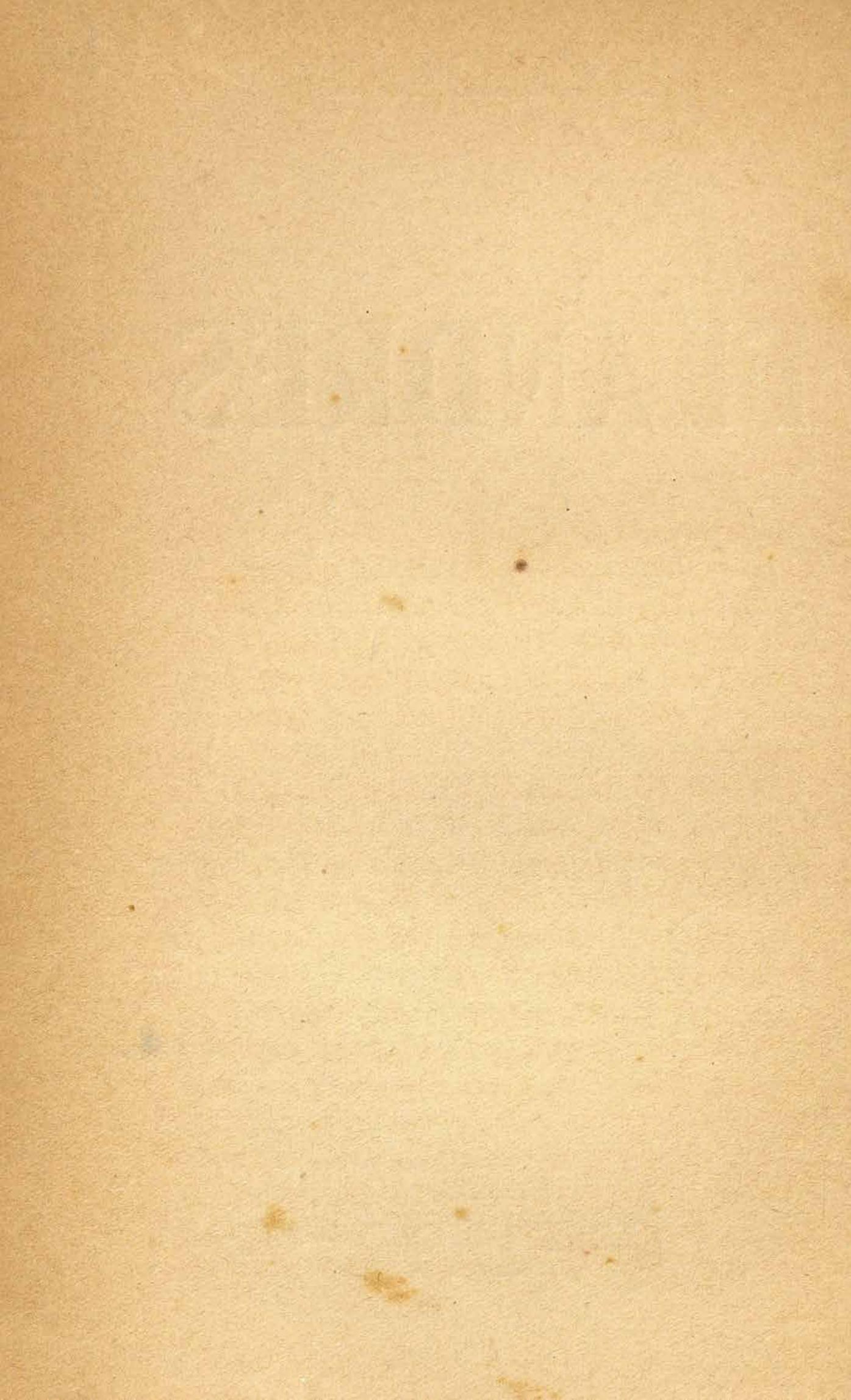
17492

1920
IMPRESA LIBANIO DA SILVA
Trav. do Fala-Só, 24
LISBOA

94(100) - 1914/18

327 (469) - 1914/18

821. 130 2 - 91.



DUAS PALAVRAS

Disseram já do seu esforço, dos seus sofrimentos e das suas esperanças alguns dos mais ilustres soldados que na Grande Guerra, em contacto directo com o inimigo, dia a dia expuzeram as vidas, afirmando a sua energia e fé patriótica na miséria grandiosa da trincheira.

Conquistaram indubitavelmente o direito de primazia na palavra, vivendo e lutando junto do soldado — o eterno soldado de Portugal, — quase divino de abnegação, sobre-humano de heroísmo, sublime na intuição do dever para com a Patria que tanto o esqueceu.

Seja permitido agora exteriorizarem as suas impressões aqueles que, pela natureza dos seus cargos, menos arriscados e portanto menos brilhantes, não combateram na trincheira, mas que dentro do âmbito das suas funções, com a sua fé e com o seu esforço á Patria deram o que lhes era permitido dar.

Nas páginas que se vão seguir procurei

fixar alguma coisa do pouco que vi e do muito que senti na jornada da Flandres, rincão de tradições gloriosas, tragico scenario de porfiadas lutas ás quais estão ligados alguns nomes de portugueses de outrora.

A's memorias de épocas distantes acrescentei recordações dum passado ainda bem recente: de nomes que conservarão na Alma Portuguesa bem marcado logar, de pequeninos burgos de gigantesca historia que para nós simbolizam o esforço de Portugal em prol dos ideais inscritos no lábaro dos povos aliados durante as horas incertas da Grande Guerra.

E esse esforço em que colaboraram todas as energias da Raça—desde os estadistas clarividentes que o orientaram, até aos humildes que o realizaram alimentando-o com a sua fé ou cimentando-o com o seu sangue, cada vez se nos afigura mais grandioso, à medida que o crepusculo do tempo vae apagando nas imaginações o clarão dos combates e mais longinquos se vão tornando os ecos da grande luta.

I

**Por terras de Flandres
e do Artois**

A caminho da zona de guerra

Fevereiro de 1917.

Uma multidão heterogénea enche os compartimentos das carruagens do comboio Paris-Calais e, como espuma duma onda, bagagens de couro fulvo e sacos-camas da lona verde dos artigos de viagem ingleses trasbordam para o corredor — em que mal se pode passar.

O comboio roda infatigável, e as carruagens rangendo nas suas molas emperradas teem um balanço duro que faz cabecear os passageiros. E' que tudo quanto em material havia de bom e de moderno, anda nos comboios sanitarios. Primeiro que tudo as necessidades da guerra.

Predominam os militares: officiaes ingleses lendo o *Punch*, mas deixando perceber, entre os volumes colocados na rede, numeros frascários da *Vie Parisienne*; enfermeiras de Além-Mancha, esguias, grandes dentes, aspecto insexuado: noto o contraste do seu tipo esgalgado com a voz em que há melodia e uns longes de meiguice, e alguém me diz que são carinhosas enfermeiras estas deserdadas da beleza; completam a companhia alguns officiaes

franceses, fartas condecorações, os longos bigodes gauleses da tradição militar francesa cortando as faces requeimadas—permissionarios do Norte com quem o nosso reduzido grupo de portugueses breve acamaradou na afinidade de raça, de lingua e de sentimentos.

A paisagem desenrola-se calma : nos relvedos cobertos de neve sobresaem de quando em quando majestosas vivendas espreitando por entre arvores de parques.

Perto de Boves ouvimos pela primeira vez o canhoneio da grande guerra : lutava-se bravamente nos sectores do Somme.

Em todas as estações grande movimento de tropas, predominando os ingleses, muito escanhoados, vermelhos, barrete de pala de kaki igual ao do fardamento, navalhão ao lado pendente do cinto, saindo abaixo do dolman e, junto dos viadutos, franceses quarentões da territorial vestidos de azul horizonte já desbotado, que fazem guarda, com capacete Adrien de aço cinzento azulado e a longabaioneta armadana Lebel.

Desenrolam-se como em fita de cinema, canais gelados e terrenos planos cobertos de neve.

Aproximamo-nos de Amiens. Na linha ferrea trabalham sob a vigilancia de sentinelas inglesas grupos de prisioneiros alemães. Há-os de todas as edades, e ostentam nas costas dos capotes cinzento-esverdeados um circulo de pano azul para que a sua qualidade de prisioneiros seja facilmente reconhecida. Chamam-me a atenção alguns que vestem capotes verdes, de

bizarro aspecto. Lembro a ideia geralmente espalhada sobre a estatura e vigor fisico dos soldados alemães, que afinal, a ajuizar por aqueles que viamos, não excediam muito sensivelmente os nossos.

Alguem, a meu lado, objecta :

— Os soldados alemães do principio da guerra eram outra coisa. Estes são já os restos da raça, passados pelo crivo, cada vez mais largo, das successivas reinspecções.

Seja como fôr — o certo é que os milhares e milhares de prisioneiros que ao depois vi, não modificaram para melhor esta minha impressão sobre o aspecto dos soldados alemães.

Vamos a entrar em Amiens. A estação é vastissima e o movimento é enorme. Numerosas damas com o traje da Cruz Vermelha francesa fazem peditorio para os feridos: assomam ás portinholas das carruagens e chamam a atenção dos passageiros chocalhando o dinheiro nos esmoleiros de folha pintada de branco com uma cruz vermelha :

— *Pour les blessés, messieurs!*

Lestas, o linho branco do avental num risoclaro sob a grande capa azul ferrete, lá prosseguem na santa tarefa :

— *Merci, messieurs!*

Deixamos a antiga capital da Picardía. O comboio segue a sua marcha veloz ; as estações sucedem-se : Picquigny, Hangest, Longpré ; depois, após uma ponte sobre o Somme, rio de epopeia — vemos Abbeville, depois Port-le-Grand

Noyelles, Rue, Quend-Fort Mahon, Rang du Fliers-Virton, Saint Josse...

Uma grande ponte de ferro parece trepidar á passagem do comboio: o La Canche, açoriado de areias, amareleja e abre lá abaixo num bocejo uma especie de foz que abriga numerosa flotilha de embarcações de pesca. Transposta a ponte, á esquerda fica-nos Etaples, historica povoação hoje modesto burgo de pescadores. Mais longe ainda, para além do rio, uma larga faixa de floresta com os cimos brancos de neve, duas torres brancas de farois, esguias, como balizas — e mais longe ainda, uma nesga de mar côr de chumbo picada de pontos negros — caçaminas e contra-torpedeiros. Paris-Plage, alguém elucida.

A' direita espraia-se um imenso acampamento inglêz: renques de tendas de lona cónicas alinham-se pelas dunas adiante entre farrapos de neve; grandes construções térreas de madeira alcatroada: secretarias, depositos, templos da *National Church* e da *Scotch Church* pintada a branco a cruz de Santo André sobre oval azul; barracas de cinemas, de cantinas, de casas de reunião e de recreio da Y. M. C. A. (*Young men Christian Association*) que faculta honestas distracções e os meios de satisfazer as necessidades intellectuais do soldado, e do *Salvation Army* que pretende desviar para a limonada inocente e para o chá caseiro a imoderada tendencia do anglo-saxão para as bebidas alcoolicas...

O comboio pára finalmente em frentè da estação, arfando em compassado decrescimento a sua potente respiração de monstro.

Um formigueiro de militares ingleses, australianos e franceses enche os cais. Pregada a um barracão vejo uma taboleta branca onde em inglês e a letras negras leio uns versos que literalmente traduzo :

Um astuto e velho môcho
Vivia num copado carvalho;
Quanto mais vivia mais sabía,
Quanto mais sabia menos falava,
Quanto menos falava mais ouvia.
Imitemos a discreta ave!

E' que nesta guerra são bons todos os meios de colher informações e a luta contra a espionagem é sem tréguas.

Entram alguns officiais portugueses : j emfim, compatriotas !

O comboio recomeça a marcha. Atravessasse uma extensão coalhada de hospitais — e depois, numa seqüencia natural, um imenso cemiterio cheio de cruces de madeira, arruado e tratado como um jardim. Um dos recémchegados indica ao major João de Brito, nosso companheiro de viagem, o local onde repousa o filho — o alferes Octavio de Brito, morto de desastre — o primeiro dos nossos que lá ficou em França.

Os camaradas recémvindos eram officiais de guarnições de provincia — e sem saberem porquê, tinham sido nomeados para o honroso e difficil encargo de, em missão, precederem em

França as nossas tropas afim de estudarem e praticarem nas escolas e campos de instrução do exercito britanico os novos processos de combate desta guerra sem igual. Tinham sido nomeados, alguns como se fôsse por escala — entendessemos bem — e outros por mera indicação de amigos que dêles se tinham lembrado — que não por protecção do Norton, «que era cavalheiro com quem não iam mesmo nada» — e a quem com certeza um dia se pediriam contas sobre a sua acção na nossa participação nesta guerra.

...O convivio com os officiais ingleses era difficil por causa das suas exquisitices de etiqueta, e contavam historias pândegas dos seus pruridos higienicos. Os metodos de instrução das suas escolas práticas, não podiam ser peores: chegava a ser vexatorio para officiais o começar-se a instrução com rudimentos e minucias de nomenclaturas de material — como se fôssem recrutas...

— E para a similhaça ser maior, até são sargentos que no-la ministram...

— Verdade é que fazem o mesmo aos officiais deles.

— Compreende-se, aos que eram cervejeiros antes da guerra...

— ¿ E a mania da escanhoadela diaria, hein? — dizia um rapagão com planturosa barba de oito dias.

— ¡ E as nicas que tem agora o material nesta guerra! Eu já mandei dizer lá para o nosso quartel general que não contasse com soldados

da minha especialidade prontos da instrução se-
não lá para Agosto . . .

— ¡Ora! lá para esse tempo já a guerra tem
acabado — casquinou alguém.

Mas o outro, abanando a cabeça como quem,
a seu pezar, não está bem convencido :

— ¡Hum! Não sei . . . Mas a verdade é que
quem nestas coisas dá as lições — e de cadeira —
é o alemão ; aquilo, sim ! Que disciplina, que
método e que esperteza ! Não hão de ser os
merceeiros de Londres, improvisados oficiais,
quem o há-de fazer sair de onde ele está . . .

— Tambem o boche malha neles como em
centeio verde. Ouço dizer que divisões há que
teem voltado a este campo com a quarta parte
do efectivo com que saíram.

— O peor é que antes de irmos p'rá linha
vão dando cabo de nós com a massada das for-
maturas e instruções a toda a hora.

— Ainda para hoje vinha-nos o *bife* com
uma teoria, mas nós vamo-nos safando até
Boulogne . . . *Ná*, que isto não é roupa de in-
gleses . . .

— ¡Hein? tu ainda o duvidas? A Inglaterra faz
a guerra com a pele dos outros : nas linhas,
inglêses, nem meio : é tudo canadianos, austra-
lianos, o diabo . . . Agora veem mais uns — os
portugalianos. Ora aí está . . .

Em conversações dêste teor levaram aqueles
oficiais o tempo do trajecto entre Etaples e
Boulogne, onde saíram sem deixar saudades . . .

¡E havia alguns graduados dêstes, entre os

iniciadores dos nossos soldados na formidável tarefa de Fé e de Abnegação até ao sacrificio — santo Deus !

Deixamos Boulogne ; voltamos a ver o mar. Do alto dum monticulo, sobre a coluna de marmore branco dedicada ao Grande Exercito, Napoleão I, em traje de Cesar romano, aponta ao longe, a bruma que nos oculta as terras da Grã Bretanha.

Cruzamo-nos com um comboio de feridos, carruagens amarelo-torrado dos grandes expressos, outrora ruidosas e alegres, agora silenciosas e tristes como a barca da dôr.

As estações sucedem-se. Wimille-Wime-reux . . . Atravessamos velozmente os chaparraes onde estiveramos acampamentos do Grande Exército. Deixa de ver-se o mar. Aparece-nos Marquise-Rinxent, com as suas pedreiras de marmore. Passam-se num relâmpago Caffiers. Pihen, Nielles, Fréthun. O comboio entra finalmente numa grande estação : — numerosas vias de resguardo, viadutos, enormes gruas, uma multidão policroma, predominando as fardas nos cais : Calais !

Tinhamos que sair e pernoitar ali a fim de tomarmos no dia seguinte o comboio para Saint Omer, de onde seguiriamos para Aire-sur-la-Lys.

O tempo chegava apenas para uma rapida vista de olhos á tradicional cidade, «chave da França».

Saindo da estação e transposta a ponte Frey-

cinet sobre o «Bassin de Batellerie», eis-nos na praça Richelieu onde uma das obras primas do insubmisso e original Rodin — *Os burgueses de Calais* — perpetúa na imortalidade do bronze o sacrificio a que no cêrco de 1346 se abalançaram Eustache de St. Pierre, Jean d'Ardres, Jacques, Pierre de Wissant, Jean de Fiennes e André d'Andres, oferecendo a Eduardo III de Inglaterra as suas vidas para salvar a cidade natal da carnificina e do saque.

O monumento, contra a vontade expressa de Rodin, ergue-se sobre um sóco de marmore. Era intenção do escultor que o monumento asentasse sobre o proprio pavimento da rua, para dar aos cidadãos de Calais a impressão de que aqueles simbolos de corajosa dedicação pela causa publica, estavam misturados ao movimento da cidade, figuras familiares com quem dia a dia se acotovelasse a população... A municipalidade de Calais não deu cumprimento a esse desejo: não era macío o temperamento do Mestre, e o caso originou um processo ruidoso.

Aproveitamos o tempo vendo a cidade. Acentua-se o aspecto bélico que notamos a partir de Amiens. Predominam os militares belgas, mas os ingleses são tambem em grande numero, batendo os calcanhares em grandes e rigidas continencias. Policia militar inglesa e gendarmes belgas estacionam nas esquinas.

Saint Pierre, o bairro industrial das fabricas de tule, fica longe, para além do canal: contentar-nos hemos com o Calais antigo.

Rua Royale adiante — o coração da cidade — vamos até á Praça de Armas com os seus Paços Municipais, o *Hôtel de Ville* (1296-1740) a torre *du Guet* (1224-1806) e voltamos pela rua de Guise onde, do chamado *Hôtel de Guise*, na realidade antiga Bôlsa dos Mercadores, começada a construir nos fins do seculo XIV por Eduardo III de Inglaterra e continuada pelos seus sucessores, subsiste uma porta flanqueada por dois torreões, curiosos exemplares do gótico inglês do estilo «perpendicular».

Os quarteirões que avizinham da Cidadela, nas suas ruas estreitas e irregulares lembram-nos a antiga praça cuja posse foi disputada secularmente pela Inglaterra á França.

No bairro do porto, xadrez de ruas mais regulares mas pouco animadas, deparo com uma reminiscencia da minha Patria — a Rua de Lisbonne.

.....

No dia seguinte, às 9 da manhã, o comboio que, saído da estação de Fontinettes nos conduz a Saint Omer roda ao longo duma enorme planicie — que já é Flandres ; sucedem-se pequenos burgos com a sua estação sempre igual e que na retina apenas nos deixam a impressão fugidía do tijolo vermelho das suas construções : Pont-de-Coulogne , Pont-d'Ardres , Audruicq , Ruminghem : á direita, sobre umas alturas, na floresta de Eperlecques, a neve esgarça-se em farrapos na copa escura das arvores ; Watten...

Por toda a enorme planície, campos de betarraba e, á compita com enormes chaminés de tijolo, elevados campanarios esguios como lanças erguem ao ceu as suas flechas, sobre as quais, em catavento, o galo, tradicional simbolo da altiva independencia e isenções da igreja galicana, sobrepuja a cruz, irreverente e ardido. E evoco a altiva réplica aos ultramontanos que Flers e Caillavet põem na boca do «Cardial de Mérance», na *Primerose*...

O comboio roda incansavelmente ao longo da planície. O vale do Aa alarga-se numa vasta bacia humida sulcada de canais — os *water-gands* orlados de salgueiros e que, largos na origem, vão estreitando ao aproximarem-se de Saint Omer; singram-nos numerosos barquinhos, unico meio de condução entre as inumeraveis hortas e jardins. Aqui, a paisagem ficou definitivamente flamenga como a linguagem e tipo da população limpa e industriosa que povôa as lindas casinhas de tijolo, garridas de côres, que orlam as margens do Aa.

Atravessamos a ponte sobre o rio que, a uns 100 metros á nossa direita, junta-se ao canal de Neuffossé.

Eis-nos em Saint-Omer, estação espaçosa, com largo movimento de tropas inglesas. Temos que esperar o dia seguinte para tomarmos o comboio para Aire: há tempo para um ligeiro relancear de olhos pela cidade que, vista á distancia, conserva ainda o aspecto que se nota no quadro de Antonio Van der Meulen, o pin-

tor de cêrcos e batalhas de Luís XIV, e que eu já admirára numa das salas de Versailles.

Transposta a ponte sobre o canal de Neuf-fossé, rua do Arsenal adiante, topamos a estatua de Jacqueline Robin, espécie de Deu-la-Deu-Martins artesiana, heroína do cêrco que puzeram á cidade o principe Eugenio e Marlborough, em 1711.

A' esquerda, a magnifica ruina gótica da antiga abadia de Saint Bertin (1326-1520) ergue no ceu cinzento a maravilha da sua torre de 58 metros.

Seguimos rua Faidherbe adiante, continuada pela rua Carnot, largas arterias bem calçadas, ao longo das quais se alinham fachadas cinzentas de belas casas de moradia, estilos do século xvii e xviii às quais as pilastras, capiteis, bem rasgadas janelas e elegantes portais dão uma nota de gravidade e fausto severo. Cabeça-de-comarca duma região fertilissima, os seus habitantes em todo o norte da França, em Flandres e Artois, gozam de uma fama de riqueza que se traduz no cognome de «cidade dos proprietarios . . . »

Algumas vielas, sombrias e tortuosas, entroncando com as arterias principais e as escuras fachadas dos grandes quarteis de tipo antigo, lembram a velha praça de guerra, hoje desclassificada.

Parece que em épocas normais as suas ruas são tristes e pouco movimentadas: actualmente, porém, anima-as um extraordinario trânsito de

militares ingleses que entram e saem das lojas em que por toda a zona se intensificou o commercio de comestiveis, guloseimas, o dos artigos indispensaveis aos militares em campanha e o dos postais e pequeninos nadas alusivos á guerra. Há sorrisos e troca de rapidas conversas fúteis com as lojistas, quase todas gracís e tafuis, não descurando no atarefamento da venda e o realce dos naturais encantos.

Rua em fóra, soldados britannicos guardam de baioneta armada o inapressavel ripanso dos grupos de prisioneiros alemães que fingem varrer a neve acumulada nos passeios de lagedo escuro. A guerra está para durar: não vale cansar-se . . .

Chegamos á Praça Victor Hugo. Um pouco á esquerda destaca-se a torre quadrangular da monumental igreja de *Notre Dame*, antiga catedral e a mais curiosa igreja do Artois, começada no seculo XIII e concluida em 1499. Transpomos o portal. A luz coada pelas rosaceas através dos maravilhosos vitrais de Lusson e de Didron iriza de côres eternamente jovens os renques de colunas das espaçosas naves.

Verdadeiro repositório de todas as épocas do gótico, a igreja encerra no seu interior apreciaveis obras de arte: em pintura, uma boa copia de *Descida da Cruz*, de Rubens, desastradamente restaurada, a *Sainte Aldégonde*, do sant'omeriano Arnould de Vuez e o *Cristo deante de Pilatos*, de Van Opstal; em escultura, o grupo do Cristo assentado entre a

Virgem e S. João, no estilo barbaro do seculo XIII, apelidado o «Grande Deus de Théroutanne» por encabeçar outrora a decoração do portal da cathedral da cidade destruida em 1553 por ordem de Carlos V que foi quem dele fez presente á cathedral de Saint Omer; e, mais que qualquer outro, encanta-me a vista o precioso tumulo de marmore e alabastro de Eustaquio de Croy, bispo de Arrás, falecido em 1538.

Toda a historia da região está compendiada nas inscrições, *ex-voto* e lages tumulares da vetusta cathedral. Servir-nos hiam tambem de preciosa documentação do passado da cidade o Museu Henri Dupuis, de arte e de historia natural e o Museu Arqueologico, mas ambos estão fechados por causa da guerra.

Por toda a parte, os nossos uniformes, pouco vistos ainda, despertam a atenção — e daí as conjecturas sobre a nossa nacionalidade: ser-vios, italianos — até japoneses nos julgaram... Portugueses é que ninguem se lembrou de chamar-nos; e quando esclarecidos por nós, ficavam-se assim como que a escarafunchar em longinquas reminiscencias escolares:

— Ah, sim... Portugal... lá para os lados de Espanha... ¿Não é? País de grandes navegadores na antiguidade...

Emfim — a primeira vantagem da nossa participação na guerra vêmo-la aqui: lembrar-se a existencia do nosso país...

Pernoitamos no «Hôtel du Commerce», repleto de officiais britannicos duma divisão em

descanço. Na ante-sala deparámos com dois ou três camaradas portuguezes — e entre êles sobressai o atletico vulto do major medico Dr. Eduardo Pimenta, cuja graça animada e natural chiste nos provocam expansões que quase escandalizam os graves ingleses.

Na manhã seguinte, cerca das 8 ¹/₂ horas, tomávamos o comboio para Aire.

Passamos Arques, Wardrecques, Blaringhem. A linha ladeia incessantemente um canal, o de Neuffossé, cheio de barcaças, fita escura lançada através da planicie branca de neve.

O comboio silva repetidas vezes e começa a afrouxar o andamento. Na bruma cinzenta adivinha-se uma grande povoação.

Chegamos a Aire. Êste nome bem como o de Saint Omer, frequentes vezes anda na baila da historia das centenarias lutas entre as casas de Austria e de França. Na estação, pequenina e triste, guardada por corpulentos soldados de policia militar britanica de grande revólver á cinta, alguns soldados portuguezes, os primeiros que vemos em França, nostalgicos e friorentos, de capotes tufados pelas grossas camisolas, com um inestetico agasalho de lã castanho no pescoço, assistem curiosos ao desembarque dos passageiros do comboio de Saint Omer.

São quase 10 horas da manhã ; á saída da estação, num grande campo coberto de neve endurecida, alguns carros de companhia e de esquadrão, dos nossos, jazem encostados uns aos

outros num confuso amontoamento de rebanho junto.

O quartel general do corpo expedicionario portuguez está instalado numa velha residencia senhorial, soturno casarão, duma sujudade viscosa. Fica-lhe em frente a egreja de Saint Pierre, antiga colegiada de estilo gótico em cujas naves scenas da vida de Jesus riem nos vitrais de côres duma pureza de iluminura de livro de Horas, sobrepujada a airosa construção pela linda e característica torre que de longe se avista em toda a região.

Dentro do casarão, apesar de ser manhã alta já, reina uma penumbra que a principio, dificulta o distinguirem-se as pessoas e o improvisado mobiliario: cadeiras e mesas onde se escreve, — já entre rimas de papeis... Entrego a minha guia a um official que mal me olha e que eu mal vejo, e efectuadas as apresentações, vou tratar da minha instalação. Superintende nesse serviço o comandante britânico da praça — o *town major* — cuja repartição está instalada na Grande Place, no coração da cidade. Tenho que percorrer varias ruas; fa-lo hei sem enfado; fui sempre sensível ao encanto das povoações vetustas que guardam as sombras do passado e os vestigios da sua historia gloriosa ou trágica.

Aire é bem uma delas.

As numerosas e estreitas vielas lageadas e com regueira ao centro que se entortilham em volta de antigos quarteis, e o tipo especial dos

tadora *loggia* distingue-se a data — 1595. (1). A' direita, o majestoso edificio dos paços do municipio — o *Hôtel de Ville* — construido de 1714 a 1724. Em frente ficam-me várias casas dos séculos XVII e XVIII de pilastras da ordem corinthia, caiadas de amarelo, perfilando no ceu plumbeo os altos telhados de rápido declive.

O major comandante da praça, é um escocês de cinquentá anos bem passados e bem vividos, baixo, rubicundo; o cachimbo permanentemente na bôca apenas lhe permite articular monossilabos indica-me a casa onde devo ficar aboletado: a habitação do commissario de polícia, rua de Isbergues. Para tomar as refeições lembram-me o «Hotel de la Clef d'Or», onde já estão alguns camaradas portuguezes; fica-nos mesmo em frente: assinála-o uma enorme chave de folha dourada destacando-se na fachada de tijolos enegrecidos.

Cumpridas as formalidades militares e tomado o contacto com o pão insôso e a cerveja choca das Flandres no almoço do «Clef d'Or», continúo o meu giro pela cidade,

Já se pressente a guerra no extraordinario movimento de militares — e tambem de mulheres — que se nota em todas as ruas.

Uma moralidade, ou antes imoralidade es-

(1) Pouco mais dum ano depois, as granadas alemães mutilavam aquella maravilha da arte do século XVI.

pecial, a das longas guerras, preside aos actos desta multidão sem par. No ar pesado da farta e predestinada região, perpassam eflúvios perturbadores de goliardice.

O inglês, esse insular de tão injusta fama de frieza amorosa, enxameia nas lojas de primores e de mil-e-um artigos e assedia a preceito as lestras vendedeiras dum azouçamento de arvêloas: é inevitável um soldado de Sua Graciosa Majestade Jorge V em amoroso derretimento junto de cada damizéla. E o que êles se mostram já de ciosos do amorudo portuguesinho com o atractivo da novidade da sua farda cinzenta...!

Deixo a Grande Praça e sigo por uma rua estreita até á Praça de Notre Dame, depois pela rua do Château vou até á Esplanada, onde existiu o antigo castelo da cidade de que ficaram como vestígios dois arcos ponteagudos dos séculos XIV ou XV assentes em torreões de tijolo, sob os quais passa o canal de La Lys, navegavel a partir de Aire, e continuando a minha peregrinação de acaso encontro-me de novo junto da estação do caminho de ferro, onde horas antes desembarcara.

Recordo-me de que tenho ainda no bolso o bilhete de bolêto para o tempo de permanencia em Aire. A casa é na rua de Isbergues, cujo comêço fica-me em frente, na orla norte do grande campo fronteiro á estação — informaram-me.

Procurando quanto possível não me atolar

na lama até acima do tornozêlo, ladeio o campo e entro na rua.

Cem metros andados, lado esquerdo, encontro-me em frente da casa; é um sobrado pequenino, e tem um ar modesto e recatado. Numa placa amarela, reluzente, leio o nome do morador: «Mr. Fabre, commissario de policia.» Como segurança contra os ratoneiros não poderia ter acertado melhor. . . .

E' a propria dona da casa, dama de meia idade, quem me abre a porta. Apresento o papel do bolêto e balbucio acanhado uma desculpa. O côrado rosto de *Madame* abre-se num sorriso acolhedor :

— Seja bemvindo. Estará como em sua casa : faltar-lhe há por certo o conforto, mas nós não somos ricos e . . . na guerra como na guerra — é não é verdade ?

Dispõe bem a amigavel recepção — a quem como eu experimentou bolêtos nalguns pontos do seu proprio país — e é já com a admiração simpatica de quem se sente em terra amiga, que eu, de passagem para o aposento que me é destinado, admiro o aconchegado conforto da casa de jantar, o brilho dos cobres da cozinha que de passagem se entrevê, a escrupulosa limpeza de tudo : móveis, soalho e paredes ; sente-se a influencia da visinhança da Flandres, a terra dos deliciosos «interiores» que toda uma escola de pintura celebrizou.

Imagens de santos por toda a parte recordam-me que estou na região mais católica da França.

A alcôva dos hóspedes, a que me é destinada, é inultrapassavelmente limpa, mas tão pequenina que a ocupa quasi toda a vasta cama de côlcha branquissima, em que se adivinha a convidativa macieza daqueles leitos em que até o morrer deve saber bem — segundo a frase daquêlê gracioso que dizia: — *Mourir dans un lit flamand — ! mais ce n'est pas mourir . . . !*

Quasi encostado á cama, pequenina nota destoante, que mais tarde repetidas vezes encontrarei, o lavabo, limpo e garrido como um oratorio, ostenta um jarro de agua que mais parece garrafa de mêsa, e a bacia de rosto mal ultrapassa as comezinhas dimensões dum prato sopeiro . . .

Emfim, estou instalado por alguns dias. Sinto-me bem com a amavel hospitalidade deste bom povo do Norte da França, e ao recolher á noite ao quartinho aquecido por um bom fogão, perto me julgaria da Patria distante se não fôra o longinquo canhoneio e o fantastico espectáculo da faulhagem de oiro marchetando o halo avermelhado com que os altos fornos de Isbergues ensanguentam, ao longe, a noite negra e fria.

A alcôva dos hóspedes, a que me é destinada, é inultrapassavelmente limpa, mas tão pequenina que a ocupa quasi toda a vasta cama de côlcha branquissima, em que se adivinha a convidativa macieza daqueles leitos em que até o morrer deve saber bem — segundo a frase daquêlê gracioso que dizia: — *Mourir dans un lit flamand — ! mais ce n'est pas mourir . . . !*

Quasi encostado á cama, pequenina nota destoante, que mais tarde repetidas vezes encontrarei, o lavabo, limpo e garrido como um oratorio, ostenta um jarro de agua que mais parece garrafa de mêsa, e a bacia de rosto mal ultrapassa as comezinhas dimensões dum prato sopeiro . . .

Emfim, estou instalado por alguns dias. Sinto-me bem com a amavel hospitalidade deste bom povo do Norte da França, e ao recolher á noite ao quartinho aquecido por um bom fogão, perto me julgaria da Patria distante se não fôra o longinquo canhoneio e o fantastico espectáculo da faulhagem de oiro marchetando o halo avermelhado com que os altos fornos de Isbergues ensanguentam, ao longe, a noite negra e fria.

Thérouanne, a morta

As unidades do Corpo Expedicionario Português estão aboletadas na região em volta de Aire e ao longo do Lys: enchem por completo pequeninas povoações como Mametz, Saint Quentin, Witternesse, Blessy, Enguinegatte, Herbelle, Clarques, Ecques, Cauchie d'Ecques, Rebecq — modestos burgos sem historia — excepto Enguinegatte, a da «jornada das esporas».

A uns nove quilómetros de Aire, estrada de Mametz adiante, tenho que ir ao Comando da Artilharia, instalado numa povoação cujo nome ocupa largo capitulo da historia das lutas pela posse do Artois.

Thérouanne — reza o letreiro na placa indicadora. Êrgo os olhos e espaireço curioso e interessado a vista. Uma aldeia do Artois, de ruasinhas tristes e silenciosas cortando a rua principal — trecho da estrada de Arrás a Saint Omer. Ladeia-a uma corrente orlada de salgueiros — é já o Lys — cujas amareladas aguas ao atravessar aquele cantão dormente, embebem-se de silencio e dão-nos a indefinivel impressão

dum canto da terra sem reminiscências de ontem nem preocupações de amanhã. Negrejam cruces dum cemiterio na vertente norte do vale, numa colina erma — *Les Buttes* — listrada em talhões geométricos de terras de pão, tristes, salpicadas de cacos de tijolo vermelho, e à qual se ascende pela vetusta calçada romana que contorna a escarpa dum antigo fôssó onde cresce bravamente um arvoredó verde-escuro, enleado em framboeseiras bravas.

Por entre umas moitas de arbustos rasteiros alvejam no alto da colina substruções de alvenaria : e no meio de hervas bravias branquejam num riso claro de marmore branco ingenuos esboços de azas de arcanjos, fragmentos de cornijas e de capiteis românicos.

Uma inexprimível sensação de melancolia exalla-se do ceu baço, do ar parado e da terra triste sobre a qual, do alto duma colina proxima, uma estatua de San Martinho, o evangelizador do Artois, levanta o braço num gesto de benção, ou de exorcismo, talvez...

Revejo pensativo a grande e tragica historia daquele monte êrmo que só mortos hoje habitam. Essas quase imperceptiveis ruinas são o epitafio da antiga Tarvana, capital dos Morini no tempo de Cesar, o *oppidum* a quem o pretor Tarvanus deu o seu nome na época da conquista. Local obrigatorio de passagem do norte para o sul da Galia, convergiam ali seis grandes vias romanas e opulentava-a o encontro dos mercadores de panos de Nemetacum (Arrás)

com os de estanho das Cassitérides, vindos por Gessoriacum (Boulogne).

Ponto estrategico de primeira ordem, assente sobre uma colina de 98 metros de altitude, protegia-a já então uma cintura de muralhas flanqueada de grossas torres. A prosperidade, o local e a tradição fadaram-na belicosa e altiva; e quando as exacções imperiais no tempo de Nero fizeram lembrar aos gauleses a perda de independencia, foi ali o centro duma grande revolta da Bélgica oprimida, sufocada porém em sangue logo que sobre ela se abateram as varas dos lictores. É este o primeiro episodio conhecido do longo martirio da cidade votada à destruição.

Desde os primeiros tempos da propaganda visitaram-na os pioneiros do cristianismo nascente: San Fusciano e San Victoric no III século, San Martinho no IV, San Vaast no VI, Santo Eloi e Santo Omer, que foi seu bispo, de 638 a 688. Sobre as ruinas do seu templo de Hésus — o Marte gaulês — venerado em toda a Morinia, San Remi, instalou a diocese, e aí pelo ano de 500 erguia-se a modesta fabrica da primitiva cathedral.

Os romanos passaram. Vieram os francos, barbaros de rude linguagem e que brandiam o frankisk: amansou-os a vida farta e facil da região; Childerico fêz da cidade a sua residencia predilecta, e o chiar sonolento dos carros de bois merovingios largo tempo quebrou o silencio das suas estradas, das quais uma, a

extensa recta que conduz a Arrás, conservou-lhes a memoria com o nome que ainda hoje tem, de *Chaussée Frédegonde*.

Passou a época de tranquilidade ; os hunos, depois os normandos em 885, desmentiram a fama da sua inexpugnabilidade e assolaram-na no decorrer do IX século ficando deserta mais de cem anos. Arnoult o grande, conde de Flandres, reuniu-a aos seus dominios e ergueu-lhe as muralhas, mas só em 998, no meio dos terrores do milenario, é que Roberto I de França a restaurou completamente.

Reunidos pouco a pouco os seus antigos habitantes, o bispo Baudouin veiu habita-la em 1010.

A sua feliz situação breve lhe restituiu a antiga prosperidade ; ao visitá-la, no século XII, San Bernardo encontrou-a dilatando-se já pelas duas margens do Lys, e a palavra ardente do prègador da 2.^a cruzada, reanimando o fervor religioso dos habitantes, contribuiu para que de 1131 a 1133 fôsse, com pedra vinda de Marquise, reparada e aumentada a primitiva e humilde catedral que ficava sendo um curioso monumento de transição do estilo romanico para o gotico (1).

Reabre-se o ciclo do martirio. Os flamengos, vencedores em Courtrai de Roberto II de Artois, atacam Thèrouanne em 1303 e após dôze

(1) Camille Enlart — *Manuel d'archéologie française*. Paris, 1904.

horas de refrega entram nela levando tudo a ferro e fogo; mas a pequena cidade nem assim afrouxa na defesa energica das suas franquias, e em 1329 Roberto de Artois debalde tenta impor-lhe a sua suzerania.

Invadidos por Eduardo III em 1346 o Artois e o Calaisis, após a batalha de Crécy caiu a cidade em poder dos ingleses, que a cederam aos flamengos, seus aliados.

No seculo seguinte, após a incursão de Henrique V de Inglaterra pela Normandia e a derrota dos francêses em Azincourt (25 Out. 1415) o bispo de Thérouanne, Luis de Luxemburgo, da casa dos condes de Saint Pol, ligou-se á facção anglo-borgonhesa e, mancha escura de mau agouro para o bispado, o seu nome apparece entre os juizes que firmaram a sentença condenando Joana d'Arc á fogueira.

No seculo XV fazia Thérouanne parte das tão disputadas possessões da casa de Borgonha e Maximiliano de Austria, viuvo da filha de Carlos o Temerario, tentou em vão tomá-la em 1479, renunciando em 1483 aos seus direitos sobre ela pelo tratado firmado com Luiz XI em Arrás; rôtas porem as hostilidades com o rei de França, conseguiu apoderar-se dela em 1486, mas não pode manter a sua posse.

A tôrva e cruel politica de Luis XI revoltou o Artois contra êle, e Arrás, saudosa do governo moderado dos duques de Borgonha, apelou em 1492 para o auxilio de Maximiliano. Carlos VIII sucedera neste meio tempo a seu pai e, todo

entregue á ideia da conquista de Italia, abandonou àquele príncipe alemão pelo tratado de Senlis (1493) todo o Artois excepto Théroouanne; passando assim da casa de Borgonha para a de Austria, aquella provincia ficou estrangeira para a França durante 166 anos.

Voltaram para a cidade fronteira os maus dias com a grande liga formada contra Luís XII pelo Papa, o Imperio Alemão e os reis de Inglaterra e de Aragão. Em 1513, um exercito de 50.000 anglo-flamengos poz cêrco a Théroouanne; os franceses intentaram socorrê-la operando uma diversão por Enguinegatte: foi a «jornada das esporas» em que a sua cavalaria debandou, tomada de pânico, ficando prisioneiros o duque de Longueville e Bayard, que não sabia fugir. Entregue à sua sorte, rendeu-se a cidade aos ingleses que lhe derrubaram as muralhas e entupiram os fossos.

As freqüentes lutas sustentadas pela França com o fito de expandir-se para o norte faziam de Théroouanne uma obra avançada de defesa da sua fronteira: Francisco I reputava-a de enorme importancia intitulado-a «uma das almofadas em que um rei de França devia reclinar a cabeça para poder dormir tranquilo no seu reino», e ainda no intuito de fazer dela o principal baluarte contra as invasões vindas dos Países Baixos, reconstruiu e aumentou as suas fortificações. Os habitantes da cidade, por seu lado, habituados às sucessivas lutas de fronteiriços, belicosos por toda uma ancestrali-

dade guerreira, tornaram-se com os tempos o terror das vizinhas povoações, levando as suas correrias até junto das muralhas de Aire e de Saint Omer.

No decorrer das longas hostilidades entre Francisco I e Carlos V a cidade foi ameaçada pelos imperiais, sob o comando do conde de Buren, em 1537; o Delfim e o marechal Anne de Montmorency preparavam-se para dar-lhes batalha afim de libertarem a cidade quando sobreveiu a trégua aprazada entre as duas irmãs — as rainhas de França e da Hungria.

Morto Francisco I em 1547, parecia que voltaria a tranquilidade á devastada região. Mas não foi assim, e breve se reacendeu a guerra.

Henrique II a quem o sucesso de Metz e a doença de Carlos V haviam enchido de confiança, descurara a sua fronteira norte.

Em Março de 1553 a côrte de Paris era toda folguedos, bailes e torneios festejando o casamento de Diana de França, filha natural do rei, com o duque de Castro, esse Horacio de Farnesio, belo como um Apolo. Compreensível é a enorme surpresa com que no Louvre se recebeu a terrível nova de que vinha sobre Théroouanne um grande exercito de espanhois, alemães e holandeses. Ninguém previra tal eventualidade, e assim encontrava-se a cidade desprovida de abastecimentos e de tudo o mais necessario para sustentar um cêrco; alguns centos de mercenarios veteranos eram toda a sua guarnição.

Henrique II, na impossibilidade de melhor socorrê-la, enviou para lá imediatamente Francisco de Montmorency — filho do condestavel Anne que salvara a França no tempo de Francisco I — e com êle a flôr da brilhante mocidade que enchia de risos e de tinir de espadas os corredores e salões do Louvre. Ao mesmo tempo era despachado um proprio a levar ao senhor d'Essé, que desde 1549 governava Ambleuse, ordem para seguir para a praça ameaçada, de que assumiria o comando.

Valia bem por um exercito André de Montalembert, senhor de Essé e de Panvilliers. Gentil-homem do Poitou, iniciara aos 12 anos a sua carreira militar na expedição à Italia em 1495, acompanhando como pagem o senescal da sua provincia. Batera-se valentemente em Fornoue e passara depois a fazer parte da casa do duque de Angoulême — o futuro rei Francisco I. Justador elegante e esforçado, escolhera-o este principe para no celebre campo de Drap d'Or, em Balinghem, lutar em sua companhia e na de dois outros gentis-homens, na presença de Henrique VIII de Inglaterra, contra as quatro mais fortes lanças que no torneios e apresentassem. Assistira à invasão do Piemonte pelo almirante Chalot em 1535, tomara Turim e, de escalada, o castelo de Ciria.

Carlos V conhecia-lhe pessoalmente a coragem e a actividade: em 1543 puzera Landrecies em estado de defesa e, com escassos viveres e reduzida guarnição, atacado por 50:000

homens comandados pelo proprio imperador, mantivera-se durante tres meses e meio até que a chegada de Francisco I o libertou. Mal eram passados dois anos após isto quando os ingleses entraram a devastar o Boulonnais, atacando o forte de Outreau, que Essé brilhantemente defendeu. Feito tenente-general em 1546 e investido no comando duma expedição em socorro da Escocia atacada pelos ingleses, bateu-os em Haddington e enviou para França Maria Stuart, noiva aos seis anos do Delfim que apenas cinco anos de idade contava. . . Finalmente, fôra-lhe dado o govêrno de Ambleuse, posto de honra e de perigo, sempre ameaçado pelos ingleses, cargo de que vinha afastá-lo a ordem régia.

Thérouanne, ao tempo, dispunha de fortificações adequadas ás exigencias militares da época. Fortes bastiões acobertavam-lhe os pontos vulneraveis, circundava-a um espesso muro de tijolo e um profundo fôssso tornava difficilimo o seu acêssso. Mal houvera, porêm, tempo para se fazerem algumas obras de melhoramento das condições de defesa da praça quando em frente dos seus muros se apresentaram os sitiantes.

Contava 60:000 homens o exercito imperial ; compunha-se dos corpos de tropas alemães e do ducado de Gueldre que sob o comando de Martyn Van Rosen estivera destinado a operar no Luxemburgo, e dos de wallons, borgonhoses e espanhóis, indicados desde o principio

para operar na Picardía sob as ordens do conde de Reussio, investido por Carlos V no mando supremo dos sitiadores.

Reconhecida logo de comêço a dificuldade de tomarem Thérrouanne de assalto, circumvallaram-na os imperiais conforme as regras da poliorcetica da época, abrindo-se a trincheira em 13 de Abril de 1553. Uma artilharia poderosa entrou desde logo a bater a praça: canhões de projecteis de 40 libras vienenses, meios canhões de 24, quartos e colubrinas de 12 e canhões comuns de 6, estrondeavam num infernal despique.

A campanha em tórno ostentava uma nunca vista variedade de tipos e de equipamentos bélicos. Acotovelavam-se ao longo dos renques de tendas que se estendiam a perder de vista, piqueiros e arcabuzeiros das diferentes nacionalidades do Imperio: holandeses e dinamarqueses, membrudos e arruivados; soldados das coronelías alemães, barba á Dürer, gôrra de plumas, brunidas couraças sobre os gibões golpeados, meias calças apertadas em fóle no joelho, sapatas de fivela, e armados de partazanas caprichosamente recortadas e de longas espadas direitas pendentes do talabarte; wallons dos «bandos de ordenança» das Flandres, louros, barba em bico e chapéu emplumado; e finalmente, espanhóis «naturais,» magros, tismados, de morrião e couraça com escarcela, os arcabuzeiros e piqueiros de gibão e calças vermelhas com listas amarelas, e os tambores e pi-

fanos de gôrras amarelas com plumas vermelhas, golpeadas com listas amarelas os gibões e calças tintas de grã escarlata.

Emquanto a artilharia e a infantaria dos imperiais apertavam o cêrco, a sua cavalaria explorava as estradas de Arrás, de Montreuil e de Boulogne, por onde aos sitiados poderia vir socôrro. Homens de armas, de gibões e meias calças amarelas listadas de vermelho e destinados a combater unidos, «em esquadrão», rondavam durante o dia em torno do acampamento. Durante a noite, vigiavam os arredores e as estradas, no serviço das «grandes guardas» as companhias de cavalos ligeiros armadas de espada, suspensa a pistola no arção esquerdo, bem como os veteranos das lanças ginetas ou estradiotes, capa curta «á esclavona» presa aos ombros, e que em combate formavam á frente dos homens de armas, e carregavam em forrageadores, bem como os cavalos-ligeiros, pistola «tercerola» em punho, suspensa a espada do polegar esquerdo e avançando até ao alcance de tiro para fazerem a «rociada» ou descarga, lançando em seguida mão da espada para abordar o inimigo.

Por seu lado os sitiados não estavam inactivos e Essé multiplicava-se acudindo a todos os pontos em que pressentia perigo. Animava-os a esperança de que o duque de Vendôme não tardaria com o seu exercito a levar-lhes socôrro — e emquanto não lhes chegava o prometido auxilio, trabalhavam á porfia na repara-

ção dos estragos causados pela artilharia sitiante, tanto os esforçados *gendarmes* e os aristocraticos *chevau-légers* desmontados, como os mais humildes gastadores.

Corriam já semanas, os socorros não chegavam e a fome fazia-se sentir na praça; aos sitiadores nada faltava: as vizinhas populações flamengas e artesianas, empenhadas na ruina da praça e dos seus audazes e odiados habitantes, abasteciam largamente os imperiais; sobre as fogueiras rechinavam em espêtos de ferro grandes quartos de carne e dos toneis amarrados ás carroças dos vivandeiros corria a jorros a afamada cerveja loura de Armentières.

Essé, espirito belicoso e aventureiro, apesar de bastante doente na ocasião, aceitara com júbilo o encargo de defender Théroouanne e escrevia a um amigo: «Volto às lutas e juro-vos que a ictericia não terá a honra de matar-me, porque, decididamente, quero morrer na guerra e não volto de lá sem o conseguir».

Despedindo-se do rei, dizia-lhe:

— *Sire*, quando souberdes que Théroouanne foi tomada, podereis ter a certeza de que Essé não morreu de ictericia!

Ao fim de dez dias de assédio havia já uma brecha de sessenta passos de largura.

O cêrco prolongava-se e neste meio tempo falecia o conde de Reussio. Assumiu então o comando do exercito imperial um jovem herói de 25 anos, sobrinho de Carlos V e futuro herdeiro

do ducado de Saboia. Emmanuele Filiberto, filho da princesa D. Beatriz (a amada de Bernardim Ribeiro) neto portanto de D. Manuel I, (1) começava a patentear as qualidades que mais tarde o imortalizariam como grande capitão e estadista hábil entre os mais hábéis do século XVI, vencedor de Saint Quentin e fundador do reino do Piemonte e das Duas Sardenhas.

Desapossado seu pai, o duque Carlos III, pelos franceses que apenas lhe haviam deixado Nice, destinava-o a familia à vida eclesiastica; porém, logo que chegou à idade propria abraçava a carreira militar entrando ao serviço de Carlos V. Novo ainda, tendo como unico patrimonio as suas armas nas quais, em volta da cruz branca sobre escudo vermelho dos Saboias se destacava a orgulhosa divisa — *Spoliatis arma supersunt* — tinham-no os soldados cognominado o «Príncipe dos cem olhos» e o «Cabeça de ferro», tantas vezes em batalhas como as de Nordlingen, Muhlberg, Renty e no cêrco de Metz haviam testemunhado as suas qualidades de tactico habil e cheio de sangue frio, intrépido na luta e generoso na victoria.

Emmanuele Filiberto aparece-nos efectivamente, entre os homens do seu tempo como um dos mais belos produtos da Renascença: a uma coragem e vigor fisico de guerreiro medie-

(1) Com este fundamento foi um dos pretendentes à corôa de Portugal, vaga em 1580 pela morte do cardinal rei D. Henrique.

val, aliava a vasta cultura humanista dos próceres italianos coevos de Miguel Angelo e de Leonardo de Vinci. Avultavam nêle então, como sentimentos dominantes uma profunda gratidão a Carlos V e o firme propósito de jámais pactuar com os franceses, que haviam espoliado seu pai, cuja morte não pôs fim á occupação dos seus dominios (1).

A experiente e rija velhice de Essé ia encontrar um formidavel adversario na ardente coragem, incansavel imaginação, seguro golpe de vista e faculdades de rápida execução do jovem chefe — e entre os dois, no pendor invencível do sexo, a Fortuna não hesitaria . . .

Os trabalhos do assédio receberam logo grande impulso; completou-se a linha de circumvalação e deu-se nova disposição ás baterias cujas peças, habilmente colocadas, breve abalaram com um canhoneio terrível os muros de Thérouanne.

Em 12 de Junho havia já diversas brechas praticaveis: Emmanuele Filiberto determinou então o ataque geral. Dada a ordem pelos mestres dos terços, os sargentos-móres, bastões colados á ilharga e ao largo galope das ginetas «corcesgas» percorreram as linhas transmitindo-a ás companhias. Os pífanos fizeram o

(1) Feita a paz com a França pelo tratado de Cateau Cambrésis, casou com Margarida de França, irmã de Henrique II, rehavendo assim a maior parte dos seus estados.

toque de *arma furiosa*: os alferes desfraldaram ao vento os estandartes imperiais onde sobre fundo amarelo negrejava a coroada aguia bicéfala da casa de Austria, e ao toque de *battalla soberbia* repetido por todos os pífanos e tambores do campo, tudescos, frisões, espanhóis e wallons arremessaram-se bravamente ao assalto em seguimento dos guiões respectivos.

Erriçaram-se de defensores as cristas das muralhas da praça; a luta começou, ardente e feroz, e aos brados:

— ¡«Santiago! Imperio!»

Respondiam os franceses com o seu grito de guerra:

— ¡«Montjoie, Saint Denis!»

Essé, pródigo da vida e do esforço expunha-se nos pontos mais ameaçados. Ao terceiro assalto, vendo assomar à brecha um oficial espanhol, precipitou-se ao seu encontro gritando-lhe:

— ¡A mim! Sou eu o general!

Uma bala derrubou o oficial antes de se encontrarem frente a frente mas, com um tiro de arcabuz, o soldado que acompanhava o espanhol feriu mortalmente Essé; nem assim fraquejou a defêsa e, ao cabo de dez horas de refrega, os pífanos e tambores dos imperiais com os toques de *retirada presurosa* assinalavam a desistencia de levar naquele dia a melhor da resistencia dos sitiados. Aos franceses, porém, o combate custara, além da irreparavel perda do seu heroico governador, a de nune

rosos soldados e gentis-homens de renome.

Os sitiadores recorreram então ás minas; um dos seus engenheiros delineou uma que devia fazer ir pelos ares o terraplano principal; chegada a ocasião, o efeito não correspondeu à expectativa, e os espanhóis que, após a explosão, deviam penetrar pelo boqueirão aberto, tiveram que desistir.

Planearam-se outras minas, redobrou de violencia a artilharia sitiante e, na tarde de 20, numerosas brechas se escancararam na muralha. Emmanuele Filiberto mandou então lançar fogo a essas minas e ordenou novo assalto. Com a costumada impetuosidade arrojaram-se ao ataque os espanhóis e, em seu seguimento, os flamengos, dispostos a vencer a todo o custo a resistencia dos sitiados que presumiam desesperada; mas o moral dêstes estava já muito abalado, debilitadas as forças pelas privações e doenças, rareadas as fileiras pela morte dos seus mais bravos combatentes — entre eles os senhores de Vienne, de Beaudisné, de Blandy, de La Roche Posé e o bravo capitão Ferrières; em vão Francisco de Montmorency, que substituíra Essé no govêrno da praça, tentava insuflar-lhes esperança no exito da resistencia.

Os imperiais, fazendo explodir alguns fornilhos, entupiram parte do fôssô: pelo caminho praticavel, espanhois e flamengos galgando os montes de escombros avançaram até ao sopé da muralha e, enquanto uns aprumavam

as longas escadas, outros, mais ardidos, e impacientes, fincavam nas juntas dos tijolos os contos dos piques, tentando assim a escalada.

O minguado numero dos sitiados mal chegava já para acudir a todos os pontos atacados; Francisco de Montmorency, reuniu à pressa o conselho de officiais, assentando-se em que a guarnição capitulasse mediante as condições de lhe garantirem as vidas e de conservar as armas, e nesse sentido se enviaram logo parlamentarios a Emmanuele Filiberto. A discussão das condições, porém, protelava-se; as idas e vindas de parlamentarios impacientaram a soldadesca sitiante que, ao cabo de algum tempo, sem ordem dos chefes, irrompeu tumultuariamente por varias brechas a dentro da praça, matando quantos fôram encontrados com armas, e salvando-se o proprio Montmorency graças à dedicação do senhor de Ouartique, ferido mortalmente ao defendê-lo, faleceu pouco depois. Manifestaram-se especialmente ferozes na chacina tudescos e flamengos; os espanhóis, ou por gratidão pela cortezia com eles havida em Metz no ano anterior, ou por mais ávidos de dinheiro, salvaram muitos gentis-homens e soldados franceses guardando-os para resgate.

Debelada assim toda a resistencia (20 de Junho) ficaram prisioneiros os defensores da cidade que escaparam — e, entre êles, Montmorency, que só regressaria a França em 1556 para receber o governo de Paris e, depois de

anulado o seu matrimonio com *Mademoiselle* de Piennes, casar em 1557 com Diana de França, viuva daquêle mesmo Horacio de Farnesio, duque de Castro, que pouco depois da quêda de Théroouanne morrêra no cêrco de Hesdin (1553).

Sabedor da tomada de Théroouanne, não só em represalia da sua aturada resistencia mas tambem pela dificuldade de conservar baluarte tão avançado em terras do rei de França, que a todo o transe procuraria reconquistá-la por ser a chave do caminho mais curto da Flandres a Paris, mandou Carlos V arrazá-la, trabalho efectuado por 2:000 gastadores e em que de tão bom grado se empenharam as visinhas populações que, após um mês não restava de Théroouanne pedra sobre pedra.

No lugar onde ela existira, fez colocar um marco tendo gravadas as palavras *DeLetI MorInI* — em cujas letras está contida a data da sua destruição.

Para que nenhuma memoria restasse da cidade que durante tanto tempo desafiára o seu poderío, fez Carlos V extinguir o bispado de que ela fôra séde, criando-se em seu lugar os de Boulogne, Yprés e Saint Omer. A' cathedral desta ultima ofereceu o grande grupo de liós, do século XIII — o Cristo assentado entre a Virgem e S. João Evangelista — que encimava a 25 metros de altura a porta principal da cathedral de Théroouanne, cujo relógio foi dado a Cassel. A pouco e pouco, da cidade nem as pedras fi-

caram; ainda hoje vemos nos humildes muros das herdades das próximas povoações de Clarques, Ecques e Rebecques blócos do liós esquadriado da orgulhosa capital da Morinia.

O imperador proibira formalmente que no local se construísse qualquer outra povoação: perdurou a proibição através dos tempos; apesar do tratado de Cateau Cambrésis (1559) haver dado á França o local onde a cidade existira, nunca mais foi reconstruída, e a maldição inerente ao nome atingiu as proprias imediações... Alguns dos foragidos habitantes, irresistivelmente apegados á terra, aproximaram-se e, receosos, ao fundo do vale, no local onde assenta a actual povoação, levantaram uns casebres: destruíram-nos os proprios franceses em 1628. Um século depois, algumas casas teimavam em erguer-se perto daquelle chão amaldiçoado: arrebatou-as uma tempestade e, em 1799, um incendio completava a destruição.

Em 1801 levantou-se a mesquinha povoação que hoje se vê, desde logo arvorada em cabeça dum cantão da circunscricção de Saint Omer: pois nem essa honraria lhe restituiu uma sombra de prosperidade da sua grande homónima. Thérouanne, verdadeiramente, morreu.

De Ypres a episcopal, de Reims a das sacrações riais, de Arrás a esplendida, cujos habitantes, dizia Richelieu que eram «mais espanhóis que os proprios castelhanos», ainda a Grande Guerra deixou ruínas que acolhem o visitante heroicas e altivas como guerreiros mu-

tilados. De Théroouanne — como dêsses rincões da terra sobre os quais pesa, mais implacavel que o anátema dos deuses, a maldição dos homens e a aniquiladora acção do tempo, restam apenas — um nome e um cemiterio.

E para que tudo nela busque o olvido, á hora recolhida do entardecer, para os grupos de soldados que ali momentaneamente repousam das fadigas da trincheira, nos balcões de zinco das locandas, sob o olhar e ante o sorriso profissional das louras damizelas, corre a flux, novo Lethes do esquecimento, a cerveja amarga da Flandres . . .

D. Francisco Manuel de Melo em Flandres

Encontravamo-nos em terras onde, segundo a tradição portuguesa, compatriotas nossos haviam militado com brilhantismo durante a primeira metade do século XVII. Interessante supuz procurar vestígios da sua passagem pelos antigos estados de Flandres e do Artois, pertencças, ao tempo, da corôa de Espanha

Em vão desejo ficaria a aspiração. Por um lado, os afazeres dos diferentes cargos da minha especialidade que durante a guerra ali desempenhei nunca me deram folga que permitisse dedicar-me ao assunto; por outro lado, as dificuldades a vencer por quem quer que pretendesse consultar os arquivos das cidades de Flandres e Artois não ocupadas pelos alemães, seriam tais e tantas que por certo o fariam desistir.

Nestas circunstancias, devendo reportar-me principalmente a fontes nacionais, tive que pôr de parte a interessante questão dos efectivos portugueses e sua distribuição pelos «terços» em Flandres.

Os numerosos nomes de generais e de cabos de guerra portuguezes não deixam subsistir dúvidas de que tenham vindo também soldados, em aproximada proporção. São pouco menos que mudos sobre este particular os historiadores portuguezes da época da união politica com a Espanha, e só duma ou outra obra e das biografias de militares nossos compatriotas algo se poderá forragear sobre o assunto.

Escasseiam, infelizmente, os elementos para se reconstituirem muitas delas, e entre outras, a daquele celebre D. Felipe da Silva ⁽¹⁾ que tendo começado por capitão de cavalos em Flandres, foi depois tenente general da cavalaria e mestre de campo general em Milão, general da cavalaria, comandante do exercito espanhol do Palatinado, e finalmente generalissimo das armas da Catalunha.

Depois da revolta de Evora em 1657, sobretudo, os estadistas espanhóis faltando ás condições aceites em 1581 por Felipe II em Tomar, que garantiam aos portuguezes o direito de militarem só na defesa das possessões da corôa de Portugal, procuraram consolidar a união desta á de Espanha com a prática dum exercito comum.

É curioso constatar que, pretendendo tirar-nos todos os elementos de reivindicação da nossa independencia, os espanhóis com o obri-

(1) D. Felipe da Silva, filho do 4.º Conde de Portalegre, nascido em 1589 e falecido em 1645.

garem os nossos a servir nas guerras de Flandres, proporcionaram-nos chefes e soldados experimentados para os exercitos que nos asseguraram o triunfo da revolução do 1.º de Dezembro de 1640: está nisto o segredo de muitos dos nossos sucessos.

Não eram constituídas exclusivamente por soldados bisonhos as tropas que a partir de 1641 opuzemos aos espanhóis: tinham aprendido na mesma escola que estes, e assim se explicam as suas vitorias sobre os melhores generais da Espanha.

Conhecedor do incremento que tomavam em Portugal as ideias de separação da Espanha, Richelieu, já em 1637, para marcar bem o quanto nos julgava distintos daquela nação, ordenava que fôsem postos em liberdade os portuguezes aprisionados a bordo dos navios espanhóis, facilitando, depois de 1640, assim como os holandeses, seus aliados, a deserção em massa dos portuguezes que serviam nos terços da Espanha e que, regressados a Portugal, vinham aumentar valiosamente os exercitos da independencia portugueza. Este éxodo attingiu uma importancia tal que D. João IV por varias vezes teve na Holanda agentes diplomaticos com a missão de reunir e embarcar para o nosso país os desertores portuguezes que desejavam pôr a sua coragem e experiencia ao serviço da causa da libertação da Patria.

Olivares, em 1639, «para sangrar as forças do reino» levára Felipe IV a determinar que se

levantassem no nosso país quatro regimentos e mais dois terços de infantaria «voluntaria» destinados ao exercito das Flandres, cujo comandante, o Cardial Infante D. Fernando, instantemente pedia reforços.

Na orientação ainda de prosseguir na nossa desnacionalização, ordenou-se que fôsem incorporados na armada de D. Antonio Oquendo os galeões portuguezes que os haviam de transportar — e sendo mesmo dado o comando dalguns dêsses galeões a capitães espanhóis.

Os quatro regimentos deviam ser recrutados em Portugal, e dois terços nas ilhas dos Açores e Madeira.

A «praça de armas» para todos seria a cidade da Corunha, na Galiza.

Do comando do terceiro terço do primeiro regimento continental foi incumbido D. Francisco Manuel de Melo, cabendo-lhe o recrutamento nas comarcas de Elvas, Pinhel, Porto, Miranda e Moncorvo. (1)

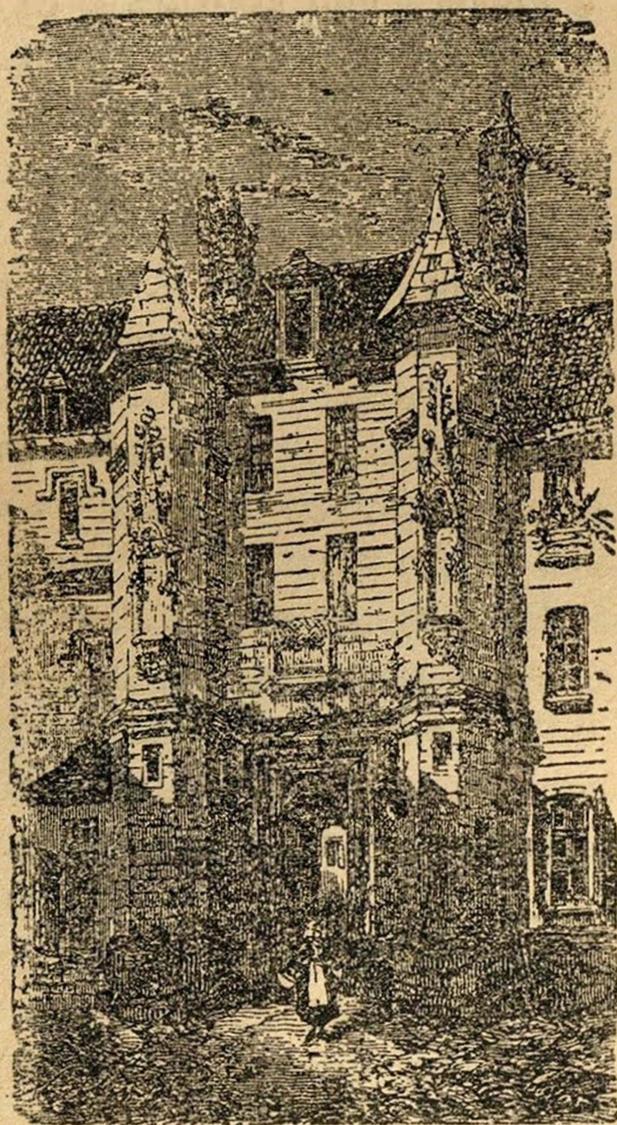
A Belchior Correia da França coube para recrutamento a Extremadura, e ainda uma parte do Alemtejo.

Dos contingentes das ilhas fôram encarregados — primeiramente D. Diogo Lobo, e depois Francisco de Bettencourt de Sá.

Nenhum destes capitães acompanhou D. Francisco Manuel na longa viagem até á Corunha.

(1) Varias dificuldades sobrevindas, fizeram com que nêle se alistassem tambem espanhóis.

D. Diogo Lobo recebeu destino para o Brasil, Bettencourt de Sá não chegou á «praça de armas» e Correia da França só mais tarde lá appareceu.



Calais — Hotel de Guise

Pela mesma ocasião um outro português, D. Simão de Mascarenhas, recebia ordem de, para o mesmo fim, levantar um terço em Andaluzia.

D. Francisco Manuel de Melo achava-se então em pleno vigor da vida ⁽¹⁾ e no apogeu das brilhantes qualidades que o distinguiram entre os homens da sua geração — e nem a experiencia militar lhe faltava, pois começara a servir em 1625 e desde então assistira a varios combates nas armadas de que fizera parte.

O seu terço contava 1:170 homens, sendo: espanhóis 6 officiais e 594 praças, e portugueses 5 officiais e 565 praças, e chegou á Corunha em fins de Maio de 1639. A cidade estava ameaçada de ataque pela armada francesa do arcebispo de Bordeus, Henri de Sourdis, e o Marquês de Valparaiso, governador da Galiza, encarregou D. Francisco Manuel do comando de mais dois terços portugueses que já ali havia (os de Bettencourt de Sá e de Correia da França) e, mais tarde, de toda a infantaria, cêrca de 8:000 homens reunidos na cidade.

A armada francesa, 70 velas, apresentou-se em frente da Corunha em 16 de Junho, mas foi repelida, sendo brilhante a conduta de D. Francisco Manuel durante a acção.

A armada que devia conduzir as tropas a Flandres appareceu emfim, em principios de Agosto. Compunha-se de 22 navios e juntando-se-lhe os que já se encontravam na Corunha, ascendia a 70 embarcações, 36 das quais eram transportes. Comandava-a D. Antonio

(1) Contava 31 anos de idade, pois nascera, segundo a melhor versão, em 1608.

Oquendo, Almirante Rial do Mar Oceano, que arvorava o seu pavilhão na capitânia, o *San Baltasar*.

Da frota faziam parte muitos galeões portugueses, dos mais poderosos da nossa armada de então, sobresaindo entre todos o galeão *Santa Teresa* comandado por D. Diogo Lopo de Ossis «que só por si valia uma esquadra». (1)

Foi D. Francisco Manuel encarregado do embarque de toda a gente de guerra, e em dois dias pôs a bordo cerca de 10:000 soldados — o que lhe originou tal fadiga que lhe trouxe enfermidade para mais de um ano.

D. Francisco Manuel embarcou finalmente, com o seu terço, no galeão *San Francisco*, de que era capitão Salvador Rodrigues (2) assumindo porém D. Francisco o comando, logo depois de embarcado, em virtude de ter patente mais elevada.

A armada de Oquendo saiu em demanda das

(1) D. Francisco Manuel de Melo — *Quarta Epanaphora*.

(2) Curiosa figura de marinheiro português do sec. xvii. Nascido em Almada, alistou-se como grumete nas naus da India, passou depois a marinheiro, bateu-se no Mar Vermelho e no Indico na frota de Rui Freire de Andrade e caiu prisioneiro dos ingleses na acção naval do Poço de Çurráte. Ascendendo a capitão, antes dos 40 anos pelo seu valor e conhecimentos nauticos era almirante da armada de Dunkerque, da qual era tambem um dos mais afamados capitães o português Francisco Ferreira.

costas de Flandres e, chegando ás aguas do Canal de Inglaterra em 11 de Setembro, dobrava pouco depois o cabo Lizard. Em 15 teve o almirante noticia de que andava em sua busca a frota holandesa de Tromp, desacompanhada, porém, da francesa.

Ao amanhecer de 16, avistavam os gageiros de Oquendo parte da frota holandesa com os seus grandes pendões e estandartes desfraldados. Aproximados a distancia de tiro de peça os navios rivais, rompeu furioso o combate — com violencia tal de canhoneio que causou pavor na costa inglesa e, a mais de sete leguas dali, partiu todas as vidraças de Calais, sendo ouvido distintamente, tiro a tiro, em Cambrai — a 22 leguas de distancia!

Após seis horas de luta a errada manobra de Oquendo fazia com que a vitoria pendesse já para o lado dos velozes navios de Tromp aos quais, durante a tarde, juntavam-se os navios do almirante Witiken; nesta altura, porém, a falta de polvora forçou os holandeses a arribar a Calais; e a frota de Oquendo, á qual tambem já escasseavam as munições, singrou para as Dunas.

Tromp foi facilmente remuniciado pelos franceses, seus aliados, enquanto que o seu rival Oquendo não era tão feliz nas suas diligencias para obter polvora dos ingleses que, apesar de neutros na contenda, por velho ciume da Espanha e levados tambem por preconceitos de differença de religião, foram duma transparente parcialidade contra êle.

Fartamente abastecido, ficou Tromp em superiores condições, e manobrando com presteza, conseguiu bloquear a frota espanhola nas Dunas, cortando-lhe todas as comunicações com as Flandres.

O Cardial Infante D. Fernando, governador dos Países Baixos espanhóis, ancioso pelos reforços que a armada de Oquendo lhe trazia, diligenciou favorecer-lhes o desembarque: foi um português, o mestre de campo D. Simão de Mascarenhas, quem foi enviado a combinar com o almirante a maneira de fazer passar de Inglaterra para Flandres as tropas e o armamento transportados na esquadra.

Assentou-se em que se despacharia de Dunkerque a maior quantidade possível de embarcações ligeiras, as quais, amanhecendo nas Dunas e arrimada cada qual a seu navio, durante a noite, iludindo a vigilancia dos holandeses poderiam sair carregadas e guarnecidas. Assim se fez. Na manhã de 27 de Setembro juntaram-se no porto 56 fustas e balandras em que embarcaram os terços, divididos porém por diversas delas para que, perdida uma parte, sempre alguma outra se salvasse . . .

Favorecidas pelo nevoeiro saíram efectivamente as embarcações entrando em Dunkerque: só para o fim é que os holandeses perceberam o ardil e aprisionaram apenas sete ou oito balandras carregadas de infantaria.

Para protecção e saída da frota espanhola foi enviado a Londres Alonso de Cárdenas que

teve que lutar com a fraquesa e duplicidade de Carlos I. A atitude do almirante Pennington, e os episodios sucedidos com o fornecimento de polvora, são bem característicos da má vontade dos ingleses.

Em 21 de Outubro recomeçou a batalha, atacando Tromp os espanhois. O efeito da surpresa e os brulotes principalmente, deram a vitória aos holandeses que incendiaram assim o *Santa Teresa*, capitânia, com 700 homens de guarnição, forçando-o a arribar ao porto de Mardyck com 1:700 rombos de bala no costado.

Desembarcado o seu terço, D. Francisco voltou novamente para bordo e assistiu ao final da batalha, na qual morreram 900 portuguezes. Os espanhóis perderam ao todo 6:000 homens, 43 navios, 600 peças de bronze e todos os almirantes excepto Oquendo, que a muito custo salvou o estandarte. (1)

Pouco tranquila foi a vida de D. Francisco em Novembro e Dezembro de 1639.

Nomeado em Flandres para serviço que competia á sua patente, o seu feitio altivo e pundonoroso acarretou-lhe logo de comêço um conflito com um alto personagem, de que lhe resultariam graves consequencias se o Cardial Infante D. Fernando não houvesse tomado o expediente de o mandar em comissão para o exercito da Alsacia.

(1) *D. Francisco Manuel de Melo* por Edgar Prestage.

Três cartas familiares suas são de Dezembro. Em 21, estando em Bergues, dirigia ao marquês de Veladia uma carta de critica literaria, e de Hondschoot (Anascot) escrevia a Rodrigo Mendes Silva, judeu português, historiador de Espanha, agradecendo-lhe a remessa da *Vida de Nun' Alvares*, dizendo-lhe ter falado do livro a professores da Universidade de Lovaina e entre eles a Ericio Puteano, (Henri Dupuy ou Van der Putte) sucessor de Justo Lipsio na cadeira de Historia Universal e Belas Letras, bém como ao bispo de Ypres, dos quais era amigo. Em 30 escrevia de Alost a um ministro queixando-se da sua saude, que muito sofria com o clima da Flandres... o que deve ter sido causa de não chegar a seguir para a Alsacia e de regressar a Espanha.

Em principios de 1640, chegado a Madrid, para premio dos seus grandes serviços foram-lhe propostas uma comenda e varias tenças, mercês a que sempre se opôs o Conselho de Portugal da côrte espanhola, com razão suspeito da pouca afeição do português pela corôa de Espanha.

Encarregado de assistir o Marquês de los Vélez no comando do exercito que operava contra a Catalunha revoltada, regressou a Portugal após a revolução de 1640 e tomou parte nas campanhas da restauração. Preso em Lisboa em virtude duma accusação a que não foi estranha uma intriga amorosa, foi ali que escreveu em 1644 a sua notavel *Historia de los movimien-*

tos, separacion y guerra de Cataluña, obra que lhe conquistou fóros de classico na literatura espanhola.

Como se vê, não foi tão longa quanto vulgarmente se supõe, a carreira militar de D. Francisco Manuel de Melo em Flandres e, se o seu nome é de todos os portuguezes o mais citado sob tal ponto de vista, é isso devido á notoriedade que lhe grangearam os seus escritos, á grande influencia exercida pelo seu talento sobre os contemporâneos, ao seu renome de belo espirito e ao estranho encanto da sua vida de soldado e de aventureiro.

Um General Português em Flandres no seculo XVII

Na Praça da Gare da cidade de Aire, orla norte, caminho da rua de Isbergues, perfila-se isolada como um arco de triunfo, a massa escura da porta de Arrás.

Uma inscrição recorda que esta porta, construída no primeiro quartel do seculo XVII, foi reconstruída pela municipalidade, há alguns anos, após a demolição da cintura de muralhas.

Ante este monumento que lembra as tradições guerreiras da cidade, transporto-me em imaginação á época da construção daquela porta — á quadra em que um nome português foi pronunciado aqui e em toda a região, com admiração ou com odio, nunca com indiferença: o de D. Francisco de Melo, conde de Assumar, governador dos Países Baixos espanhóis por Felipe IV, comandante dos exércitos das Flandres e do Artois, e perante quem a guarnição francesa da praça de Aire-sur-la-Lys capitulou em 7 de Setembro de 1641.

D. Francisco de Melo (Bragança) nascera em Lisboa em 1597 e era filho segundo de D. Constantino de Portugal Bragança e Melo, marquês de Ferreira, conde de Tentugal e de Olivença, e de sua mulher D. Eugenia, filha do duque de Bragança D. Diogo, (irmã do duque D. Teodosio, avô do duque D. Teodosio II pai de D. João IV). Descendia portanto da casa de Bragança pelas linhas paterna e materna.

Tendo ido novo ainda para Madrid, assistiu a coroação de Felipe IV que o nomeou gentil-homem da sua camara e veador de sua esposa, a rainha D. Isabel de Bourbon.

Em pouco tempo adquiriu grande valimento na côrte espanhola, e entrando na diplomacia foi em 1633, na qualidade de embaixador de Saboia á Italia, intervindo por dever de officio num tratado que devia ajustar-se entre o duque e a Republica de Génova. Cita-se dêle um factó que nessa ocasião se deu, comprobativo da sua astucia. O tratado, com a assinatura do duque de Saboia, estava já em Génova, mas os ministros da Republica exigiam, no entanto, que se lhe acrescentassem duas palavras importantes. Mais por orgulhosa teimosia do que com fundamento negaram-se os representantes do Saboia a aquiescer a esse desejo que teria como resultado ter o tratado que ser reenviado ao duque. A discussão protelava-se e ambas as partes se mostravam irreductiveis; não vendo outra forma de terminar a disputa, D. Francisco de Melo que assistia ás discussões,

deu, como por acaso, um encontrão no tinteiro que se entornou sobre o litigioso documento, tendo-se assim que pedir uma segunda via á



D. Francisco de Melo, conde de Assumar

côrte de Turim, e D. Francisco que para ali se trasladára imediatamente, com facilidade obteve do Duque a inclusão das duas palavras. . .

Em 1636 foi D. Francisco feito conde de Assumar e, entrando no serviço do exército, militou com brilho nas campanhas de Italia.

A sua carreira foi depois o mais variada possível : depois de governar politicamente Milão no impedimento do Marquês de Leganés, vêmo-lo desempenhar varias comissões diplomaticas em Colonia, Bruxelas e Viena de Austria.

Em 1638 foi promovido a mestre de campo general, comandou o exercito na Lombardia, tomou a cidade de Pomara, e foi nomeado em seguida vice-rei da Sicilia. Esta recompensa a quem tão poucos anos de serviços militares tinha, deu ocasião a que murmurassem os que se julgavam preteridos.

Demonstrou grande zelo durante o seu vice-reinado que foi curto, pois foi nomeado comandante do exercito do Milanês e embaixador á Dieta de Ratisbona.

Nesta ocasião desempenhou um serviço que lhe acarretou a severa censura da Historia. Portugal proclamara a sua independencia em 1640. D. Francisco de Melo bafejado por todos os benesses de Felipe IV ficou do lado de Espanha e aceitou a ingloria missão de ir á Alemanha tratar com o imperador Fernando III a entrega aos espanhóis do desditoso D. Duarte de Bragança, seu primo, que estava então em Ulm servindo voluntariamente nos exercitos imperiais e que veio a morrer em 1649 no cativo, na cidadela de Milão, pelo crime de ser irmão de D. João IV. O imperador hesitava e

D. Francisco fez uma obra prima da tortuosa diplomacia do século XVII captando, no sentido de lhe favorecerem as diligencias, a imperatriz, o secretario e o confessor do imperador, e até Piccolomini, sob cujas ordens servia o desventurado D. Duarte.

Este procedimento causou geral indignação em Portugal onde o novo monarca mandou confiscar os bens e declarar traidor ao Conde de Assumar.

De Milão passou a militar em Flandres, não sendo todavia bem conhecida a data precisa da sua vinda, presumindo-se apenas que tivesse sido no começo do segundo semestre de 1641, indo servir no exercito comandado pelo Cardial Infante D. Fernando, irmão do rei de Espanha Felipe IV.

Bem difficil era nessa ocasião a situação dos exercitos espanhóis naquele teatro de operações. O marechal francês La Meilleraye, continuando a conquista do Artois iniciada no ano anterior, cercara Aire-sur-la-Lys que, após dois meses de resistencia, capitulara em 26 de Julho de 1641.

O corpo de exercito espanhol de Carlos de Lorena fôra em auxilio dos principes franceses revoltados contra a autoridade real por odio a Richelieu e, privado assim o Cardial Infante dum tão importante núcleo das suas tropas, tivera que limitar-se a cobrir quanto possivel as praças da Flandres.

A diversão dos principes rebeldes foi debe

lada pelos exercitos de Richelieu e as tropas de Carlos de Lorena regressaram ás Flandres. O Cardial Infante retomando então a ofensiva, forçou La Meilleraye a evacuar o campo entrincheirado de Aire e ocupou immediatamente as linhas de circunvalação dos franceses, que estes não tiveram tempo de destruir.

O marechal Brezé, acorrendo em auxilio de La Meilleraye com o exercito da Champagne, ainda tomou várias aldeias e devastou parte do Artois, mas não conseguiu desalojar os espanhóis do campo de Aire, nem socorrer a praça.

Nos primeiros dias de Setembro falecia, viti-mado por uma febre maligna, aos 32 anos de idade, o Cardial Infante. D. Francisco de Melo assumiu então a chefia do exército sitiante e no dia 7 do mesmo mês a praça de Aire capitulava.

Nomeado membro do conselho governativo das Flandres e comandante em chefe dos exercitos espanhóis naqueles dominios, desenvolveu o conde de Assumar grande habilidade captando a simpatia das populações, e demonstrou tambem notavel zêlo em angariar recursos de toda a especie, reorganizando os exercitos, bastante diminuidos e abalados, preparando-os para entrarem em campanha logo no comêço da primavera do proximo ano de 1642.

Para criar dificuldades á Espanha, Luís XIII resolvera auxiliar os revoltosos da Catalunha, mas, antes de saír de Paris com esse fim, entregara o governo do reino ao principe de Condé

e determinara que se aproximassem da fronteira norte o exercito do Conde de Harcourt, concentrado em Péronne, e o do Conde de Guiche, reunido em Marles (Champagne).

Sabedor disto, D. Francisco de Melo resolveu aproveitar o tempo chuvoso, a forçada inacção dos holandeses — então aliados á França — e a demora dos franceses em atingirem a fronteira do Artois, e concentrou em Douai em principio de Abril de 1642 um exercito de 20:000 infantes e 8 a 10:000 cavaleiros tendo como mestre de campo general (chefe do estado maior) o conde de Fontaine, deixando apenas algumas tropas de infantaria, sob o comando de Vilamôr, em Diest (Mosa) e 19 companhias de cavalos no Brabante.

Toda a região do Somme estava devastada — não podendo assim D. Francisco efectivar a sua primeira intenção que fôra a de ocupar um ponto qualquer sobre o rio, a curta distancia de Cambrai, antes que o inimigo a isso se pudesse opôr. Resolveu então tomar La Bassée, praça importante e bem fortificada, e mascarou o seu plano marchando na direcção de Arrás e inflectindo em seguida sobre Lens, cuja posse lhe facilitaria o ataque a La Bassée.

O grosso do exercito espanhol ficou a duas léguas da praça fazendo frente aos exercitos inimigos; o corpo de tropas do Barão de Beck ⁽¹⁾ ficou em observação junto de Valenciennes;

(1) João Beck, (1588-1648) luxemburguês ao serviço de Espanha. Foi sucessivamente pastor, postilhão, sim-

Andrea Cantelmi, com 8:000 soldados marchou sobre Lens, cuja guarnição de 600 homens capitulou logo ao primeiro assalto, em 19 de Abril

O exercito espanhol aproximou-se então de La Bassée. Esta praça era bem mais importante do que Lens, tinha sólidas fortificações abaluartadas e defendiam-na 3:000 soldados: nestas condições seria difficil e custaria muitas vidas o tomá-la de assalto, pelo que D. Francisco fez circumvalar a praça e dispôr tudo para um assédio em regra.

Atravessava os extensos pântanos da região, prolongando-se até ao Mar do Norte, uma grande calçada, formidavel obra de defesa construida por um dos primeiros condes da Flandres. Foi por ali que os espanhóis intentaram avançar: os sitiados contra-atacaram porém com ardor e cortaram a calçada em tres pontos, tendo os espanhóis muitas baixas na tomada dessas cortaduras, conseguindo todavia apoderar-se da calçada e estabelecer-se assim a poucos passos das fortificações inimigas.

Espalhada a noticia do cêrco, os marechais de Harcourt e de Guiche reuniram os seus exer-

ples soldado, e pela sua coragem e talentos militares ascendeu a tenente general, barão e governador do Luxemburgo. Distinguiu-se em Thionville (1640), no assédio de Aire (1641) e em Honnecourt. Tentou em vão salvar o exercito espanhol em Lens (1648): destroçadas as suas tropas lançou-se furiosamente no meio dos franceses, caíndo crivado de golpes. Transportado a Arrás, morreu ali das feridas que recusou deixar cicatrizar.

citos em Péronne e resolveram acudir a La Bassée.

A noticia da vinda de socôrro chegou aos sitiados e reanimou a sua resistencia.

D. Francisco, ao mesmo tempo que fazia apertar o cêrco, preparava-se para repelir os socorros franceses tomando as seguintes disposições para o combate: a infantaria numa linha, tendo na sua retaguarda e flancos a cavalaria e ficando a artilharia colocada de espaço a espaço, nos pontos mais convenientes. Nesta situação o vieram encontrar os marechais Harcourt e Guiche em 26 de Abril.

O exercito francês avançou ameaçando a esquerda dos espanhóis: o certo tiro da artilharia dêstes fê-los, porém, retirar e abandonar a emprêsa. No mesmo dia e nos seguintes fizeram ainda os sitiados varias sortidas mas não conseguiram impedir que os espanhóis tomassem o caminho coberto e que, desembocando por êle no fôssô, que entulharam, chegassem até junto dum dos baluartes, já abalado pelo fogo da artilharia.

A cavalaria espanhola teve nesta ocasião um brilhante papel: ao repelir as sortidas dos sitiados carregava entre as trincheiras e a esplanada da contra-escarpa, arrostando com a fuzilaria do caminho coberto e com a artilharia das muralhas, cortando a retirada ao inimigo ou perseguindo-o até junto da contra-escarpa a ponto de, segundo diz Vincart, ⁽¹⁾ declararem os

⁽¹⁾ *Relación de los sucesos y guerras de Flandres, etc.*

franceses nunca terem visto cavalaria que tanto se expuzesse, defendendo trincheiras e combatendo tanto contra cavalaria como contra infantaria.

Com a retirada do exército de socôrro, a defesa dos sitiados começou a afrouxar. Deram-se ainda, no entanto, alguns combates renhidos, com largo emprêgo de artilharia e de granadas de mão. Concluídas porém as minas faltando apenas fazê-las explodir, tomados os fossos e prestes a dar-se o assalto geral, capitulou a praça em 11 de Maio, após 18 dias de sitio que numerosas baixas custou a atacantes e a atacados. Os 2:000 homens sobreviventes da guarnição fôram conduzidos sob escolta a Hesdin.

Não perdeu D. Francisco o tempo após a vitória de La Bassée. Sabendo que os holandeses reuniam em Nimégue tropas para entrarem em campanha, determinou ao Conde de Fontaine que marchasse para Flandres com um corpo de exército, fez seguir Beck com as suas tropas para o Hainaut, dando ao mesmo tempo indícios e fazendo correr o boato de que ia êle proprio invadir o Boulonnais.

Era seu verdadeiro fito o separar os exercitos de Guiche e de Harcourt, (1) e realmente con-

(1) Henrique de Lorena, Conde de Harcourt (1601-1666) alcunhado o *Cadet-la-perle* por ser filho segundo da casa de Lorena e usar um brinco de perola numa das orelhas. Foi um dos mais hábeis capitães do seculo XVII. Politico voluvel, na época da Fronda passou alternada e varias vezes da facção da Côrte para a dos Principes.

seguiu-o, pois Guiche foi tomar posições a uma legua de Châtelet, postando-se Harcourt nos arredores de Hesdin.

Conhecida a situação dos exercitos inimigos, resolveu D. Francisco atacar primeiramente o marechal Guiche e nesse intuito ordenou a Beck que o seguisse a marchas forçadas e que se lhe reunisse em Lens.

Efectuada a reunião, partiram dali em direcção ao inimigo sem que lhes fizessem adiar a operação os formidaveis temporais que então se desencadearam.

Em 25 de Maio transpunham os espanhóis o Escalda, e ao alvorecer de 26 adiantava-se D. Francisco até á vista das linhas inimigas. A vanguarda do seu exército era constituída por sete batalhões de infantaria (cinco espanhóis e dois italianos) flanqueados por oito esquadrões de cavalaria á direita e outros tantos á esquerda, indo cinco peças de artilharia á frente da infantaria; o corpo principal, compunha-se de quatro esquadrões de wallons, oito esquadrões de cavalaria á direita e outros tantos á esquerda; a retaguarda, finalmente, era constituída por cinco batalhões de alemães com o resto da cavalaria nos flancos. Comandava a ala direita o Marquês de Velleda, a esquerda o Barão de Beck, ficando D. Francisco com o centro.

Guiche ficou surpreendido com a aparição do seu adversario: fôra tão rapida a marcha dêste que só dela teve conhecimento quando já

a vanguarda se encontrava a duas leguas do seu acampamento.

Por ordem de D. Francisco, o Barão de Beck avançou a reconhecer as posições do exército francês. Este, com o efectivo de 7.000 infantes, 3.000 cavaleiros e 10 canhões, ocupava uma colina em semi-circulo, apoiada a sua esquerda com a quase totalidade da sua cavalaria junto da abadia de Honnecourt e num bosque, bem entrincheirada a direita e ficando-lhe à retaguarda o rio Escalda, sobre o qual uma ponte assegurava-lhe a retirada. Em frente destas posições havia uma colina que quase as dominava, e entre ela e a que os franceses ocupavam estendia-se um bosque. Não escapou essa circunstancia a D. Francisco, e foi precisamente nessa colina que ele colocou a sua artilharia, formando o exército em batalha ao abrigo dos seus fogos.

Começou a acção ás 2 horas da tarde. A ala direita espanhola atacou através duma clareira entre os pequenos massiços de arvores disseminados desde a abadia de Honnecourt até ao bosque que cobria parte da linha francesa. Na extrema esquerda desta travou-se então renhido combate que foi desfavoravel para os franceses, chegando os espanhóis a atingir as bagagens: mas não conseguiram estes o successo sem padecerem perdas e ficando em desordem por não haverem sido apoiados a tempo; carregou então sobre eles a cavalaria francesa e repeliu-os. Chegaram enfim em auxilio dos es-

panhóis novos batalhões que restabeleceram o combate e, sobrevindo a cavalaria espanhola da direita, á terceira carga foram os franceses desalojados da colina onde apoiavam a sua direita.

Ao generalizar-se a batalha, o ardor dos espanhóis pareceu afrouxar — mas foi um momento apenas: os mestres de campo collocam-se á frente dos terços e estes secundados pela cavalaria, arrojam-se contra as trincheiras dos franceses cujo centro resistiu algum tempo e só se pôs em retirada na direcção da ponte depois de totalmente destroçada a sua cavalaria.

A derrota dos franceses foi completa e poucos se puderam salvar — entre êstes contava-se todavia o Marechal Guiche que se refugiou no castelo de Honnecourt, defendido por uma guarnição de mosqueteiros. A maior parte do exercito francês — 4:000 homens — pereceu na fuga, acutilada junto da ponte ou afogada no Escalda. Ficaram prisioneiros 3:000, entre os quais o Marechal Guiche e muitos nobres. Os espanhóis apoderaram-se além disso de toda a artilharia, material de guerra, bagagens, dinheiro, bandeiras entre as quais a *cornette blanche*, estandarte do regimento de cavalaria do Delfim, o mais afamado do exercito francês.

Quiz D. Francisco afirmar a sua vitoria passando a noite no campo de batalha, que foi uma das mais importantes ganhas pelos espanhóis, e só após isso marchou sobre Cateau Cambrésis, que se lhe rendeu.

Não se envaideceu D. Francisco de Melo com a surpreendente vitoria de Honnecourt, e pouco depois, escrevendo a Felipe IV, pedia-lhe que nomeasse em sua substituição alguém que colhesse o fruto do que ele semeára, tão pouco seguro se julgava da continuação da sua boa estrela. Manifestavam-se nele as apreensões do cortezão e diplomata tardiamente entrado na carreira das armas, atemorizado pela formidável responsabilidade da chefia do principal exército duma potencia que entrara já a declinar.

Recebida por D. Francisco noticia da derrota infligida por Guébriant em Kempsen aos imperiais comandados por Lamboy, ordenou ao Barão de Beck que ficasse com parte das tropas cobrindo o Hainaut e o Artois e seguiu com o grosso do exercito para Maubeuge: tomando depois a direcção de Tirlemont e Diest, avançou até ao Mosa em cujas margens se lhe reuniram os imperiais sob o comando de Hatzelt, enquanto que, no campo contrario, Frederico Henrique de Nassau acudia em socôrro dos protestantes acampados em Ordhingen, na margem direita do Rheno. A posição destes, apoiados por Nassau que ocupava Botberghe (entre Rheinberg e Orsoy) era excepcionalmente forte, e debalde procurou D. Francisco atraí-los para fora dela. Vendo a dificuldade de vencê-los, deixou ali o Conde de Fontaine em observação e, para impedir que o Marechal Harcourt se juntasse aos protestantes em Sédan, voltou a

reunir-se a Beck em Valenciennes (14 de Julho). Deu-lhe esta operação o resultado que esperava, pois Harcourt não se abalançou a ultrapassar Montcornet, e os espanhóis, depois de haverem chegado a três leguas de Rocroi, retrocederam para Valenciennes.

O Marechal ainda tentou reunir-se às tropas de Hesse e de Weimar, mas a vigilância e diligência de D. Francisco impediram-lho, e após alguns meses de operações de pequena importância, os protestantes retiraram-se das margens do Reno, Nassau voltou á sua primitiva situação e o exército de D. Francisco recolheu em Novembro a quartéis de inverno.

Pouco tempo depois do termo destas operações morria o Cardinal Richelieu, a alma de todas as coligações contra a casa de Austria e a Espanha (4 de Dezembro de 1642).

O inverno de 1642-43 occupou-o D. Francisco em regularizar com enorme actividade os assuntos de administração e ultimar os preparativos militares do seu govêrno. Fez grandes despesas com o aprovisionamento das praças de guerra, remonta da cavalaria e organização do trem de equipagens, conseguindo que para tal contribuissem largamente as provincias fieis.

Para obter dinheiro, que a Espanha esgotada lhe não enviava, negociou, valendo-se das suas relações pessoais com alguns negociantes, judeus portuguezes de Antuerpia, um empréstimo de 300:000 escudos com que ocorreu ás despesas mais urgentes.

Eram apertadas as circumstancias da Espanha: além de ter de sustentar a campanha em Flandres, via-se a braços com as guerras de Portugal e da Catalunha auxiliadas directa ou indirectamente pela França. Urgia portanto operar do lado deste país uma diversão que proporcionasse à Espanha maior liberdade de acção na Peninsula.

A grande actividade de D. Francisco de Melo permitiu-lhe ter o seu exército pronto a entrar em acção logo no comêço da primavera de 1643.

Deixando Andrea Cantelmi no Brabante afim de observar os holandeses, inspeccionou cuidadosamente as praças maritimas afim de garantir a vinda de reforços e de abastecimentos, transportou-se a Lille e, após isto, deu a ultima demão à ordem de batalha do exército a operar contra a França.

Para mestre de campo general escolheu êle o comandante da infantaria espanhola, o conde Bernard de Fontaine, fidalgo do Franco-Condado, então possessão da corôa de Espanha, soldado valoroso e experimentado mas velho já e muito acabado pela doença para tão trabalhoso cargo.

Governava a cavalaria ligeira o joven Duque de Albuquerque que já se distinguira em Honne-court. Era comandante geral da artilharia D. Alvaro de Melo, irmão de D. Francisco. Os terços aquartelados nas três praças de armas do Artois, 6 terços espanhois, 3 italianos e 3 wal-lons, ficaram sob as ordens do já citado Duque

de Albuquerque; os do Hainaut, 4 regimentos estrangeiros e 82 companhias de cavalos, comandava-os o Conde de Bucquoy (1); os de entre Sambre e Mosa, 5 regimentos de infantaria, 6 de cavalaria, 1 de croatas e algumas companhias independentes, chefiava-os o Conde de Isembourg, comandante do exercito da Alsacia.

Assente o plano da campanha, D. Francisco decidiu atacar a praça de Rocroi, em vista da facilidade de abastecer-se pelo Mosa, e para esse efeito dispôs o seu acampamento junto do rio.

O conde de Isembourg ocupava, desde 10 de Maio, posições entre Mariembourg e Philippeville e, para iludir a guarnição de Rocroi, fez uma marcha simulada para o Sambre; depois, tomando inopinadamente a direcção de Rocroi, atingiu numa só noite de marcha forçada as imediações da praça e ao alvorecer do dia 12 estavam ocupadas as saídas da cidade. Ao mesmo tempo que isto se fazia, o Barão de Beck, para assegurar as comunicações do exercito pelo Mosa, marchava a pôr cêrco a Château Renard, povoação situada na margem do rio, a 23 quilometros de Rocroi.

Efectivados estes preliminares, e deixando o Conde de Fuensaldaña guardando as fronteiras do Artois, marchou D. Francisco de Melo so-

(1) General austriaco oriundo duma familia do Artois.

bre Rocroi com os corpos de exercito do Duque de Albuquerque e do Conde de Bucquoy.

Contava D. Francisco com a demora dos franceses em socorrer a praça — que certamente não resistiria mais de quatro dias — e assim, imprudentemente, deixou de fortificar o seu acampamento.

A juvenil audacia dos 22 anos do Duque de Enghien — o futuro grande Condé — veio mudar a face dos acontecimentos. Partindo precipitadamente de Amiens logo que soube do cêrco, reuniu as tropas disponiveis e dirigiu-se por Guise, Rumigny e Bossu, deixando á esquerda os bosques das Ardenes e aproximando a sua direita do Mosa, surgiu em 18 de Maio com 25:000 homens na frente do exercito espanhol.

Não esperava D. Francisco de Melo esta eventualidade e, para assegurar-se a maior superioridade possivel sobre o inimigo, ordenou a Beck que viesse reunir-se-lhe.

A educação militar de D. Francisco fôra feita nas guerras de ataque e defesa de praças e de objectivo restrito á posse de povoações, linhas de comunicação ou accidentes de terreno — e por isso, supondo intento do Duque de Enghien apenas o socorrer a cidade e não o de travar batalha campal, limitou-se a colocar alguns regimentos em observação em frente das portas. Foi tambem surpresa para ele o efectivo do exercito francês, que não conheceu com exactidão senão quando já o tinha ante si.

Rocroi fica no meio duma planicie, circun-

dada por espessos bosques na época em que a batalha se deu, e que era tão pantanosa que só tinha acêso por longas e difíceis passagens, das quais a mais larga e praticavel era a que ficava do lado da Champagne: com efeito, o bosque naquele ponto tinha pouco mais de um quilometro de largura, e o desfiladeiro entre êle e os pântanos, se bem que estreito na entrada, ia alargando á medida que se aproximava da praça. No entanto, só muito proximo de Rocroi é que o terreno, elevando-se um pouco, se apresentava mais enxuto e dava espaço para se desenvolverem os exercitos.

D. Francisco cometeu o grave erro de não defender os desfiladeiros, e assim, o Duque de Enghien penetrando na planicie tranquilamente, colocou a sua cavalaria num pequeno alto a meio tiro de canhão dos espanhois.

Á medida que fôram saindo dos desfiladeiros, os franceses dispuzeram-se numa linha, apoiada a direita no bosque e a esquerda num grande pântano, ocupando um terreno enxuto e relativamente elevado. Levaram neste trabalho até ás 6 horas da tarde — mas desde as 5 horas a artilharia espanhola acertadamente disposta por D. Alvaro de Melo, batia-os vigorosamente causando-lhes em pouco tempo mais de 300 baixas.

D. Francisco, ou por efeito da surprêsa ou por demasiada confiança na superioridade dos seus, contentou-se em dar ordens á artilharia, em observar o inimigo e dar ordens ao Conde de

Fontaine que, na qualidade de mestre de campo general, tinha a seu cargo o dispôr para a batalha as tropas espanholas, cujo efectivo pouco diferiria do das francesas e devia andar por uns 25:000 homens, dos quais uma terça parte eram de cavalaria.

Duma maneira geral, ficou sendo a seguinte a ordem de batalha dos espanhois :

O conde de Fontaine colocou a cavalaria nos flancos ; a infantaria no centro em quatro linhas paralelas de cinco batalhões cada uma e repartida por três corpos : vanguarda com cinco batalhões ou troços de espanhois ; centro de batalha com um batalhão espanhol, três italianos e um borgonhês ; retaguarda com cinco batalhões wallons e reserva com cinco batalhões austro-alemães ; a artilharia, assestou na frente da linha de combate dezoito canhões, dois em cada intervalo entre os corpos da 1.^a linha.

Na ala direita ficou a cavalaria do exército da Alsacia, comandada pelo Conde de Isembourg ; na esquerda, a das Flandres, sob o comando do Duque de Albuquerque.

Segundo a melhor versão, ficaram assim dispostos os diferentes corpos do exercito espanhol: (1)

Reserva (da direita para a esquerda):

1.º, o Regimento Imperial do coronel hungaro

(1) Alfredo Weil — *Revista de España*.

Conde de Frangipani; 2.º, o Regimento Imperial do Conde de Montecuculli (prisoneiro); 3.º, o Regimento de Baixos Alemães do Conde de Rhitberg (prisoneiro); 4.º, o Regimento de Baixos Alemães do Barão d'Ambise (morto); 5.º, o Regimento de Baixos Alemães do Principe de Ligne.

Retaguarda (da direita para a esquerda):

1.º o terço wallon do Mestre de campo Grange; 2.º o terço wallon do Conde de Bassignies; 3.º o terço wallon do Conde de Meghen; 4.º o terço wallon do Mestre de Campo de Ribaucourt; 5.º o terço wallon do Principe de Ligne.

Segunda linha ou centro de batalha (da direita para a esquerda):

1.º, o terço espanhol de Veladia; 2.º, o terço italiano de Giovanni degli Ponti; 3.º, o terço italiano de Visconti; 4.º, o terço italiano de Afonso Strozzi; 5.º, o terço borgonhês do Conde de Saint Amour.

Primeira linha ou vanguarda (da direita para a esquerda):

1.º, o terço do Conde de Villalba; 2.º, o terço do Duque de Albuquerque (comandado interinamente pelo sargento-mór Juan Perez Peralta); 3.º, metade do terço do Conde de Garcies; 4.º, metade do terço do Conde de Garcies; 5.º, o terço sardo de D. Jorge de Castellvi.

Condé, por seu lado, dispuzera o exercito francês pela forma seguinte:

Primeira linha :

Sob o comando de La Ferté Senneterre, da esquerda para a direita : dois corpos de fusileiros e os regimentos de cavalaria de Guiche, La Ferté, de Beauvau, de La Clavière, tendo intercaladas companhias de infantaria.

No centro, comandado por l'Hôpital e d'Espenan : à frente a artilharia, 12 peças e, logo à retaguarda, os regimentos de infantaria do Piemonte, de Rambure, de Bourdonne e Biscaras, de Molandin, de Persen, Marine e Picardía.

Na direita, comandada por Gassion, sob as ordens directas do Duque de Enghien, os seguintes regimentos de cavalaria (tendo intercaladas, como os da esquerda, companhias de infantaria): de Suilly, de Coeslin, de Lenoncourt, do Mestre de Campo, Royal, e na extrema direita a infantaria dos Guardas.

Segunda linha :

Da esquerda para a direita, os regimentos de cavalaria de Arcourt, Hendicourt, Marolle, de Notaf ; os regimentos de infantaria de Bussy e Guiche, de Langeron e Brezé, de Roll, Escosês, de Vatteville, de Vidame, de Vervins e La Prée ; de cavalaria de Vamberc, Leschelle, Silhart, Menneville e Roquelaure.

Reserva :

Sob o comando de Sirot, os regimentos (de cavalaria e de infant.^a, alternadamente) de Chac, os Riaes, os Gendarmes, o de Vatteville, Gendarmes, de Harcourt, Hobeterre e Gesures, e o de Sirot.

EXERCITO ESPANHOL

RESERVA :

Regimento imper.
C. Frangipani

Regimento imper.
C. Montecuculli

Regimento alemão
C. Rhitberg

Regimento alemão
B. de Ambise

Regimento alemão
Pr. de Ligne

RETAGUARDA :

T. wallon de Grange

T. wall. C. Bassignies

T. wall. C. Meghen

T. wall. Ribaucourt

T. wall. Pr. de Ligne

BATALHA (2.ª linha):

Terço de Veladia

Terços italianos de Strozzi, Visconti e Ponti

Terço borgonhês de St. Amour

VANGUARDA (1.ª linha):

Terço de Villalba

Terço de Albuquerque

Em 2 bat. o terço de Garcies

Terço de Castellvi

.....
Art.ª de D. Alvaro de Melo

.....
Mosqueteiros de Mercader

+

C. Fontaine

+

D. Francisco de Melo

Cav. C. Isembourg

Cav. D. de Albuquerque

Fusileiros

+
L'Hôpital

.....
Artilharia francesa

+
D. Enghien

Guardas

Cav. La Ferté Senneterre

Infantaria de Espenan

Cavalaria de Gassion

VANGUARDA (1.ª Linha) e BATALHA (2.ª linha)

RESERVA (Sirot)

EXERCITO FRANCEZ

A noite de 18/19 de Maio passaram-na os dois exercitos em frente um do outro: e enquanto D. Francisco se occupava em percorrer a cavallo as posições animando os seus soldados, o Duque de Enghien confiado na sua estrela dormia a sono sóto.

Antes do alvorecer, o marechal Gassion ao observar o exército espanhol notou que os regimentos de cavalaria que observavam a praça iam recolhendo ás suas linhas, e deu immediatamente conhecimento do facto ao Duque de Enghien: este, informado por um desertor de que D. Francisco esperava que Beck se lhe reunisse naquela manhã, bem cedo, resolveu anticipar-se-lhe e fez avançar as suas duas alas, conservando o centro na defensiva. Comandava a ala direita o proprio Enghien, levando entre os esquadrões troços de mosqueteiros e companhias de piqueiros, além da correspondente artilharia; ia de forma identica a ala esquerda comandada por L'Hôpital.

Antes que o inimigo chegasse ao contacto, D. Francisco depois de discursar calorosamente ás suas tropas, deu-lhes ordem para atacá-lo.

O Duque de Albuquerque carregou com a sua cavalaria a direita inimiga, em que estava Enghien; momentaneamente vitorioso, rompeu a vanguarda da cavalaria francesa e dois batalhões suíços, chegando a tomar-lhes a artilharia.

L'Hôpital, carregou por sua vez, contra a ala direita espanhola, mas tendo iniciado a carga a grande distancia, quando a abordou, iam os

seus já fatigados e desordenados de forma tal que, recebidos pelo adversario a pé firme, tiveram que recuar.

Aproveitando o ensejo, lançou-se sobre eles a todo o galope a cavalaria da Alsacia comandada por Isembourg, o qual, vendo já a batalha travada contra a ala esquerda francesa, carregou contra L'Hôpital, conduzindo ele proprio a carga, com o regimento do Conde de Bucquoy á frente logo seguido pelos outros, e rompendo a cavalaria adversa acutilou ainda o centro, a infantaria de Espenan, obrigando-a a abandonar as suas peças.

Nesta altura da batalha o exito parecia vir a pertencer aos espanhóis cujas alas tinham derrotado as do adversario. Conservavam-se porém ainda imoveis os centros dos dois exercitos.

Foi nesta ocasião que o centro de batalha francês — muito mais forte que as alas — avançou resolutamente flanqueado cada batalhão por dois esquadrões de cavalaria, e com forças muito superiores atacou a cavalaria espanhola que já soltava brados de vitoria

Sob a energica impulsão de Enghien, a direita francesa recompunha-se e, tomando ânimo, voltava á carga. O flanco direito francês, apoiava-se num bosque bem como o esquerdo dos espanhóis, os quais por seu lado tinham ali alguns troços de mosqueteiros, mas parece que, ou por serem estes pouco numerosos ou por ser pouco espesso o bosque, o caso é que a cavalaria francesa poudo romper através dêle e,

emquanto Enghien atacava de frente, Gassion carregava de flanco os esquadrões de Albuquerque, os quais, assaltados por varios lados por forças mais numerosas, começaram então a desorganizar-se.

Emquanto isto se passava, o centro de batalha espanhol — a sua admiravel infantaria — continuava imovel em logar de apoiar a carga de Albuquerque. A cavalaria espanhola da ala esquerda, acutilada por Enghien retirara desordenadamente; os ginetes de Isembourg que na ala direita tinham destroçado a cavalaria e a primeira linha francesas, conseguiam desorganizar a segunda linha, e entregavam-se imprudentemente ao saque.

A vitória mostrava-se naquela ocasião indecisa — e penderia definitivamente para o contendor que no momento dispuzesse de forças para arremessar á fornalha: os franceses começavam a perder a esperança de ganhá-la porque o seu centro não podia resistir á artilharia espanhola, a esquerda fôra-lhes desbaratada por Isembourg e o seu marechal de batalha La Vallière mandara já tocar a retirada. Se nessa ocasião tem sido apoiada a cavalaria da esquerda, batida por Enghien, a vitória pertenceria sem dúvida alguma aos espanhóis.

Assegurara também a vitória aos franceses a sua reserva comandada pelo Barão de Sirot que, desobedecendo a La Vallière, apoiara o movimento do centro, fizera frente aos esquadrões de Isembourg e, graças á desordem em

que estes estavam devido á pilhagem, conseguia manter-se, permitindo a Enghien acabar de destroçar a esquerda dos espanhois.

O genio e a resolução pronta de Enghien deram-lhe neste momento a vitória. Incumbindo Gassion de completar a destruição da cavalaria de Albuquerque, em vez de recuar para socorrer a sua ala derrotada, manda fazer ás suas tropas uma conversão á esquerda e com este movimento obliquo ataca pela retaguarda e pelo flanco direito a infantaria auxiliar do exército espanhol.

Enghien carregou primeiramente os wallons e alemães da segunda linha : batidos sucessivamente uns e outros, caíu sobre os italianos e os borgonhêses. Não puderam estes apenas com os piques sustentar o ataque da cavalaria francesa apoiada por mosqueteiros, e a breve trecho ficavam completamente esmagados os borgonhêses e alguns batalhões italianos ; estes, de resto, estavam de má vontade no combate por haverem sido dados aos espanhóis os postos mais importantes da primeira linha, que eram as alas — e assim, aproveitando-se da confusão geral efectuaram em boa ordem a sua retirada. Havia porêm ainda que contar com a vanguarda e centro espanhóis.

Os cinco esquadrões de infantaria espanhola e italiana, atacados por outros tantos esquadrões de cavalaria apoiados por batalhões de infantaria, resistem impávidos ao fogo inimigo não obstante as terriveis perdas que a cada des-

carga sofrem. De quando em quando dissipa-se a fumarada e veem-se através dela e da poeira das galopadas os heroicos infantes de pique em riste, ou de arcabuz sobre a forquilha, prontos a repelir novo ataque.

Fontaine, a longa barba branca flutuando sobre o gibão, doente de gôta, meio paralitico, percorria as fileiras transportado numa liteira, dando ordens á gloriosa infantaria que durante trinta anos comandara: é do Duque de Aumale a empolgante narrativa da scena que se desenrolou:

«Em face dos franceses tudo está imóvel: Fontaine com o bastão apoiado aos pés, os mosqueteiros de arma no braço e por detrás dêles uma cerrada floresta de piques. Os franceses aproximam-se e distinguem então nitidamente aqueles homens de pequena estatura, morenos, retorcidos bigodes e estranhos chapéus, apoiados ás suas armas. De repente, Fontaine ergue o bastão: as filas espanholas entreabrem-se, desmascaram-se num relâmpago dezoito bôcas de fogo, inclinam-se todos os mosquetes, e uma saraivada de balas e de metralha varre o talude natural por onde avança a linha francesa. Esta, após um momento de flutuação, recua deixando o terreno juncado de cadáveres. Dissipada pelo vento a fumarada, lá se via a falange novamente imóvel, os mosquetes erguidos, Fontaine no mesmo lugar . . . »

A ala direita espanhola, com a manobra de Enghien ficava sériamente ameaçada. Fontaine

tenta então formar naquele ponto um colchete defensivo com os terços de Veladia e de Villalba. Mal se tinha porém completado o movimento, uma descarga dos franceses vareja o flanco espanhol, matando os comandantes dos dois terços e o proprio Fontaine, que assim morria a tempo de não ver completar-se uma derrota que a sua doença, conseqüentes êrros de disposição e falta de ordens oportunas haviam tornado inevitavel.

D. Francisco de Melo talvez houvesse sido pouco diligente em socorrer a sua esquerda, porque, embora ao Conde de Fontaine competisse o regular as minucias da batalha, a êle, comandante em chefe, não faltaria por certo o tempo indispensavel para notar os perigos e remediar as faltas — fazendo, por exemplo, apoiar a sua cavalaria. Surpreendido pela inovação do audaz movimento de Enghien faltou-lhe a inventiva para idear a manobra a contrapôr-lhe.

Albuquerque e os seus logares-tenentes, com inexcedivel heroismo procuravam reorganizar os seus dizimados esquadrões atacados por todos os lados. Se nesta ocasião a numerosa e sólida infantaria peninsular acomete resolutamente pelo lado esquerdo e apoia a sua cavalaria, teria salvo a situação: faltara porém Fontaine — e, á espera de ordens, ficara inactiva toda aquela infantaria.

Enghien, deixando para mais tarde a destruição total da infantaria inimiga, passou-lhe pela

retaguarda e foi atacar pelas costas os esquadrões de Isembourg, cuja desordem lhe facilitou a vitória. Destroçadas assim as duas alas, ficava desde então a infantaria sem apoio algum e em vão D. Francisco de Melo e o Duque de Albuquerque juntaram alguns cavalos e tropas de reserva: a desproporção do numero dos franceses inutilizou-lhes os esforços; Albuquerque, já sem soldados, teve que acolher-se ao sólido reduto da infantaria.

D. Francisco de Melo percorreu ainda a linha de batalha procurando juntar tropas para socorrer as infantarias wallona e alemã que Enghien atacava depois de ter destroçado Isembourg. Já era tarde: esquadrões havia, é certo, que se mantinham nos seus postos, mas a confusão de combates parciais era tanta e o inimigo encontrava-se tão sobre eles que não havia possibilidade de cumprirem ordens, e o proprio D. Francisco esteve a ponto de cair prisioneiro ao dirigir-se a um esquadrão francês que tomou por um dos seus.

Conseguindo chegar até junto dos alemães e animá-los, continuou D. Francisco percorrendo as linhas para juntar alguma cavalaria, não obstante correr graves perigos: ao serem acometidos os batalhões italianos, ficou entre os dois fogos, sendo morto a seu lado um fidalgo que o acompanhava, ferido o seu secretario, escapando ileso, de toda a sua comitiva, apenas uma das ordenanças.

Mantinhm-se firmes os terços espanhois «na-

turais»; D. Francisco, contando com a chegada de Beck, conservava ainda alguma esperança e percorria a galope o campo de batalha animando os soldados com a palavra e com o exemplo, procurando levar ao combate algumas companhias de cavalos ainda em reserva, ganhar tempo a todo o custo para, com o auxilio que esperava, ficar ao menos senhor do campo e salvar a honra das armas. Baldadamente procuraram consegui-lo D. Francisco e os seus subordinados, Isembourg, Vivero, commissario geral da cavalaria, e Vera, rivalizando em esforços e heroismo.

Perdida enfim a esperança de manter-se, D. Francisco e varios officiais que haviam ficado sem tropas acolheram-se aos terços, dispostos a morrer vendendo caras as vidas. Era já então desesperada a situação da infantaria espanhola, sem artilharia, que tivera que deixar ficar fóra das apertadas fileiras dos piques dos seus quadrados, e dispondo apenas de arcabuzes de limitado alcance e de lento manejo para opôr aos canhões do inimigo que a batiam como a um reduto, por três faces ao mesmo tempo. A pouco e pouco fôram caíndo, heroicos e obstinados, sem mostrar desânimo nem pedir quartel, aqueles valentes soldados de quem Bossuet faria mais tarde o eloquente elogio.

Cêrca das 10 horas, restava apenas de pé um esquadrão do terço do Duque de Albuquerque, morrendo aos poucos, sereno e inabalavel: acolheram-se finalmente a ele D. Francisco e

os mestres de campo Conde de Garcías e D. Jorge de Castellvi. A épica resistencia deste esquadrão comoveu o Duque de Enghien que lhe ofereceu capitulação como se duma fortaleza se tratasse. Aceitaram os espanhois a condição imposta pelo vencedor — de entregarem as armas e conservarem tudo o mais que consigo tivessem; adiantava-se Enghien de espada erguida para recebê-los, quando os espanhóis, julgando que êle ia carregar de novo, fizeram um descarga. Enfurecidos pelo que supuzeram uma traição, as reservas de Sirot e a cavalaria de Gassion trucidaram a maior parte dos sobreviventes, cooperando activamente no massacre 2:000 camponeses das Ardenes, emboscados nos desfiladeiros próximos.

D. Francisco escapou de ficar prisioneiro. Parece que, vendo o unico esquadrão que lhe restava prestes a render-se, saíu por uma das faces e galopou na direcção em que uma columna de poeira denunciava a chegada de Beck: este, efectivamente, aproximava-se dali a pouco, mas nada pôde fazer: capitulara já o ultimo esquadrão. D. Francisco de Melo, coberto de sangue, esfarrapadas as roupas, mostrava tão eloquentemente como os montões de cadáveres que cobriam o campo, o quanto a batalha fôra renhida.

Os espanhóis perderam 7:000 mortos e 6:000 prisioneiros; os franceses tiveram apenas 2:000 mortos e 3:000 feridos — não contando com as perdas da véspera. Ficaram além disso em poder dos franceses cem bandeiras e estandartes,

toda a artilharia, bagagens, e o arquivo da chancelaria dos Estados de Flandres.

Os 12:000 homens escapados de Rocroi com os 5:000 de Beck e os 10:000 deixados por D. Francisco nas fronteiras do Luxemburgo, Artois e Flandres, ainda constituíam um efectivo respeitavel capaz de permitir o esperarem-se melhores dias e a chegada de reforços.

Os holandeses, comandados por Frederico Henrique de Nassau, aproveitando as dificeis circunstancias dos espanhois, ameaçavam apoderar-se da Flandres Occidental. D. Francisco de Melo marchou então para a região de Waes com parte das suas tropas afim de proteger as principais cidades do territorio, deixando a outra parte na fronteira francesa para proteger o país wallon e de maneira a poder cooperar com as forças destacadas no Luxemburgo.

Foram coroadas de exito as acertadas disposições tomadas. As tropas sob o comando immediato de D. Francisco, postadas entre os rios de Sas de Gand e de Bruges, ocuparam todos os pontos de passagem de forma tal que, se o inimigo pretendesse avançar, encontraria na sua frente importantes forças, o que levou os holandeses a desistir da emprêsa.

O exercito da fronteira francesa, comandado pelo Duque de Albuquerque, marchou sobre Landrey avançando depois em busca do Marechal de Menacamp afim de o atacar, conseguindo com isto que o Duque de Enghien evacuasse o Luxemburgo.

Finalmente, encerrou-se o ano de 1643, tão funesto para a Espanha e para os imperiais, com a perda de Thionville, que bastante sensível lhes foi.

Iniciou-se o ano de 1644 sob maus auspícios para os espanhóis cujos efectivos e recursos materiais eram cada vez mais diminutos, emquanto que os dos franceses aumentavam constantemente.

Gastão de Orléans, cioso do renome de Condé e não querendo deixar-se eclipsar por êle, concentrou no Somme um exército cujos corpos eram comandados pelos marechais La Meilleraye, Gassion e Rantzau, os quais atravessaram rapidamente o Artois e juntando-se em frente de Gravelines puzeram cêrco á praça. Cooperava com êles do lado do mar uma esquadra holandesa.

Piccolomini, recém-chegado de Espanha, apenas teve tempo para enviar-lhe um reforço de 300 soldados, combinando logo em seguida com D. Francisco de Melo a forma de socorrer a praça. Os holandeses ameaçavam porêr Sas de Gand e a cidade ficou entregue a seus proprios recursos. Quinze dias gastaram os sitiantes em esgotar inundações artificiais e em tomar os fortes, e durante um mês a sua artilharia bateu a praça que se rendeu após heróica resistêcia. Quase ao mesmo tempo perdiam os espanhóis Sas de Gand, praça tão importante como Gravelines.

O Duque de Orléans regressou pouco depois

a Paris e o Marechal Gassion terminou a campanha apoderando-se das outras praças que dominavam o Aa, entre as quais Saint Omer, e das do canal de Neuffossé. A perda destas linhas de água deixou exposta aos ataques franceses a Flandres Ocidental, enquanto que a de Sas de Gand, que defendia a cidade de Gand, abria aos inimigos da Espanha as portas do Brabante permitindo que, rompendo-se ali os diques, se pudesse inundar todo o território.

Terminou assim a campanha de 1644, funesta para os espanhois, aos quais deu já no final uma ligeira aura de renome a vitória ganha em Tutligen (Lorena) sôbre o marechal Rantzau.

Pouco tempo depois recebia D. Francisco de Melo a sua exoneração, ficando com o govêrno civil das províncias flamengas um outro português renegado — o Marquês de Castelo Rodrigo (neto de Cristóvão de Moura, o das «cédu-las») e com o comando militar o Marquês de Amalfi.

Chamado a Espanha para se defender das acusações de que era objecto, salvou-o o grande valimento que tinha junto de Felipe IV, e apesar da quéda do seu protector, Conde-Duque de Olivares, o monarca espanhol deu-lhe o comando das armas na Catalunha e em Aragão, passando depois a fazer parte do conselho de estado até ao ano de 1651, em que falleceu em Madrid. Assim terminou a sua carreira um português que, se na vida pública deixou do seu civismo e patriotismo um conde-

navel exemplo, no emtanto, como diplomata e como soldado não desmentiu fóra da sua pátria as inegáveis qualidades de inteligência e de heroismo da raça.

Portugueses e franceses

Nos primeiros tempos após a sua chegada à zona de guerra, os portugueses fôram acolhidos com certa reserva nas povoações que lhe haviam sido destinadas para aboletamento. O nome de Portugal era absolutamente desconhecido — e além disso, os ingleses, nossos antecessores nos alojamentos, com o hábito de tudo subordinarem às suas comodidades, não haviam deixado grandes saudades aos habitantes.

Poucas semanas bastaram ao português para com a sua alegre bonomia dissipar em torno de si toda a desconfiança. De resto, o carácter da nossa gente logo se adaptou ao viver da população francesa numa perfeita identidade de sentimentos.

Em breve trecho o português tornou-se o familiar do casal que o aboletava : substituindo no trabalho e quantas vezes no affecto! os entes queridos ausentes, muitas vezes se viu o «serrano» auxiliando as mulheres e os velhos na dura faina do amanho das terras que a mobilização de todos os homens válidos deixara em baldío.

O culto do lar, a preocupação do conforto, a laboriosidade, a calma resignação perante o infortúnio, a inalterável confiança nos destinos do seu país e o ardente patriotismo, fôram grandes lições de virtudes colectivas que o português recebeu em França — nessa França eterna, que no dizer do historiador, tantas vezes arde para iluminar o mundo.

Das manifestações do carácter francês, a que os nossos mais admiraram foi certamente a alegria dos conscritos por ocasião das inspecções médico-militares. A turba dos apurados, rapazes de todas as camadas sociais, na perspectiva de servirem de pasto ao canhão na universal chacina, percorria em alegres grupos as ruas das povoações, enfeitados com barretes de papel e com os números da classe em cartão dourado pregados na lapela, empunhando bandeirolas com dísticos — *vive la classe* — entrando e saindo em bicha em todas as locandas, cantando infatigavelmente o hino dos girondinos, cujas palavras ardentes jamais haveriam sido tão proféticas: *Mourir pour la patrie...*

Um dos factos que ficarão memoráveis na história da vida francesa durante os agitados anos da guerra é a coragem com que as mulheres supriram nas fábricas, no comércio e na agricultura a falta dos braços mobilizados. Por toda a parte tomaram o lugar dos homens, sem desmerecimento, e até nalgumas vezes com vantagem... Casos houve, por exemplo, em que pequenos comércios e emprêsas industriais que

«não davam», por culpa dos homens que passavam demasiadamente o tempo nos cafés, e aos quais o impulso duma vontade, a persistência e a assiduidade femininas, breve deram rumo favorável. É possível que dêsse esforço e dos contactos por êle originados a moral sofresse um pouco, e que nêle tomassem incremento manifesto certas tendencias para modificação das teorias sobre direitos e deveres dos cônjuges, mas isso é o inevitável reverso de todas as medalhas . . .

Com as suas grandes qualidades, o francês do norte tem, como todos os povos, alguns defeitos, provenientes muitas vezes do exagêro dessas qualidades. Exemplarmente económico, é algumas vezes ávaro. Industrioso e ganha-vida, descamba com freqüência em interesseiro. O artesiano, como os seus vizinhos picardos e normandos, foi sempre um insigne demandista, emérito na arte de reclamar reparações de prejuizos, imaginários algumas vezes.

A permanencia das tropas aliadas nas povoações e herdades, deu logar a inúmeros episódios de reclamações de toda a especie — desde as que eram formuladas pelas donas dos galina-ceos vadios trucidados pelos camiões, automóveis, motocicletas e outros flagelos das estradas, até à do homem que pedía uma indemnização porque as suas vacas emagreciam—distráidas na pastagem a contemplar o vôo elevado dos aeroplanos . . .

Contra portugueses, nunca as reclamações foram numerosas nem de grande importancia. Quando elas, no entanto, apareciam, officiais de infinita paciência transportavam-se aos locais de residência dos reclamantes. À sua chegada os logarejos animavam-se. Em volta dos «officiaes de reclamações» juntavam-se grupos de reclamantes e respectiva parentela, testemunhas obrigatórias; começadas as inquirições, estabelecia-se uma discussão que tinha como invariável resultado a conclusão de que era impossível entenderem-se, ou pouco menos — teimosos os reclamantes em pedir muito dinheiro, irreductiveis os officiais no propósito de dar o máximo de explicações e o mínimo possível de francos. . . .

Neste assunto levavam-nos os ingleses decidida vantagem: tinhamos contra nós a fama de conhecermos quase todos a lingua francesa. Com o inglêz, porém, o caso mudava de figura. Figadal inimigo de quanto representasse incómodo, o inglêz logo que pressentia uma queixa massadora e com escasso fundamento, entrincheirava-se no desconhecimento da lingua e não havia nem intérprete bastante loquaz nem mimica sufficientemente eloquente para arrancar-lhe outras palavras através dos dentes apertando obstinadamente o cachimbo :

— *No compris!*

E não havia volta a dar-lhe. . . .

Os casos que mais frèquenteemente motiva-

vam reclamações eram os pequenos furtos de batatas, e a morte de galinhas e mais criação nas estradas.

As populações rurais do norte da França são no fundo boa gente e duma honestidade ainda não contaminada. Durante o inverno e para evitar que gelem, deixam ficar as batatas em montes à beira das estradas, cobertas apenas por uma leve camada de argila — e ninguém se lembra de roubá-las. A guerra veio porém modificar este estado de coisas. O soldado desconhecia a princípio o que havia sob aqueles montículos: descoberto porém o conteúdo, começaram a aparecer esgravatados diminuindo constantemente de altura na proporção em que aumentavam nos quartéis gerais as rimas de queixas — basto assunto para os oficiais das reclamações.

Os camiões e automóveis contribuíam para dar que fazer aos oficiais das reclamações — e era de vêr em certos dias a afluência de reclamantes apresentando para prova as galinhas e patos vitimados. Mas, de certa altura em diante, os condutores dos automóveis, escarmentados, adoptaram tática nova e passaram a levar comsigo o vestígio do delito, tirando assim duplo proveito . . .

Em certas localidades as reclamações tornaram-se para alguns habitantes uma verdadeira industria, e figuras houve de reclamantes que ficaram célebres. Destacava-se entre os mais assíduos e imaginosos Mr. Pigouche, da povoaa-

ção de Quiestède : legaram-no-lo os ingleses, precedentemente instalados na localidade. Antigo notário, volvido opulento industrial, habitando em Grand Quiestède um casarão — o *château* de toda a aldeia francesa que se préza, nome invariavelmente dado à melhor casa da povoação — quase se pode afirmar que Mr. Pigouche fez correr tanta tinta aos Aliados na zona da retaguarda, como de sangue os alemães lá na frente. . .

Houve porém uma ocasião em que Mr. Pigouche sentiu calafrios. Contava-se que nos primeiros tempos da guerra, aí por alturas do verão de 1915, fôra obrigado a aboletar nas dependências da sua residência e na fábrica de cartonagens anexa um regimento britânico. Ora, as pereiras do pomar do quisilento industrial ostentavam nos ramos espalmados seguros por prégos aos muros de tijolo, umas pêras tentadoras a cujos encantos os soldados de Sua Graciosa Majestade não podiam resistir. De bem pouco valia a ciosa vigilância do proprietário : dia a dia os frutos diminuiam — até que Mr. Pigouche teve uma ideia : anunciou que tinha envenenado as pêras e que não responderia portanto pela vida dos gulosos que as comessem. O caso provocou nêstes um certo alarme, e no dia seguinte o industrial recebia a visita do coronel do regimento que, após uma breve troca de amabilidades, manifestava-lhe o desejo de vêr o tão celebrado pomar. Mr. Pigouche, lisonjeado na sua vaidade de

proprietário, com a maior amabilidade possível apressou-se a mostrar-lho.

— ¿ As peras envenenadas? — perguntou-lhe despreocupadamente o inglês.

— Oh, não há nenhuma: isso foi um boato que eu fiz espalhar, para não nos roubarem...

— Folgo imensamente com a sua declaração — replicou o coronel com plácida polidez de gentleman. — Porque, se dessas pêras fôsse vítima algum soldado de Sua Majestade — sinto dizer-lho... dentro de tres dias estaria Mr. Pigouche fuzilado...

E despedindo-se com o melhor dos sorrisos, o inglês retirou-se deixando o antigo notário a scismar na desgraça dos tempos que corriam, em que nem as pêras nem os proprietários delas se podiam considerar absolutamente seguros...

A' retaguarda das linhas

Criara-se o Serviço de Beneficiação de Fardamento em Julho de 1917. A sua direcção competia a um capitão do serviço de administração militar: convencem-me do espinhoso da missão e avisam-me do trabalho árduo que ela representa: as restantes dificuldades e sensaborias inerentes ao seu desempenho, essas devia o futuro mostrar-mas. La Gorgue, povoação a 4 1/2 quilómetros em linha recta das 1.^{as} linhas, fôra o local escolhido para a sua instalação: aceito com prazer uma situação que me afasta da zona dos quartéis generais, e que me permite ver a guerra de mais perto.

O combóio de Aire-Berguette-La Gorgue transporta-me numa quente manhã de Julho ao meu novo posto de serviço: da rápida passagem, durante a qual respiro com voluptuosidade a viração que faz ondular as searas da planície infindável, fica-me a impressão de que vejo num relâmpago prados, casais e estradas alternando em monótona sucessão: os mesmos ca-

sais alinhados à beira de estradas iguais cortando os mesmos prados invariavelmente verdejantes.

O combóio tem várias paragens em povoações onde, ou passeiam ou estacionam á porta das locandas, alguns franceses permissionários e inumeros ingleses, uns do Reino Unido, outros de todos os recantos do Imperio ostentando com orgulho os seus emblemas nacionais: os canadianos a folha de vinha selvagem, os australianos, o sol nascente, os neo-zelandeses, a folha de féto, e aparecem até alguns sul-africanos, com o antílope das imensas planicies da Africa austral — nações em formação adiantada, e cuja gestação se acelera na crise formidável da guerra, das lutas sustentadas e das dôres sofridas em comum.

As estradas que conduzem á frente estão todas esburacadas pelo enorme trânsito de que são objecto. Grupos de soldados ingleses vestidos de *cáqui* da mesma côr da lama em que remexem, ocupam-se em repará-las á força de cascalho deitado a êsmo nas covas.

Um ininterrupto vai-vem anima todas estas arterias, regulado o movimento pelos soldados britannicos da policia do tráfico que com grandes gestos de braços fazem sinais às viaturas para avançar ou parar.

O tráfico é assombroso; a todos os momentos abalam a estrada, com um ruido metalico de ferros chocalhados, os comboios de camiões do reabastecimento que vão a caminho

da frente cobertos de encerados de pintalgada camuflagem que fazem lembrar exposições ambulantes de telas futuristas. . .

De quando em quando, numa volta de caminho ou num cruzamento de estradas, entrevê-se um desses calvários tão freqüentes nesta parte do norte da França — e em que, sobre cruces negras, morrem numa agonia exangue grandes Cristos crucificados, pálidos nas suas cores destingidas. Erguem-se em geral sobre montículos de terra, junto dos quais se erriçam, fincadas no solo, numerosas cruces de madeira, comemorando promessas. É que este departamento do Pas-de-Calais é um dos mais catolicos da França; mais ao norte, na verdadeira Flandres, sobretudo na ocidental, região de Dunkerque, são muito menos freqüentes estas manifestações de religiosidade.

Estamos já relativamente proximos da frente: os estampidos dos tiros de canhão ouvem-se agora mais distintamente, em trovão contínuo numas vezes, espaçados noutras e chicoteando-nos os ouvidos em bruscas detonações.

Os cruzamentos das estradas e os extensos depositos de munições em renques protegidos por travezes de terra e cobertos de encerados camuflados, são guardados por sentinelas de capacete de ferro na cabeça e que como guaritas teem abrigos profundos e protegidos ainda por sacos de terra.

A zona da morte tem como balisas pequeninos cemiterios militares de cruces alinhadas;

dalgumas delas pendem ramilhetes de flores já secas, preito de saudade de camaradas e de amigos que a guerra dispersou — e que talvez nunca mais venham renová-las, caídos por sua vez nalgum ignorado recanto da imensa necrópole que é todo este campo de batalha, desde a Alsacia até ao mar. . .

A planície monótona, atravessada de espaço a espaço por filas de arvoredos esguios, parece não ter fim, confundindo-se no horizonte com o céu acinzentado.

Nesta região, após uma fugitiva primavera e um arremêdo de verão, só há as duas alternativas do gelo e da lama. Logo que termina a quadra da neve começa a do degelo e todas estas terras baixas transformam-se num mar de lama quase líquida, viscosa, e que às vezes apresenta um traidor aspecto de superfície lisa de chão enxuto, esguichando em imundo repuxo se sobre ela aventuramos um passo.

As chuvas e os aguaceiros freqüentes em Julho e Agosto, prolongam durante meses a desagradável obsessão. . .

Um silvo da locomotiva. O combóio afrouxa a marcha e entra arfando na estação de La Gorgue, «terminus» da exploração ferroviária na zona de guerra: indica-no-lo suficientemente o movimento extraordinário de camiões de reabastecimento evoluindo a custo no pequenino largo fronteiro à estação.

La Gorgue é unida à sua gêmea Estaires

pelo cordão umbilical duma ponte sobre o Lys. As duas pequenas cidades estiveram ocupadas pelos alemães durante uma semana, no mês de setembro de 1914. Os franceses retiraram até Merville, de onde ao depois contra-atacaram, retomando as duas povoações, e retirando os alemães para a linha de Fromelles-Aubers.

La Gorgue conservava em boa parte dos seus edifícios vestígios do duelo entre as duas artilharias adversas ; e insistentemente, as granadas alemãs batiam de quando em quando a povoação, as suas saídas e imediações, especialmente a estação do caminho de ferro, a rua da Gendarmeria, ao longo da qual havia depósitos de munições nossas, e a barreira do caminho de ferro, próxima já da estrada de La Bassée.

La Gorgue, povoação bastante antiga, contava uns quatro mil habitantes, na sua grande maioria operários das numerosas fábricas de amido e de tecelagem.

A igreja, de tijolo vermelho, construção dos séculos XIII, XV e XVI, ergue na bruma permanente da Flandres o seu elevado campanário de flexa. Ao lado, no cemitério em que mais tarde tantas sepulturas de portugueses se abriram, entreveem-se através das grades campas e cruces de madeira, já esquecidas e cobertas de herva algumas, mais bem cuidadas outras, engrinaldadas ainda de ingénuas flores de papel que pendem descoloridas desde o último dia de finados.

O cemitério, nas terras do norte da França, fica sempre junto da igreja e dentro das povoações: a última morada dos homens não infunde aquêlê terror supersticioso de que estão cercados os cemitérios de Portugal e Espanha; os finados teem naturalmente o seu logar próximo dos vivos a quem foram caros, e assim a sua recordação como que está mais presente ante a piedade familiar. Em muitas terras o cemitério nem sequer tem muros: uma simples sebe viva o separa dos quintalejos em redor, e as galinhas da visinhança debicam familiarmente a relva que cobre as sepulturas.

Passada a igreja e na direcção de Lestrem, um reduzido núcleo de pequenas casas antigas orlando duas ou três estreitas ruas e uma praça de pavimento mal nivelado espraia-se em frente do «Colégio», incaracterístico casarão de tijolo no estilo dos congêneres edificios congreganistas do norte da França, constitui a parte mais antiga da povoação.

Rua de Hazebrouck adiante, na direcção de Merville, próximo da confluência do Lawe com o canal do Lys, numa pequenina península ligada á terra firme por estreito istmo, depara-se-nos uma linda torre circular de tijolo vermelho com o seu coroamento abobadado que lhe dá um ar de pombal ou de gigantesca chaminé e, espreitando através dum tufo de arvorêdo, lobriga-se a arcaria, de tijolo também, dum minúsculo claustro, provavelmente dependência da antiga abadía de Beaupré, de freiras cistercienses,

fundada em 1227. A vetusta abadía, hoje simples herdade, é séde das secretarias dum dos centros de aviação britânica na frente ocidental, cujos barracões se alinham a um quilómetro dali, ao longo da estrada de Merville.

Não é esta a primeira vez que a guerra devasta êste pacífico cantão. Há justamente 270 anos, já no derradeiro período da «Guerra dos trinta anos», teve La Gorgue um certo papel historico.

Os espanhóis, comandados pelo arquiduque Leopoldo de Austria, defendiam desesperadamente o que lhes restava da Flandres Ocidental e atacavam Armentières.

Para evitar o cheque que a perda da praça representava, esforçaram-se os franceses por salvá-la: Gassion concentrou tropas em Béthune e Rantzau manobrou para juntar-se-lhe em Estaires: a superioridade dos efectivos espanhóis fê-los porêem desistir de atacá-los e Armentières caiu (31-5-1647).

O arquiduque procurou em seguida envolver Béthune, que os franceses estavam empenhados em conservar a todo o transe. Para impedi-lo, Gassion e Rantzau dividiram então as suas tropas em dois corpos, ficando o de Gassion em Locon e o de Rantzau em La Gorgue; o arquiduque teve que desistir.

Na abadía de Beaupré, seu quartel general, Rantzau, dinamarquês intemperante, escandalizaria por certo com a sua prodigiosa beberrice e as suas orgías a comunidade de freiras ber-

nardas, cuja regra monástica, de resto, naturalmente teria sido mais que uma vez ofendida pelo espectáculo da libertinagem dos «señores soldados» dos terços, e dos «reitres» e «lansquenetes» da dissoluta época da Guerra dos trinta anos. . . .

Esta circunstância seria, por si só, suficiente para justicar a facilidade com que a guerra fez irromper violentas tendências para a licenciosidade em todo este antigo campo de batalha da Europa sempre que se efectuou a aproximação dos dois elementos — soldados e mulheres.

A situação especial de La Gorgue, com efeito, faz dela, bem como de Estaires, um centro de atracção de soldados nossos e de ingleses dos sectores próximos durante os curtos dias de descanso da rude faina de guarnição da primeira linha. As tabernas e estabelecimentos de venda pululam; as ruas lamacentas teem um movimento ininterrupto de militares aliados e de habitantes da região. As fábricas de fiação e de branqueamento de tecidos, ainda em laboração, fornecem em determinadas horas a esse vai-vem o contingente dos seus operários de ambos os sexos que, com os negociantes de mil e uma coisas indeterminadas e com alguns raros agricultores, constituem a população do burgo.

Sente-se, bem manifesta, a influência do sangue flamengo no aspecto das mulheres, robustas, avermelhadas, cabelos dum louro de estriga, e no dos latagões que a idade isentou

da guerra, barrete de pala com lacinho á frente, casaco de bombazina, caída a calça sôbre polainas de couro curtas como punhos de camisa, fazendo ressoar na calçada as grossas sapatôrras ferradas, obesos e pezadões como os tiros anglo-bolonheses que puxam as suas desageitadas carripanas de rodas baixas.

Se bem que um paraíso, comparado com o inferno das primeiras linhas, não era La Gorgue local de absoluta segurança, sobretudo em paralelo com outras povoações sédes de quartéis generais de corpo, e mesmo de divisão: ouvia-se ali distintamente o tiroteio ao longo das linhas, e os canhões alemães de 15^{cm} e de 20,^{cm}5 instalados entre Aubers e Fromelles, de quando em quando entretinham-se bombardeando-a para se fazerem lembrados...

Um espectáculo freqüente, de noite e, algumas vezes de dia, era o da passagem dos aviões alemães: o ron-ron intermitente e como que aos sacões dos seus motores, era um sinal de debandada para a população timorata que corria a refugiar-se nos subterrâneos juntamente com certos militares, figurões amadores da promiscuidade, numa escuridão propícia, com multidões em que predominavam, em regra, as mulheres...

Durante o dia era curioso o observar as lutas entre os aviões adversos e os efeitos do tiro da artilharia anti-aérea que parecia incomodá-los bem pouco. Toda a gente que não enfiava para os subterrâneos ficava então de

nariz no ar : uns pequeninos pontos acinzentados, muito lá no alto, deslocavam-se com trajetórias imprevistas enquanto em volta dêles uns novêlos de fumaça denunciavam os pontos de rebentamento das granadas anti-aéreas : algumas vezes, durante um certo tempo ficavam pairando no ar, caíndo depois vagarosamente, como que uns flocos de algodão esbranquiçado...

Os aeroplanos inimigos lançavam sempre alguma coisa ao passarem sôbre a povoação : exemplares da *Gazette des Ardennes* em que se insultavam os Aliados, proclamações anunciando para muito breve coisas terríficas — e noutras ocasiões, o que era bem pior, bombas e torpedos aéreos.

O efeito dêstes engenhos era realmente horroroso. Num dos bombardeamentos foram atingidos vários soldados do nosso batalhão de caminhos de ferro, além de vários militares ingleses e indivíduos da população civil. À entrada dos feridos na nossa Ambulância n.º 1, ao tempo em La Gorgue, chamaram a minha atenção uma mulher e uma criança, que apresentavam apenas ligeiros ferimentos : esta ultima quâse sorria mostrando a mãosita com um delgado fio de sangue. No dia seguinte muitos dos feridos sucumbiam, e entre êles a mulher e a criança cujos ferimentos tão pouca gravidade aparentavam, trágico desenlace de que sinto ainda a obsessão através de tantas e tão pungentes visões de guerra.

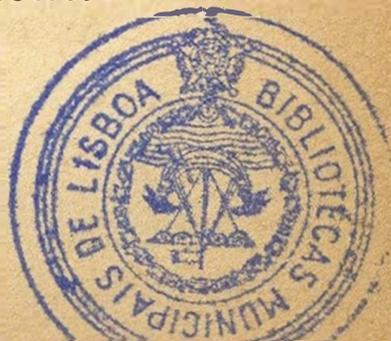
As nossas 1.^{as} linhas

Estar tão perto das nossas 1.^{as} linhas e não as visitar, parece-me heresia. Aproveito a ida dum dos oficiais do estado maior da 1.^a Divisão, o capitão Albuquerque, e com êle vamos — o juiz auditor dr. Pinto Ribeiro, que nas horas vagas da magistratura é alferes miliciano de infantaria, o alferes Nordeste, chefe de secção no S. B. F. e eu.

Seguimos rua de Enfer adiante, e nunca este nome me pareceu tão bem aplicado: dali a Neuve Chapelle II () era curto o percurso.

Dum e doutro lado da estrada, à medida que nos aproximamos das linhas, estendem-se planícies imensas, desoladas, em que de espaço a espaço se erguem as médas cónicas da palha enceleirada para o inverno. A pouco e pouco vão rareando as médas — e como vegetação, além dos renques marginaes de choupos, crescem apenas plantas maninhas nas terras aban-

(1) Cada sector dividia-se em dois sub-sectores: I (direito) e II (esquerdo).



donadas onde apodrecem os restólhos da última ceifa — a de 1914. . .

Logo que ultrapassamos a zona distanciada relativamente das vistas do inimigo, notamos ao longo das estradas, na berma do lado da campanha, compridas teias de linhagem, feitas de faixas entretecidas, alvacentas umas vezes, esverdeadas noutras, destinadas a mascarar dos observadores inimigos o movimento das principais vias de comunicação e os sitios onde estão instalados os depositos de viveres e de munições, bem como as posições das baterias.

O efeito é bizarro e dá à paisagem um estranho aspecto. A «camuflagem» constitui uma verdadeira sciência, bem como o estudo das condições do seu emprego e o da disposição e cores adoptadas, variando, como é natural, com as estações e com o aspecto do terreno durante elas.

A unidade que guarnece o sub-sector que vamos visitar é o batalhão de Infantaria 35.

Apresentados ao comandante do batalhão, instalado nesses abrigos de chapa de ferro ondulada «Elefante» protegidos illusoriamente por sacos de terra, embrenhamo-nos no inextricavel labirinto das trincheiras de comunicação, guiados por um alferes que o comandante põe á nossa disposição para esse fim.

Começamos logo de entrada a ver o heroísmo e a forte têmpera de corpo e de alma que é necessário ter-se para viver naquele meio.

As trincheiras que constituíam as linhas do

nosso sector (desde 1:800^m a Sul de Richebourg l'Avoué até cêrca de Picantin) erguiam-se em relêvo quase todas, ao longo da enorme planície e eram simples parapeitos de sacos de terra que as chuvas iam delindo: raro excedia meio metro a parte abaixo do nivel do solo, e esta profundidade representa o limite maximo passado o qual logo se encontrava água, essa água turva que enchia os drenos que por toda a parte sulcavam o terreno argiloso e sem os quais impossivel seria o agricultá-lo.

A lama era ali uma obsessão: ressumava dos sacos da terra, ao longo das escoras de madeira apodrecida pela continua humidade, aderiam-nos aos pés dificultando-nos a marcha, e luzia, negra e viscosa, dos lados da estreita passadeira de ripado que tornava possivel o trânsito através daqueles labirintos cortados de quando em quando pela torrente de vasa dos drenos.

Cruzavamo-nos com soldados enlameados, no vai-vem dos serviços da linha, e em certos pontos, guarnecidos, viam-se comandos de companhias ou abrigos de pelotões, cavados dos lados e quanto possível desenhados, abrigos que eram a própria contradição do nome: miseraveis tugúrios de folha de ferro mal cobertos de sacos de lama, seguros por estacas de madeira desaprumadas no terreno alagadiço, completada nalgumas a sua defêsa por pedaços de linhagem tapando os buracos de mais vulto...

E vivia-se ali, e era tambem ali que comba-

tiam, nas trágicas madrugadas de ataques inimigos, milhares de criaturas que durante semanas só daquelas horríveis cavernas dispunham para repousar! A vista dos abrigos e dos alojamentos da trincheira deu-me a explicação de muitas queixas e do estranho estado de alma de tantos camaradas que, não obstante isso, na ocasião do perigo revelavam-se heróis.

De vez em quando passamos à beira de uns boqueirões, furnas abertas pelo solo abaixo, e á beira dos quais assomam algumas dessas caras que uma vez vistas não mais esquecem: são as minas, com os míseros que as abrem sem saberem se a cada enxadada não irão tornar mais fundo o seu tumulto. . . .

Junto dum travès, já na primeira linha, há manchas de sangue na passadeira e nos madeiros do revestimento, como se alguém ali se houvesse encostado para morrer. Elucidaram-nos: um morteiro inimigo tinha naquela manhã despedaçado ali dois homens do 35. Na indiferença que o hábito do perigo dá, a dois passos dali, um grupo de soldados assentados no chão faziam roda em torno dum daqueles tão conhecidos boiões de cartão, cheio de dôce de framboêsa dum vermelho vivo de sangue; comiam lentamente, calados, e por sua vez cada um tirava com o navalhão inglês um pouco de dôce com que barrava fartamente o naco de pão. O sangue ali perto espalhado, a coloração rútila do dôce que esparrinhava e gotejava dos navalhões e os rôstos dos homens em que brilha-

vam na penumbra, sob o capacête de aço, olhos febrís de tresnoitados pelos alarmes desta guerra feroz, fizeram passar ante o meu espírito a visão do que seria um repasto de canibais . . .

A macabra impressão desvaneceu-se porêem na primeira volta. Alguns passos mais. Avisinhamo-nos do extremo da primeira linha.

Este sector de Neuve Chapelle foi um dos mais disputados durante a grande batalha de 1915. O terreno convulsionado diz os horrôres de que tem sido testemunha : parece revolvido com frenesí, todo amassado por mãos de gigantes, podrideiro imenso em que madeiras estilhaçadas, restos de vegetação, palha de enxergões desfeitos, destroços de mobilías, emfim, detritos de toda a espécie, fermentam e desfazem-se lentamente, envôltos no barro amarelado ou alvacento em que os fragmentos de tijolo põem uma nota rubra de manchas sanguíneas.

A trincheira, nesta hora, não tem a animação característica das noites de alerta nem a das madrugadas, preferidas para incursões e surpresas, e em que a vigilância atinge o máximo. Sol alto e diminuídas as probabilidades de ataque traiçoeiro, velam atentas apenas as sentinelas e as guarnições dos postos dos periscópios e das metralhadoras. Dos restantes homens, entreviam se através das grosseiras serapilheiras dos abrigos alguns que dormiam, enquanto outros cá fóra, deitados de bruços, ditavam ou escreviam essas longas cartas de soldado espairecendo a nostalgia do lar dis-

tante e a esperança de vêr um dia o fim da guerra.

Eis-nos enfim na extrema primeira linha : impressiona-nos pelo inesperado silencio que reina em torno de nós; perturba-o apenas de quando em quando o rolar de trovão dum canhoneio longiquo. Recomendam-nos que falemos em voz baixa : os amplificadores alemães permitem-lhes ouvir as nossas conversa — a ponto tal que, para evitar que as próprias comunicações telefónicas sejam por eles interceptadas, inventaram-se cifras e transmitem-se ordens e informações numa linguagem figurada, diferente para cada batalhão : a indicação dos numeros das companhias e dos pelotões, por exemplo, é substituída por denominações fantasistas, nomes de animais, de objectos diversos, ao sabôr da imaginação dos seus inventores.

Em frente de nós espraia-se a *terra de ninguém*, planicie sem relêvo atravessada em todo o seu comprimento por interminaveis baragens de arame farpado, ferrugento e enovelado na sua maior parte, e das quais pendem aqui e ali farrapos indefiniveis. Mesmo em frente de nós ficam as crateras de Mauquisart ; á esquerda, terras núas, sepulturas de várias povoações, marcados os lugares das herdades por arvores decapitadas ; á nossa direita esfuma se num horisonte que o nevoeiro faz parecer distante, o arvoredo devastado do Bosque de Biez, o «bosque misterioso», objecto de lendas várias, como a da brigada in-

diana que tendo penetrado nele, desaparecera totalmente e como por encanto, sem já mais dela haver notícias. . .

A trincheira inimiga pressente-se — mais que se vê — lá adiante, paralela à nossa, denunciada pelo listrado duplo das camadas de barro amarelado e das de *humus* escuro. Um ponto longinquo parece mover-se ao longo dela: alguém aventa a ideia dum bom tiro de espingarda naquela direcção: avisam-nos de que tal se não deve fazer; um tiro isolado que se dispare em qualquer ponto das trincheiras da primeira linha poderia dar ao inimigo a impressão de ser aquele local um posto de vigia-atirador, o *snipper* da designação inglêsa, «caçadores de homens» temidos e odiados pelos adversários — e num abrir e fechar de olhos desabaria ali um «bocado de céu velho», sob a forma dum chuvaireiro de granadas de 7,^{cm}7 ou duma saraivada de morteiros de todos os calibres, desde os pezados, «meninos sem braços» na gíria das trincheiras, a transição dos médios, «pães de quilo», até aos mais pequenos, os ligeiros, «as garrafas de litro» . . .

A nossa visita está terminada. Ao retrogardarmos, desfilando a um e um ao longo dos zigue-zagues das trincheiras de comunicação, atravessamos o terreno que foi o principal campo da batalha de Neuve Chapelle, povoação de que restam apenas torturadas ruínas conquistadas em 10 de Março de 1915 pela «Rifle's Brigade», numa carga lendária.

Aqui e ali, no alto de cómoros ou no fundo de depressões cheias de água esverdeada, notam-se numerosas sepulturas, indicadas por cruces de madeira, mutiladas na sua maior parte, ainda aprumadas umas, já inclinadas outras ao acaso das ondulações do solo convulsionado pelos morteiros. Uma delas irrompe dum talude junto do qual passamos: o distico gravados numa tirinha de alumínio indica-nos que descança ali um segundo cabo escocês, *a gallant soldier* — diz-nos o humilde epitáfio — morto na batalha de Março de 1915.

São mais baixos agora os taludes. Olhamos em redor: em volta da imensa necrópole tudo respira tragédia. A vegetação bravía rasteja humilde, como que agachada sob o terrôr das rajadas da artilharia e das metralhadoras que a toda a hora a fazem curvar bafejando-a com a sua aragem letal. Procuo trazer uma recordação daquele reino da Morte. Olho: sôbre os taludes devastados uns malmequeres pequeninos e raquíticas margaridas alternam com as flôres amarelas da serralha. Uma flôr vermelha simbolizaria todo o sofrimento de que estas paragens teem sido testemunhas: de balde a procuro; a terra da Flandres é sempre ávida de sangue humano, e uma vez sorvido jámais o restitui . . .

O ataque de 9 de Março às linhas alemãs

Era preciso castigar a audacia dos alemães, que até então haviam tido sempre a iniciativa das incursões contra as linhas portuguesas (1) e erguer o moral dos nossos. Para êsse fim, o estado maior da 1.ª Divisão determinara á 1.ª Brigada de Infantaria que uma força no efectivo duma companhia, com os necessarios elementos auxiliares, efectuasse um ataque ás linhas alemãs, procurando avançar o mais possível, destruindo as obras de defesa inimigas e colhendo prisioneiros de maneira a poderem efectuar-se identificações.

Coube a execução do arriscado serviço á 1.ª companhia de Infantaria 21. O comandante da companhia, capitão Antonio Ribeiro de Carvalho, moço official de 29 anos, com uma brilhante folha de serviços na defesa de Chaves em 1912

(1) Só mais tarde se realizaram os ataques efectuados pelas companhias dos capitães Vale de Andrade, de Inf.ª 14 (19-3-918) e Américo Olavo de Inf.ª 2 (2-4-918).

e nas campanhas de Africa de 1914 a 1916, foi incumbido de preparar e dirigir a incursão, e de propôr todas as medidas necessárias para o seu bom exito.

O ataque efectuar-se hia no sector de Ferme du Bois, onde estava Infantaria 21 e determinavam as ordens que se fizesse na direcção do grupo de trincheiras alemãs conhecido pelos nomes de « Sally Trench » e « Mitzi Trench »; a nossa preparação de artilharia far-se hia sobre os sectores de Chapigny e Fauquissart e só 5 minutos antes da hora 0 (designação da hora do inicio da execução) é que a nossa artilharia fazia a « caixa », isto é, um saliente na nossa linha de barragem circundando pelos flancos e retaguarda o trecho da posição inimiga a atacar, impedindo a fuga da sua guarnição e a chegada de reforços, permitindo aos atacantes avançar com segurança ao abrigo dessa cortina de aço que se deslocaria lentamente á medida que as tropas encarregadas do ataque fôsem progredindo — disposição esta que punha a favor dos nossos os efeitos da surpresa.

A companhia, no efectivo de 154 praças com 3 metralhadoras levava os pelotões comandados pelos tenentes Henrique Augusto, Luiz de Sousa Gonzaga, Alipio Cruz de Oliveira e alferes Vitorino Rodrigues Corvo que comandava o pelotão do centro, com o qual marchava o capitão Antonio de Carvalho.

Acompanhava as tropas assaltantes uma secção de engenharia, incumbida do transporte e

emprêgo dos explosivos, sob o comando do alferes Costa Alemão.

As praças da companhia do 21 pertenciam na sua quáse totalidade ás freguezias do concelho de Castelo Branco: latagões alourados da Idanha e da Lardoza, moços de Alcains, de Monforte, do Louriçal, dos Escalos e de Malpica, rapazes de tipo meão mas audazes e corajosos até ao extremo — gente, emfim, considerada entre os mais valentes soldados de Portugal e que deram ao 21 a justificada fama de que gozou no C. E. P. Impenitentes murmuradores, á semelhança daqueles granadeiros da epopeia napoleonica, resmungavam mas marchavam sempre — até ao cabo do mundo, se fôsse preciso... Animados, além disso, um forte espirito de corpo cimentado pela identidade de origem, tudo se podia exigir de tais soldados.

Toda a gente que devia tomar parte na acção fê-lo voluntariamente — e homem houve a quem tal serviço não competia e que por todas as formas procurou ir, entre estes, por exemplo, um soldado observador que se ofereceu e conseguiu que o tenente Gonzaga o levasse como sua ordenança.

Na noite de 8 de Março deu-se a ultima demão aos preparativos, ultimando-se a constituição dos grupos de corta-arame, metralhadoras, fuzileiros, granadeiros e limpadores de trincheira. Aí por volta das 2 horas da madrugada a companhia dirigia-se para os pontos de

saída da trincheira. Com a irreprimível emoção dos momentos supremos, os homens saltam silenciosamente os parapeitos e embrenham-se na escuridão da «Terra de Ninguém». Caindo aqui nas traiçoeiras crateras das granadas, tropeçando acolá nas mólhadas de arame farpado ferrugento e enovelado, os nossos avançam devagar, cautelosamente e sem ruído, escalonados segundo a divisão em grupos previamente feita, e após cêrca de uma hora de penosa marcha ás apalpadelas, chegam a uns trinta metros da trincheira alemã. Nisto, sente-se ruído— e tudo estaca, suspensa a respiração, á espera que passe o inimigo, ronda ou patrulha cujos passos se perdem no silencio da noite.

O capitão Antonio de Carvalho, com admiravel sangue frio, vai inspeccionar a disposição da sua gente: tudo está bem e a postos.

Pouco depois das 3 horas da madrugada a nossa artilharia pezada começa a troar. As metralhadoras começam a bater ás cegas a «Terra de Ninguém»; numerosos foguetões de sinais sobem ao ar e iluminam a estranha paisagem: os nossos quédam-se imoveis, colados ao terreno, esperando anciosos a hora 0— cinco da manhã — escolhida por ser a transição do lusco-fusco para as primeiras claridades da madrugada.

A's 4^h,55 romperam as nossas baterias de campanha furioso bombardeamento formando a «caixa», e ás 5 horas precisas, ao abrigo da-

quela muralha de ferro e de fogo a companhia arremessa-se em tropel sôbre as posições alemãs. A 1.^a linha está deserta, e os nossos embrenham-se pelos meandros das trincheiras de comunicação que conduzem á 2.^a linha onde o inimigo os recebe com infernais rajadas de metralhadora.

Os soldados do 21 precipitam-se então contra os alemães do 206.^o Regimento de Infantaria prussiana — e repelem-nos a tiro e á granada de mão. O tenente Gonzaga topa com uma metralhadora cuja guarnição a maneja contra os nossos: o valente oficial não hesita e seguido da sua ordenança, o soldado observador, a tiro e á baioneta derruba ou põe em fuga os «boches», toma-lhes a metralhadora e corre a juntar-se aos seus: um alemão atira-lhe uma baionetada que o fére ligeiramente no queixo, mas logo paga com a vida a ousadía. O Gonzaga, seguindo adiante, vai a enfiar por uma trincheira de comunicação quando um estilhaço de granada de mão o prostra ferido no ventre. Nesta altura já estão feridos vários oficiais e praças: entre outros, o tenente Alipio de Oliveira tem as pernas atravessadas por uma bala e o segundo sargento Albano Couto recebe vários ferimentos ao avançar com extraordinária coragem á frente da sua secção.

Officiais e praças rivalizam em audacia e épica bravura. O capitão Carvalho, bem seguro o eterno monóculo, sem o minimo indicio de emoção, aparece em toda a parte, dirige e

incita os seus homens, chamando-os pelos nomes próprios e alcunhas — tão bem ele os conhece — e o que cada um vale...

Nada detém o impeto dos nossos soldados que vão até á linha de apoio onde o inimigo se refugia nos seus solidos abrigos de cimento armado: mas os soldados da engenharia fazem saltar todos aqueles em que os de dentro não obedecem á intimação de se renderem.

O capitão Antonio de Carvalho recomenda que se façam prisioneiros; êle proprio, vendo um grupo onde está um oficial inimigo, corre sobre êle acompanhado das suas duas ordenanças — mas o oficial foge-lhe e apenas consegue aprisionar dois dos homens da escolta.

Começa então uma verdadeira caçada ao homem em todos os recantos da trincheira: um dos nossos soldados, o alcunhado «Montanhaque», lobriga um alemão da estatura meã, Cruz de Ferro ao peito, ganha (soube-se depois) num ataque á infantaria 55; corre sôbre êle, alcança-o, e após renhido corpo a corpo domina-o, aprisiona-o, e como o «boche» se debate ferozmente, segura-o pelas pernas e braços, atira com ele para os ombros e trá-lo á laia de rez, escabujando de raiva impotente.

O soldado «Baltazar», marchante do Lourçal, atacado por um alemão, joga-lhe a baioneta com tanta alma que o ergue á laia de rez no talho.

Além da metralhadora conquistada pelo te-

nente Gonzaga, uma outra caíra em poder dos nossos: tomara-a o «Correccional», desembaraçado mocetão de Malpica, veterano já das campanhas de Africa.

Estava conseguido o fim a que visava o ataque: numerosos abrigos destruidos, muitos inimigos mortos, prisioneiros outros, tomadas duas metralhadoras e grande numero de espingardas, capacetes e equipamentos — tais eram os resultados colhidos pelos nossos durante a meia hora que durou o ataque, cujos resultados excederam a expectativa.

A surpresa actuara em favor dos nossos: a frouxa resposta do inimigo bem o demonstrou. Os alemães bem fizeram subir durante a acção numerosos foguetões azues, provavelmente sinais para a sua artilharia, mas esta não correspondeu ao que dela esperavam, pois o seu fogo foi todo feito em direcção diferente da linha de retirada seguida pelos nossos e não os incomodou no regresso. Com efeito, chegado o momento de retirar, os soldados do 21 com a serenidade e ordem de quem volta dum exercicio, abrigados pela «caixa» da barragem da nossa artilharia, ganharam o parapeito e reentraram nas linhas nos pontos de ante-mão fixados e onde tudo estava pronto para recolhê-los.

Dado o sinal de ter a companhia reentrado nas linhas os comandantes dos pelotões contaram os seus homens: muitos vinham feridos: 23 praças, além dos dois officiais; mas ninguem desaparecera, caso rarissimo em operações

deste genero em que antecipadamente há que contar-se com a natural pêrda de alguns homens extraviados na escuridão.

O fogo da nossa artilharia continuou até que, recebida a comunicação do comando do batalhão de que o destacamento havia já recolhido, foi decrescendo até cessar completamente.

Comunicado á brigada, e logo por esta á divisão, o successo sem par deste ataque, um frémito de entusiasmo percorreu o C. E. P. aumentando extraordinariamente com esta façanha o renome do 21 — o bravo regimento da Beira Baixa.

Das forças que efectuaram a incursão fôram promovidos aos postos immediatos os officiais e o segundo sargento Couto e condecoradas com a Cruz de Guerra várias praças — tardiamente, embora — nas ordens de Maio e Junho . . .

O ataque alemão de 12 de Março

11 de março de 1918. — Encontro em La Gorgue o lial companheiro e amigo que é Joaquim Ribeiro, alferes miliciano pela graça da guerra e em serviço no 4.º Grupo de Artilharia: lembra-me logo que é chegada a ocasião de cumprir a promessa de ir jantar com ele à bateria. Vou.

Estrada de La Bassée adiante, o rancho dos oficiais da 4.ª bateria, a de obuses, está instalado em Pont du Hem numa herdade que as granadas alemãs vão a pouco e pouco demolindo, mas cujos possuidores, com o tenaz apêgo á terra dos franceses do norte, obstinam-se em viver, entre ruínas, dos proventos do commercio com as tropas e, um pouco, do que lhes produzem as martirizadas leiras.

Chegámos cedo ainda; e enquanto se apresta o jantar, percorremos ao longo da «Rugby Road» as posições da bateria e os abrigos de folha de ferro ondulada «Elefante», disfarçados com terra e ramagem de onde os obuses pintalgados de verde, sépia e amarelo assomam num re-

lâmpago a vomitar metralhar recolhendo logo ao esconderijo — não vão descobri-los os aeroplanos inimigos de observação, pois bateria referenciada é bateria destruída...

Joaquim Ribeiro mostra-me a sua secção, dois obuses de quatro polegadas: afagandõ-lhes as culatras de aço brunido, encarece-lhes as qualidades balísticas e fala-me dêles com desvanecimentos de pae...

Ao jantar, a que preside o comandante da 2.^a bateria, capitão Gilberto Mota, cuja casa as granadas inimigas destruíram, encontro além dêste, outros velhos conhecimentos, o tenente Barbosa de Magalhães e o alferes Alpoim da 4.^a. Uma forte e sã alegria condimenta as iguarias de guerra; e quando o classico *Champagne* dos dias de visitas polvilha de sentimentalismo a conversação. entra-se no capitulo das recordações e lembram-se os amigos que por aqui perto vivem a vida incerta das lutas e do perigo.

Vem á baila o nome do capitão Americo Olavo. Alvitro ao Joaquim Ribeiro:

— ¿E se nós fôssemos visitá-los?

— ¡Valeu!

Despeço-me da rapaziada da 2.^a e da 4.^a e aí vamos nós em demanda do sub-sector Chapi-gny II, onde está o batalhão de infantaria 2 de que é 2.^o comandante interino o Americo Olavo.

Era já noite. Encurtamos caminho tomando pelos carreiros «de emergencia», cujo acidentado piso esburacado pelas granadas em quatro

anos de noites de alertas a custo se destrinça no torturado terreno que nos separa das linhas.

Uf! Chegamos, enfim. Olavo recebe-nos de braços abertos.

— ¿Então que há? Que bons ventos os trazem aqui?

— O desejo de abraçar-te; e, pela minha parte, mais ainda o de fazer-te companhia esta noite. ¿Que te parece?

— Acho optimo. Escusado será dizer-te que almoças cá amanhã...

A relativa proximidade de La Gorgue da frente permitira-me alguns passeios ás linhas em visita a amigos. Era voz unânime, todavia, que de noite é que ali se sentia bem a guerra: nas noites perturbadas pelo tumulto das barragens, quando a morte, multiforme, espreita por toda a parte o combatente, 'ao mesmo tempo que a bizarra iluminação de milhares de foguetões de sinais desenha a linha sinuosa das posições adversas. Decididamente, aproveitariamos a ocasião.

O capitão Pereira de Castro, comandante interino, gentilmente concede a autorização pedida: durante algumas horas faria eu parte do efectivo do batalhão de infantaria 2...

Excelentes camaradas e magnifico moral o da sua officialidade. Conterrâneos uns, velhos conhecimentos outros, encontro ali além do Olavo, os alferes Martins Ferreira, Cabral, e Silva Barros. Discreteámos até tarde animadamente, e quando nos deitámos nas rudimentares camas

do posto de comando do batalhão, era já noite velha, — linda noite por sinal, estrelada e serena.

Dormia eu não sei quanto tempo havia, quando me despertou em sobressalto um trovão, violento e demorado como se fôsse composto de muitos trovões. Ergui-me de repelão do improvisado leito. A' luz amarelenta duma vela, o capitão inglês, oficial de ligação junto do batalhão cuja cama ficava próxima da minha, procurava vestir apressadamente o grosso capote forrado de peles.

— ¿ Que há?

— Ataque «boche» — diz-me ele.

Olho maquinalmente o relógio: são 4 horas da manhã.

Saímos do abrigo. Numerosos foguetões verdes e vermelhos de S. O. S. ⁽¹⁾ indicavam-nos que as linhas do nosso sub-sector estavam sendo atacadas: com efeito, rebentavam com furia sobre elas as granadas inimigas e, através do raivoso estrondear, percebia-se que as nossas metralhadoras disparavam incessantemente, num crepitar febril.

Animam-se, num momento, as dependencias do posto de comando, numa azáfama de oficiais e de ordenanças. Dentro do abrigo tilintam repetidas chamadas telefônicas e, alternando

(1) Pedido de socorro do Código de sinais inglês, letras iniciais da frase *save our souls* (salvai as nossas almas).

com elas, a voz pausada e inalteravelmente calma do Americo Olavo. Chegam-me ao ouvido farrapos de conversação:

— ¿ Está lá? ¿ Está lá? — Bem.

— ¡ Oficial de ligação de artilharia!... Companhia da esquerda e companhia do centro pedem S. O. S.!

Percebo que o alferes Candeias dá uma ordem telefonica, e logo em seguida ouço as granadas das nossas Canet de 7,5 silvando sobre nós irem estostrar adiante das nossas linhas, na *Terra de Ninguém* e na 1.ª linha alemã.

Sensação de alívio: calmam-se as pulsações dos corações inquietos e respiram fundo os peitos opressos: sente-se bem vigilante e activo o apoio seguro da nossa artilharia — que nunca nos deixou ficar mal...

Continuam, repetidas e apressadas, as chamadas ao telefone.

— ¿ Está lá? — Está lá? Bem... Agora as companhias do centro e esquerda já não atendem...

Enerva, o persistente campainhar das chamadas:

— ¿ Está lá? — Está lá?

O capitão Olavo tenta, sem resultado, comunicar por intermedio da companhia da direita com as companhias atacadas; fala-se ao telefone numa linguagem convencional — não vão as conversações ser percebidas pelos amplificadores inimigos.

Noticias da frente, confusas a principio, precisam-se com a informação da entrada dos alemães na nossa 1.^a linha, na parte guarnecida pelas companhias da direita de Infantaria 11 e esquerda e centro de Infantaria 2. Mas não há motivo para pessimismos: a luta prossegue.

A coberto dum abrigo, á retaguarda do posto de comando, um pelotão espera ordens. Ouço os soldados cochicharem entre sí. ; De que falarão eles? ; Sei lá! Comparam talvez a pirotecnia mortifera que sacode o solo e assobia sinistramente no ar, com a dos arraiais nas noites enluaradas das suas terras distantes. . .

O ceu ilumina-se a cada instante com explosões que deixam rastos de fumo amarelado, e, nos raros momentos de obscuridade, traçam-se luminosas trajectorias que se entrecruzam como um chuveiro de bolidos e de estrelas cadentes.

Torna-se necessario reforçar a companhia da direita, incumbida de atacar o flanco do inimigo.

— ; Mande avançar o pelotão da companhia de apoio!

Vejo-o sair. Os soldados tomam, a um e um, pela estreita verêda que costeia um terra-pleno coroadado de perfis negros de cruces de sepulturas de ingleses que nos precederam no sector. Passam junto de mim. Graves e calados; mesmo em marcha carregam as espingardas; os estalidos sêcos do abrir e fechar as culatras

e o tilintar de ferragem nos punhos de sabres-baionetas ficam-me nos ouvidos apesar do barulho ensurdecador da artilharia.

Do ponto onde estou domina-se a campanha em volta e observa-se perfeitamente o bombardeamento. A meu lado, o capitão inglês fuma cachimbo desesperadamente. O canhoneio é formidável: dizem experientes que é o mais violento a que teem assistido. As detonações são tão freqüentes que se assemelham ao ribombar de um trovão unico; servem-lhe de acompanhamento silvos de granadas logo seguidos de explosões e daquele arrepiante assobio dos estilhaços, alguns dos quais sinto-os eu restolharem nos raros galhos de umas arvores mortas junto das quais nos encontramos. São tão bastos os projecteis das artilharias contrarias, cujas trajetorias se cruzam, que tem se por vezes a impressão de que devem chocar se no ar . . .

A artilharia alemã bate-nos agora com particular violencia as 2.^{as} linhas para tirar aos nossos a possibilidade de serem socorridos ou de retirarem, bem como os «caminhos de S. O. S.», as tais veredas «de emergencia», itinerario provavel do avanço dos nossos reforços. Uma dessas veredas passa proximo do posto de comando: alumiam-na com frequencia os fogachos das explosões — e não há um metro dela que não esteja esburacado. Com certeza não seria por ali que nos chegariam reforços, qualquer que fôsse a emergencia . . .

Ocupados os olhos e o espirito na contemplação do formidável espectáculo, quase não dou conta de que estou só: o capitão inglês fôra afogar o enervamento da expectativa nas amplas botijas em que o rum se encontra á discrição sobre as toscas mesas do abrigo . . .

Abeira-se de mim o Americo Olavo; sereno, procura através da escuridão adivinhar as vicissitudes do combate. Trocamos impressões; parece-lhe já extraordinariamente longa a duração do ataque.

Nisto, ouço um tçoque de buzina, e a voz do oficial dos gazes.

— ¡ Gaz alarme !

— ¡ Oh c'os diabos !

E vá de pôr depressa a incómoda mascara, a «chucha» na bôca e a pinça comprimindo o nariz.

Tudo o que nos cerca toma um aspecto estranho visto através dos vidros do respirador que a humidade da madrugada teimosamente embacia. Ninguem pode falar: entendemo-nos por gestos. Em volta de nós, os homens movem-se como espectros.

. . . Até que enfim, a buzina dá o sinal de alto ao alarme. Durou um quarto de hora, apenas, mas creio que ninguém o achou breve . . .

Vem rompendo, indecisa ainda, a manhã; á luz palida e vaga do alvorecer, o terreno em volta de nós, todo cheio de sulcos escuros e de crateras, da-nos a impressão de uma paisagem lunar.

Chegam boas noticias de combate. Os comandantes das companhias do centro e esquerda chegaram a fazê las retirar para a posição de resistencia, mas anunciam agora que o inimigo foi repellido, deixando nas nossas linhas alguns mortos e prisioneiros. Do nosso lado houve algumas baixas, mortos e feridos, cujo numero se está apurando.

Invade-nos uma onda de alegria; as imediações do abrigo enchem-se de um ruido de colmeia feliz.

Recomeçam as comunicações ao telefone e, pouco depois, a nossa artitharia alonga o tiro, que pouco a pouco enfraquece e depois cessa completamente. . .

Todas as informações recebidas acordavam em que o batalhão do 2 repelira briosamente o ataque inimigo — mas notícias da 1.^a linha davam como bastante danificadas pelo bombardeamento as obras de defesa do sub-sector.

O capitão Americo Olavo, no desempenho das funções de 2.^o comandante, vai percorrer as posições. Acompanho-o através das trincheiras de comunicação revestidas de tabuões de pinho aos quais sucessivos invernos deram uma côr acinzentada; pizamos com precaução as travessas da passadeira: o fundo da trincheira está cheio de água.

A uns duzentos metros fica o abrigo da companhia de apoio: comanda-a o tenente Ribeiro Gomes, que está radiante de entusiasmo: o abrigo foi «apalpado» pelas granadas, mas a

sua gente foi admirável de coragem e de sangue frio.

— ¡ Bravos rapazes !

Um soldado vem, todo açodado, dizer que alguns alemães não puderam transpôr a nossa barragem e devem estar escondidos nas crateras que a dentro das nossas linhas existem. Uma ordem rápida : num momento aparece um cunhete de granadas de mão que um sargento distribui a vários homens — e aí vai o Ribeiro Gomes em cata dos fugitivos que, afinal, reconhece-se existirem apenas na imaginação do soldado.

Prosseguimos. E' já manhã clara quando chegamos ao abrigo do comando da companhia do capitão Mendes Cabeçadas.

Em seguimento do Olavo, entro, curvado, num acanhado corredor onde acotovelamos ordenanças que entram e saem, e que dá acêso a uma pequena sala subterrânea. Uns cunhetes servem de bancos ; duas ou tres camas improvisadas ; ao centro, sobre uma espécie de mēsa tōsca, fumega em canecas de alumínio o café da manhã — bem ganho, na verdade.

O Cabeçadas, com algumas praças, verifica o funcionamento das comunicações telefónicas com os pelotões, restabelecidas logo após a reocupação da 1.^a linha. Interrompe o trabalho e relata ao Olavo os acontecimentos da noite.

—... os homens, magníficos de serenidade e de coragem.

—... ¡ Optimo ! Que não esqueça a menção no relatório dos que se distinguiram !

Despedimo nos do Cabeçadas. Vamos vêr o estado em que ficou a nossa 1.^a linha.

Na trincheira de comunicação que seguimos, as tábuas do revestimento, crivadas de estilhaços, atestam a rudeza do bombardeamento.

Fica-nos à direita um través estreitissimo que forma um cotovelo e dá acêso a um lôbrego recanto onde negreja uma espécie de cozinha.

A' luz da manhã nascente divisam-se no madeiramento e na passadeira manchas recentes de sangue.

Uma das ordenanças elucida :

— Foi aqui que 'inda há migalho um estilhaço matou um rancheiro da 3.^a . . .

— *Prove* rapaz ! E os outros que andavam sempre a chamar-lhe *cachapim* . . . Coitado !
— concluiu uma outra.

Seguimos adiante até que chegamos à 1.^a linha—a «Avenida dos Alferes», alusão aos seus habituais frequentadores, os comandantes de pelotão . . .

Uma ribanceira em declive em que se adivinha uma vaga superstrutura de sacaria ; em muitos pontos, boqueirões e desmoronamentos recentes deixam vêr largo trecho de terreno cheio de covas e de fojos e ao longo do qual se emaranha em intermináveis sebes uma infernal vegetação de arame farpado completamente enferrujado e do qual pendem farrapos de uniformes : — a «Terra de Ninguêm» ; mais longe, uma ligeira ondulação perceptivel por manchas de terra revolvida de fresco pelas nos-

sas granadas — é a linha alemã, silenciosa e de uma imobilidade felina. Noutros lugares, dos sacos de terra apodrecidos, esventrados pelos estilhaços e já meio vaziós, escorre uma lama escura, a terra das Flandres, durante tantos seculos amassada em sangue e lágrimas, frágil anteparo contra os ataques de um inimigo audacioso que, a coberto dos seus ciclópicos abrigos de cimento armado, constantemente vareja as nossas frágeis defesas.

As linhas estão animadas ; á medida que as percorremos, os comandantes dos pelotões apresentam-se ao capitão Olavo e narram-lhe peripecias do combate.

Os maqueiros terminaram a faina dos feridos : ocupam-se agora na remoção dos cadáveres — e impressiona-me o de um dos nossos a quem uma granada decepou as pernas, presa ainda uma delas ao madeiramento do abrigo esbarrondado. Punge-me um sentimento de funda tristeza ante os restos do humilde herói morto no seu posto . . .

Perto, o cadáver de um alemão, louro, franzino, glabro, de uma palidez terrosa, crispadas as mãos, parece fitar-nos com os olhos vítreos. Conserva na cabeça o capacete de trincheira varado por uma bala dos nossos : pelo orifício de saída a massa encefálica jorrou em forma de cogumelo . . .

Indiferentes a estas trágicas scenas, á força de hábito, grupos de soldados reparam sumariamente a trincheira, desimpedindo à pá e picareta as estreitas passagens obstruidas por torrões barrentos e destroços de madeira esmigalhada á

mistura com chapas de ferro e fragmentos de granadas e morteiros.

Nos postos das metralhadoras ligeiras, os vigías, atentos aos periscópios, observam o movimento da linha alemã. Outros homens assomam ao parapeito e espreitam também, curiosos e interessados, as posições inimigas onde as macas e bandeiras da Cruz Vermelha teem andado numa roda viva na recôlha dos seus feridos e mortos.

O capitão Olavo findára a sua inspecção. Regressados ao posto de comando, ali encontrámos ainda, no abrigo que servia de sala de jantar, dois dos «boches» feitos prisioneiros no combate. Comem, com olhares ariscos, uma lata de conserva de carne. Tranquilizados pela oferta de cigarros da ração, observo-os melhor enquanto se lhes faz o interrogatório da praxe afim de tomar-se nota da brigada e regimento de que fazem parte e a hora e local em que foram aprisionados.

Pertencem ao 269.º Regimento de Infantaria prussiana, havia pouco vindo da frente russa. Um dêles, franzino, quase imberbe, azougado, diz-nos num mau francês, sem ninguêem lho perguntar, que é pomeraniano, caixeiro viajante de ferragens e que se sente feliz por ter ficado prisioneiro, agora que vê que não tratamos mal os que caem nas nossas mãos ; o seu maior desejo, presentemente, é que a guerra acabe para recommear o seu giro habitual.

O outro prisioneiro é um silesiano de Breslau,

baixo, atarracado, cabeça quadrada, pequeno bigode louro, aspecto estúpido. Como não sabe francês, mal fala e parece indiferente a tudo o que o cerca.

Logo que êles saem, escoltados, para o quartel general da 6.^a Brigada de Infantaria, põe-se a mêsá num pronto, e como já passa da uma hora da tarde dispomo-nos a fazer honra ao almoço; as sensações da noite haviam-nos aguçado o apetite; o êxito e a excelente camaradagem torna espontânea a alegria e fácil o riso.

Ao tumulto da madrugada sucedêra completa calma, apenas perturbada por longinquo canho-neio nalgum sector distante — e o tempo passa ali tão depressa que são já 5 horas da tarde quando me despeço com funda saudade daquele punhado de camaradas.

No regresso, observo melhor a desolada paisagem que se estende até á estrada de La Bas-sée.

Sigo um antigo caminho, escavado hoje como o leito dum ribeiro sêco. Ladeiam no crateras de água esverdinhada, escancaradas numa terra em que o *humus* revolvido denuncia-se como mancha escura no barro amarelado.

Aqui e ali, perfís irregularmente recortados, carcomidos esqueletos de gigantescos cetáceos com as vértebras a desagregarem-se:— são ruínas de casebres e de herdades, de ricas moradias e de tôscos alpendres: vigamentos desconjuntados sobrepujando montes de detritos, tijo-

los partidos, mobiliários triturados, restos duma vida que foi e onde se distingue desde a mêsa dos serões e das refeições familiares até aos brinquedos e carrinhos de crianças cujos berços partidos jazem juntamente com a palha dos enxergões desfeitos num amálgama que as chuvas e as neves de quatro invernos uniformizaram em côr.

Por sobre todo este largo tracto de terreno pairam a Desolação e a Morte — essa Morte que espreita alêm tantas creaturas; à sua influência parece que nem as coisas inanimadas se subtraem, e só as plantas afirmam a sua selvagem independência crescendo em desordenada liberdade.

A estrada de La Bassée a Estaires apparece-me em fim, rectilínea e de uma regularidade de via policiada; as herdades cercam-se de arvoredos ainda não destroçadas; as casas, se dalgumas restam apenas paredes, muitas conservam ainda os telhados. Emfim! E, com o alívio de quem deixa o último círculo dum inferno dantesco, não é sem emoção que regresso á terra, — onde embora entre perigos, é possível a Vida florir . . .

II

Batalha do Lys

Nas vésperas da 2.^a ofensiva alemã de 1918

Situação militar em Abril de 1918

No gigantesco duelo das Potencias Aliadas com os Imperios Centrais, as Flandres fôram intermitentemente teatro dalgumas das mais emocionantes fases da formidavel luta.

Desde as refregas do periodo final da invasão da Belgica, da desenfreada «corrida para o mar» em que os alemães procuraram atingir através da Mancha o coração da Gran-Bretanha, nas lutas tragicas do Yser e de Ypres em Outubro e Novembro de 1914, através dos periodos de recrudescencia da ofensiva alemã de Abril a Junho de 1915, até à ofensiva britanica de Junho a Novembro de 1917 para consolidar a posição de Ypres, nunca o canhão deixou de troar na planicie imensa, campo de batalha predestinado desde as mais remotas epocas da historia.

Nos fins do primeiro trimestre de 1918, parecia que os alemães, fatigados de aniquilarem-se

numa interminavel luta pela posse de Dunkerque e Calais, através dos campos lamacentos cortados pelos inextricaveis cursos de agua da Flandres, procuravam a solução do conflito na luta pela posse de Amiens e de Abbeville — o nó vital de comunicações e o ponto de soldadura entre os exercitos franco-britanicos. A luta fôra renhida, e só à custa da destruição quase total do 5.º Exercito Inglês e graças à rápida deslocação de numerosos contingentes francezes, haviam os Aliados conseguido parar o temivel golpe.

Começara o mês de Abril de 1918. Uma inexprimivel sensação, mixto de incerteza e de ansiedade, dominava os espiritos.

Paralizada a violenta ofensiva de 21 de Março ameaçando Amiens, sentia-se que os alemães não deixariam de procurar outro ponto de ruptura da linha dos Aliados: ¿ onde vibrariam eles o golpe?

O alto comando britanico previa um ataque na frente do Artois: radicara-se nêle a convicção de que a natureza especial do solo alagadiço das Flandres afastava, a possibilidade de ali se efectuarem operações em quadra tão proxima ainda da estação invernosa. Julgava-se, além disso, fóra das hipoteses dum ataque a fundo, uma região como a que se estende entre os canais do Lys e de La Bassée, desviada das directrizes naturais dos provaveis ataques sobre os portos da Mancha ou da foz do Somme.

O objectivo mais provavel naquele sector,

seria, julgava-se, Neuve Chapelle, tomada pelos ingleses em 1915, e cuja posse tinha um alto significado moral—mas para a qual os alemães, nesta fase decisiva da luta, certamente não distraíam forças assàs importantes, que bastante falta lhes fariam noutros pontos reputados de maior importancia prática.

Circunstancias houve, porém, que modificaram os elementos em que o comando britânico baseava as suas suposições. O tempo correra de feição a enxugar o terreno mais cedo que o costume, e movimentos de tropas alemães, ainda mal determinados, começavam a originar nessa frente inquietações ao marechal Douglas Haig. Acrescia que, havia já tres semanas, os sectores das Flandres vinham sendo desfalcados em proveito doutros que se presumia mais ameaçados, e 10 divisões dali transferidas para os campos de batalha da Picardía haviam sido substituidas nas Flandres por unidades retiradas mal-feridas da formidavel ofensiva de 21 de Março.

Nova tactica alemã

Os alemães, nesta guerra toda surpresas, apresentavam-se com nova tactica que as suas tropas empregavam proficientemente. Aplicada na Galicia, em Riga e em Caporetto, a titulo de experiencia, acabava de fazer nos sectores do Somme, nesta frente Occidental, julgada inexpugnavel, as suas provas decisivas. Nenu-

ma parte da frente tinha organizações capazes de lhe resistirem.

Com todos os beligerantes, de resto, aconteceu o mesmo nesta guerra: os sucessos duravam enquanto durava o efeito da surpresa.

A dura experiencia dos factos fizera os alemães renunciar ao seu tão predilecto sistema das grandes massas, que passou a ser considerado indigno de tropas experimentadas; na grande ofensiva de Flandres, continuou a reabilitação da ordem extensa, já francamente esboçada na ofensiva do Somme.

Nesta fase da campanha a preparação pela artilharia assumira uma importância capital, sobretudo na preparação dos ataques da infantaria nas ofensivas; o material para isso empregado era verdadeiramente assombroso: calculava-se que para qualquer ataque era indispensável dispôr-se de 20 a 30 batarias — cerca de 100 canhões — para cada quilómetro de frente!

E ainda assim, esta massa formidável não era suficiente para desembaraçar por completo o caminho à infantaria atacante, que necessitava ainda duma arma poderosa de acompanhamento: para esse fim dispunham os regimentos — e até mesmo alguns batalhões de infantaria alemã — de um certo número de bocas de fogo fornecidas pela artilharia das divisões, verdadeiros canhões de infantaria, utilizadas no combate a curta distância para reduzir e esmagar os pequenos núcleos de resis-

tência e os «ninhos de metralhadoras» que a preparação prévia pela artilharia não conseguisse atingir.

Para permitir também à artilharia o bater eficazmente as linhas do adversário sem ter que mudar constantemente de posições, os alemães passaram a acumular grande quantidade de munições junto das 1.^{as} linhas. Esta circunstância todavia, não permitia à artilharia fazer um tiro de longa duração pelo risco de ser destruída pelos projecteis da artilharia adversa, juntamente com as munições, insuficientemente protegidas, tornando-se também perigosa a regulação do tiro segundo os métodos habituais, que despertaria a atenção do adversário, o que levou os alemães a estudar e adoptar um método que permitiu à sua artilharia o actuar sem a necessidade de regular previamente o tiro.

Os morteiros, empregados de comêço exclusivamente na guerra de trincheiras, haviam sido tornados transportáveis e adaptados ao tiro directo por meio duma alça especial, transformando-se assim numa arma de acompanhamento fazendo parte integrante do batalhão de infantaria que o empregava contra objectivos proximos oferecendo uma certa resistêcia.

A divisão alemã dispunha ainda de uma companhia de morteiros pezados e dum certo número de lança-chamas utilizados no ataque contra guarnições de abrigos ou de subterrâneos organizados defensivamente.

A aviação alemã adoptou nova tática no sentido de apoiar os ataques da infantaria, passando a ser o seu verdadeiro fim o tomar parte nos combates terrestres e considerando-se o combate aéreo apenas um meio: para desempenho desta sua nova missão agruparam-se aparelhos em grupos especiais de combate que, voando a pequena altura, atacariam com metralhadoras e bombas as formações de infantaria do adversário, as posições de artilharia dêste, e até mesmo as suas reservas e comboios nas estradas da retaguarda.

O grupo de atiradores, facilmente manejável, veio a ser a base da organização alemã de ataque, em íntima ligação com a metralhadora ligeira, que passava a ser a principal arma de fogo da infantaria.

Constituíram-se grupos mixtos de atiradores e de metralhadoras, a que se juntavam ainda granadeiros, formando-se assim núcleos resistentes destinados a manter-se unidos e a atacarem ou a defender-se perfeitamente e ligados, apoiando-se e completando-se. A metralhadora pesada tornava-se como que uma arma de acompanhamento, e tinha por missão permitir o avanço dos atiradores em lances sucessivos, dominando o adversário graças ao seu alcance e elevado rendimento.

Na época que se deu a ofensiva de 9 de Abril, ainda os Aliados não tinham compreendido bem nas suas minúcias a nova técnica das ofensivas alemãs que, aplicada pela pri-

meira vez na frente ocidental em 21 de Março, viria colhendo sucessos desde o de então até ao de 29 de Maio no Chemin des Dames.

E' muito notável o método de Ludendorff na organização das três grandes ofensivas de 1918: a de 21 de Março sobre Amiens, de 9 de Abril sobre o Lys e de 27 de Maio sobre o Chemin des Dames, que apresentam até nas suas minúcias flagrante similhaça. Foch considerava-as do mesmo tipo, e nas suas célebres «Instruções aos exércitos aliados», de 16 de Junho de 1918, definia-lhes as características pela forma seguinte:

«As recentes ofensivas alemãs são caracterizadas pela surpresa, violência, rapidez de execução, manobra, e estudada profundidade de penetração.

«A surpresa é originada pela brevidade de preparação pela artilharia (3 a 4 horas) e colocação só no último momento, em locais apropriados, das unidades de ataque cujo transporte é efectuado de noite: nada muda até à noite que precede o ataque e as unidades em linha são as mesmas. Êsses ataques efectuam-se ao amanhecer, sendo a infantaria precedida dum grande barragem com forte porporção de granadas fumígenas, de forma a ser descoberta só a pequena distância.

«A violência é obtida pela intensidade dum bombardeamento com peças de todos calibres, de 4 a 5 quilómetros de profundidade, concentração da infantaria a 200 ou 300 metros das

1.^{as} linhas a tomar, e pelo ataque em massa. Conquistada a primeira posição, escalona-se em profundidade, distende-se, e as unidades da testa avançam o mais rápidamente possível sobre os objectivos a atingir, sem se preocuparem com a limpeza e protecção dos flancos que são assegurados por outras unidades. A designação dos objectivos é destinada apenas a balizar a direcção do avanço e não implica demora.

«Ao avançar, a infantaria é protegida por fogos de barragem rolante da artilharia, e depois pela artilharia e morteiros de acompanhamento. Faz, no entanto, largo uso dos próprios fogos e das metralhadoras ligeiras. Encontrando objectivo que resista e que não possa vencer pelos próprios meios, suspende a marcha, e as unidades proximas encarregam-se de fazer cair, flanqueando-a, a posição que resiste.

«Os alemães colocam as melhores unidades no centro do ataque, de forma a obter uma progressão rápida e profunda no ponto mais central. A manobra, depois, consiste em alargar a zona de ruptura e atacar em seguida os flancos da brecha. O ataque de frente prossegue durante o desenvolvimento dos ataques de flanco.

«A premeditada profundidade de penetração é obtida pela marcha rápida e resoluta das tropas sobre objectivos a grande distância, de antemão fixados. Tem por fim desorgani-

zar defezas que não estão inteiramente constituidas, tirando-lhes, com a posse dêsses objectivos, os pontos essenciaes da sua organização.»

O plano alemão

Tem sido pouco estudada pelos publicistas estrangeiros a primeira fase da batalha de Lys, em que foram os portuguezes quem principalmente suportou em toda a sua violencia o ataque alemão do primeiro dia, em renhidos combates cuja violencia só foi igualada pelos que mais tarde se travaram em tôrno do Monte Kemmel.

A impetuosidade e os effectivos que neles empregaram os alemães — excluí por completo a hipótese de que o ataque de 9 de Abril teria sido de começo apenas uma poderosa diversão.

A ofensiva alemã sobre Amiens, após os primeiros e assás rápidos succêssos, ficara paralizada pela intervenção rápida e enérgica dos francêses, e a frente estabilizara-se naquele ponto. O ataque do XVIII exército alemão nas duas margens do Scarpe, fôra completamente repellido.

Falhara no seu fim principal a ofensiva da Picardía:urgia portanto procurar a solução noutro ponto. Coube a vez aos sectores da Flandres, relativamente calmos durante o ultimo semestre de 1917.

O novo plano ideado por Ludendorff visava a romper a linha dos aliados entre o Lys e La

Bassée, de maneira a obter o acêso à vasta planície do vale do Lys, tomar de revés o saliente de Ypres, após o que, aberto lhe ficaria o caminho para Cassel, Hazebrouck, Aire e as cidades do litoral, e o exercito anglo-belga, atacado de flanco, ou seria envolvido ou teria de retirar muito para Oeste e, talvez mesmo de embarcar. O ataque teria ainda como resultado impedir qualquer acção dos inglêses no Somme, em cooperação com os franceses, instantemente solicitada por Foch.

O teatro de operações do Lys apresentava assim para os alemães a vantagem estrategica de dar-lhes ensejo de atingirem um objectivo importante e ao mesmo tempo limitado, porque lhes permitia, no caso de se apoderarem de Dunkerque, Calais e Boulogne, o encurtarem a sua frente, isto sem contar com as grandes vantagens que da posse daquelas cidades lhes adviria, e com a ameaça directa à Inglaterra que isso representava, o que daria talvez em resultado o terminar-se a guerra em poucas semanas. A ocasião era tanto mais propicia quanto é certo que os ingleses haviam desguarnecido quase por completo a frente das Flandres, deslocando varias divisões para o Somme.

Esta operação sobre a planície de Lys, entre Armentières e La Bassée, já de resto fôra, em tempo, estudada pelo estado maior do principe herdeiro da Baviera, e Ludendorff estivera quâse a decidir-se por ela, pouco antes da ofensiva de 21 de Março.

Foi incumbido da preparação da ofensiva o VI Exército alemão; o seu comandante, general Von Quast, bem como o seu chefe de estado maior, tenente-coronel Lenz, desenvolveram grande actividade para que o ataque se effectuasse o mais depressa possivel e de maneira a coincidir com a rendição das divisões portuguezas e inglesas que até então ocupavam os sectores a atacar, e que os seus elementos de informação faziam prever para breve.

Ludendorff, por seu lado, vigiava atentamente a preparação da execução do plano em que punha as suas maiores esperanças e, após uma visita ao quartel general do LV Corpo, fixava impreterivelmente o dia 9 de Abril para o desencadeamento da nova ofensiva.

Para execução dêsse plano, o VI Exército (von Quast) transportado em caminho de ferro em 7 e 8 de Abril, ocuparia na noite de 8/9 o trécho da frente compreendido entre Lens e a crista de Aubers, tendo o seu centro em La Bassée, e o VI Exército (Sixt von Arnim) que guarnecia a frente das Flandres, do Lys ao Mar do Norte, prolongaria a sua ala esquerda de forma a poder atacar os aliados a Norte de Fleurbaix.

Estas tropas seriam apoiadas imediatamente pelas divisões de reserva acumuladas à retaguarda, e ascendiam no seu conjunto a um efectivo de cêrca de 110.000 homens com umas 1.500 bocas de fogo de todos os calibres.

Relativamente às directrizes da ofensiva e

cooperação dos elementos que a efectuariam, um escritor alemão a que alude o publicista Louis Gillet, compara a série de ataques à linha do Lys como uma luta de sôco em que os alemães se serviriam alternadamente dos dois punhos (1).

«O punho esquerdo era o exército von Quast, constituído por cinco colunas, dispostas como os dedos da mão. A coluna mais fraca, figurando o dedo minimo, devia fazer de guarda de flanco a Sudoeste, do lado de Givenchy. Os tres dedos principais que avançaram em leque, eram de Sul para Norte: o corpo de Kraevel cuja esquerda ficou retida em Festubert, o de Bernhardi que marchou sobre Lacouture e Richebourg Saint Vaast, e finalmente o de Karlowitz que marchou sobre Laventie em direcção a Estaires. O polegar era a coluna von Stetten que devia, primeiramente cerrar sobre a retaguarda do corpo Karlowitz, volvendo depois à direita e, fazendo conversão ao Norte na direcção de Fleurbaix, flanquear Bois Grenier e Armentières pelo Sul.

O golpe do punho direito, segundo o publicista, é representado pelo ataque de von Arnim em 10, prolongando a acção entre Armentières e Ploegsteert, para impedir que os ingleses reforçassem a sua direita.

(1) *La Bataille des Monts de Flandre.*

Os portugueses na batalha

O Corpo Expedicionário Português

O Corpo Expedicionário Português era constituído por duas divisões às quais se juntaria uma terceira, que a falta de efectivos para constitui-la mantinha no estado de aspiração irrealizável, substituída na prática, e isso ainda assim apenas durante alguns meses, por quatro depósitos de infantaria com o efectivo de um batalhão cada um dêles, e um depósito mixto constituído por pequenos contingentes de tropas de artilharia, engenharia e administração militar.

Tínhamos além disto, cooperando com as tropas británicas, algumas batarias de artilharia a pé pertencentes ao Corpo de Artilharia Pezada que até havia pouco tempo estivera em Inglaterra recebendo instrução do material de obuzes de 15^{cm.} (6 1/2 pol.) que lhe fôra distribuído.

As nossas tropas haviam estado sob o ponto de vista tactico, como corpo de exército, subordinadas ao comando do 1.º Exército británico. Por uma convenção militar com a Inglaterra, assinada em 11 de Janeiro de 1918, passavamos a

ter nas linhas apenas uma divisão que se revezaria com outra em descanso : as tropas portuguesas que guarneciam o sector respectivo deixavam de ser um corpo de exército para serem consideradas uma divisão subordinada ao comando do XI Corpo britânico.

As tropas portuguesas necessitavam urgentemente de repouso ; a constante diminuição de efectivos e a falta de reforços vinham-lhes impondo havia quatro meses um esforço demasiado violento, obrigando-as a uma permanencia nas trincheiras que excedia, e muito, a que os ingleses davam as suas divisões : durante a sua estada nas linhas, os contingentes portugueses conheceram três divisões britânicas à sua direita (25.^a, 42.^a e 55.^a) e quatro à sua esquerda (38.^a, 12.^a, 57.^a e 40.^a).

Conhecedor da situação, o comando britânico deu nos primeiros dias de Abril ordem para que a 1.^a Divisão que se mantinha nas linhas desde o começo de Maio de 1917 e na qual se haviam já dado lamentáveis factos ⁽¹⁾ retirasse para acantonamentos de repouso na região de Desvres, conservando-se porem na frente, até nova ordem, a sua artilharia e metralhadoras. A 2.^a Divisão, às 6 horas de 7 de Abril, tomaria a seu cargo a defesa da frente até então a cargo de todo o C. E. P. ficando sob as or-

(1) Insubordinação do batalhão de Inf.^a 7 e tentativas dêsse género nos batalhões de Inf.^a 23, 24 e 35.

dens directas do comandante do XI Corpo, tenente general Hacking.

Esta substituição era completada por uma nova repartição da nossa frente em tres sectores, que passavam a ser, de S para N.:

Ferme du Bois, Neuve Chapelle e Fauquissart (1).

Correu logo nessa ocasião com insistencia o boato de que passariam a ser guarnecidas por tropas britannicas as extremidades da nossa linha—a esquerda de Fauquissart e a direita de Ferme du Bois—de forma a permitir-nos guarnecê-la com tres brigadas apenas.

É possível que o curso dos acontecimentos na batalha da Picardia tivesse impedido os inglezes de disporem das unidades necessárias para efectivarem esse aumento da sua frente: o facto é que as tropas portuguezas tiveram que guarnecer com o efectivo destinado a três sectores uma frente que até então estivera dividida em quatro (10,^{Km.}600).

Era o mais possível desfavoravel a situação em que se encontrava a 2.^a Divisão portuguesa na véspera dos graves acontecimentos que se iam desenrolar—e que todos pressentiam, sem acreditar todavia na sua proximidade.

Havia já alguns dias que os nossos observadores notavam um desusado movimento de

(1) Ficava assim criado o sector de *Neuve Chapelle* e suprimido o de *Chapigny*.

transportes na retaguarda das linhas alemães tendo dado dêle conhecimento superiormente.

— Devem ser evacuações de feridos do Somme — respondia-se-lhes.

Já na primeira quinzena de Março os observadores haviam notado a existência de 60 novas posições de artilharia, descobrindo-se mais 80 na segunda quinzena. Êste facto não suscitou o alarme que seria natural: supoz-se que, segundo o seu costume, deslocavam frequentemente as suas baterias afim de iludir-nos na regulação do nosso tiro, espalhando a confusão sôbre o número e localização delas. (1)

E tão confiados estávamos em que a ofensiva se não faria no nosso sector que não se ligou também importancia de maior a outros factos de que os mesmos observadores deram conta, tais como à construção de numerosas pontes de madeira sobre os drenos, especialmente junto do Bosque de Biez, evidentemente destinadas a permitir a passagem de artilharia, e à instalação em diferentes locais, de postes com misteriosas inscrições e que eram nem mais nem menos que balisas para o avanço de tropas de ataque, com indicações precisas para a regulação do tiro da artilharia alemã.

O comando britânico, neste meio tempo, compenetrado da necessidade de dar descanso à 2.^a Divisão portuguesa determinara fazê-la render pelas 50.^a e 55.^a Divisões britânicas, o

(1) General Gomes da Costa. — *A Batalha do Lys.*

que se efectuaria nas noites de 9/10 e 10/11; continuando porém nas linhas, provisoriamente, a nossa artilharia, morteiros e metralhadoras. A 2.^a Divisão passava a ocupar a área de reserva do XI Corpo britânico, ficando em Saint Venant o seu quartel general.

O reconhecimento e demais trabalhos preliminares para a rendição começaram logo em 8, e este facto, conhecido das nossas tropas, convenceu-as de que a rude luta que há meses vinham sustentando, ia ter para elas um momento de pausa.

A penuria dos efectivos desfalcados havia contribuído para o agravamento do cansaço dos presentes nas fileiras, obrigados a um árduo serviço quase sem folga. O efectivo total das tropas sob as ordens do comandante da 2.^a Divisão era de 689 oficiais e 19:374 praças. As tres brigadas de infantaria em 1.^a linha (4.^a, 5.^a e 6.^a) tinham presentes apenas 295 oficiais e 9.028 praças (das quais, se descontarmos o pessoal das formações, apenas se podia contar com um maximo de 4:800 espingardas na linha de fogo) em logar dos 504 oficiais e 13:476 praças que deviam ter.

Organização defensiva do sector português

Era a seguinte, desde 6 de Abril, a delimitação dos sectores na frente ocupada pelas tropas portuguesas, de S. para N:

Ferme du Bois: desde Shetland Road (1) a S. até Oxford Street a N. exclusivé.

Neuve Chapelle: desde Oxford Street a S. até ás ruínas da herdade de Chapigny (inclusivé).

Fauquissart: desde o limite anterior a S. até New Bond Street a N. (2).

A organização defensiva do nosso sector compunha-se dos elementos seguintes:

a) 1.^a *Linha de defesa*: Compunha-se de:

«Linha A, ou linha avançada»: Constituída por uma trincheira de combate com postos intercalados e protegida por tres barreiras de arame farpado. Era a linha de observação e de resistencia dos postos avançados. Servia de apoio a esta linha uma serie de pequenos postos.

«Linha B, ou de apoio»: trincheira de combate com travezes, mais ou menos paralela à linha A, e de 300 a 800.^m à retaguarda desta. Constitua a principal linha de defesa da Divisão, excepto em Neuve Chapelle que, pelo

(1) Estrada cortando a Quinque Rue. Os ingleses, primeiros ocupantes dos sectores por nós guarnecidos, deram a todas as estradas, caminhos e pequenos accidentes do terreno sem designação especial nas cartas francesas da região, denominações tiradas quere do nome de personalidades suas em evidência, quere do das localidades de guarnição ou recrutamento dos diferentes corpos.

(2) Trincheira de comunicação cortando a estrada de Picantin.

prestígio do seu nome e dos sacrificios feitos em 1915 pela sua posse, convinha a todo o custo defender e em que, portanto, a principal posição de defesa era a linha A. Á retaguarda da linha B havia ainda uma outra série de pequenos postos destinados a apoiar a referida linha.

«Linha C, ou de contra-ataques»: era uma linha descontínua, 500 a 800 metros a retaguarda da linha B, dispondo de varios redutos de companhia e destinada a recolher as forças obrigadas a recuar e a ser ocupada por tropas de apoio e reserva do sector. Nas suas diferentes obras havia permanentemente reservas de munições, víveres e agua. Os postos de comando dos batalhões avançados estavam instalados nela.

b) *2.ª Linha, ou de reserva*: era constituída por uma série de postos com defesas de arame nos intervalos, a cêrca de 3:000^m à retaguarda das defesas extremas da 1.ª linha, e dispondo de aberturas para a passagem de contra-ataques bem como para encaminhar o inimigo em direcção a posições bem defendidas na 2.ª linha.

Compunha-se de dois elementos principais: «Linha das Aldeias» e «Linha do Corpo».

«Linha das Aldeias ou intermédia»: era destinada a ser guarnecida por tropas da reserva divisionaria e tinha por fim:

- 1.º — Deter a marcha de qualquer corpo inimigo que conseguisse penetrar na 1.ª linha;
- 2.º — Demorar o avanço do inimigo dando

tempo a que se organizasse o contra-ataque;

3.º — Facilitar contra-ataques a efectuar por tropas vindas de longe.

A Linha das Aldeias era atravessada por numerosas vias de comunicação tais como: Rue du Bois, Albert Road, Edward Road e Estrada de la Bassée. Para defender estas estradas havia numerosas posições de metralhadoras dispostas de maneira a poderem flanqueá-las.

A « Switch Line », ou « Linha alternativa de Le Touret » era uma trincheira contínua e de quase nulo valor, existente à retaguarda da Linha das Aldeias.

«Linha de Defesa do Corpo»: série de postos protegidos por arame farpado, ligados alguns deles por entrincheiramentos, formando séries e dispondo de abrigos de cimento armado. Estendia-se desde Mesplaux à direita até Bout-de-Ville, à esquerda, protegendo as passagens do Lawe, e tinha como posições principais Lacouture, Huit Maisons e Riez Bailleul.

c) 3.ª *Linha de Defesa, ou da Retaguarda*: era constituída pela «Linha do Canal», à retaguarda da Ribeira de Clarence. A sua ocupação e defesa estavam a cargo do Exército.

Pelo exposto, vê-se claramente que a linha avançada da nossa frente era apenas uma posição de postos avançados cobrindo a principal linha de defesa que era a Linha B.

De resto, das instruções verbais do comandante do XI Corpo depreendia-se nitidamente que a divisão era considerada «uma força intei-

ramente em postos avançados» onde devia manter-se até que chegasse o grosso da coluna que se destinaria a ocupar a Linha do Corpo, e duma conferencia que o general Hacking teve em Lestrem com os comandantes e estado maior portugûes resultavam as directivas seguintes :

« 1.º — A divisão procura melhorar as defesas da Linha B, onde em caso de ataque oferecerá o maximo de resistencia.

2.º — A divisão não se preocupa com a organização defensiva da Linha das Aldeias nem com a sua guarnição, o que não implica a não occupação desta linha por parte das forças da divisão, em caso de necessidade ».

Do exame da organização defensiva do nosso sector e do respectivo plano de defesa chega-se a uma conclusão : a de que seriam excellentes, se às obras existentes correspondessem os effectivos indispensaveis para as defender. Ora, estes é que faltavam por completo, como vimos já.

Como veremos, a 2.ª Divisão, no cumprimento da missão que lhe havia sido confiada, iria ainda além do seu dever, apesar dos escassos recursos e desfavoraveis circumstancias que ante ella se accumularam, e que o comando britânico previra — sem poder dar-lhe remédio.

Em 7 de Abril, o general Hacking voltando ao Q. G. 2 inquiria dos effectivos que nos faltavam : 350 homens por batalhão, respondeu-se-lhe.

— A divisão tem que morrer na Village Line — dissera êle ao despedir-se. . .

O futuro tornaria proféticas estas palavras.

Ordem de batalha da 2.^a divisão em 9 de Abril

Em 9 de Abril, as forças da nossa 2.^a Divisão, adstritas para efeitos tacticos ao XI Corpo do 1.^o Exército britânico, estavam dispostas pela forma seguinte, da direita para a esquerda com indicação dos locais onde se encontravam instalados os respectivos comandos:

Sector de Ferme du Bois:

5.^a Brigada de Infantaria, comando em Cense du Raux, com os batalhões de Infantaria 10 em Rum Corner, Rue du Bois (S. S. I.) e Infantaria 17 no posto Lansdowne, Forrester Lane (S. S. II) em 1.^a linha, Infantaria 4 em apoio em Rue des Chavattes, posto Scotts, e Infantaria 13 em reserva em Ferme Senechal; 5.^a Bateria de Morteiros Ligeiros em Richebourg Saint Vaast ⁽¹⁾ 2.^a Bateria de Morteiros Médios no posto Richebourg; 5.^o Grupo de Metralhadoras em Les Facons; 5.^o Grupo de Baterias de Artilharia em Mesplaux tendo a 1.^a Bateria em Rue des Chavattes proximo do posto de Chavattes, a 2.^a em rue des Chavattes á retaguarda do posto Scotts, a 3.^a em apoio, na Ferme Senechal, sôbre a King Geor-

(1) O pessoal e material das Baterias de Morteiros e os dos Grupos de Metralhadoras estavam distribuidos por toda a 1.^a linha do sector.

ge's Road e a 4.^a junto do cemiterio de Cense du Raux. (1)

Sector de Neuve Chapelle :

6.^a Brigada de Infantaria, comando em Huit Maisons, posto Wellington, tendo na 1.^a linha os batalhões de Infantaria 1 no posto Curzon, junto da estrada de La Bassée (S. S. I.) Infantaria 2 no posto Winchester, junto da Winchester Road (S. S. II); em apoio Infantaria 11 em Loretto Road, proximo do posto Loretto; em reserva Infantaria 5 na estrada de La Bassée a O. de Pont du Hem; 6.^a Bateria de Morteiros Ligeiros em Rue du Paradis; 4.^a Bateria de Morteiros Médios, no posto de Muddy Lane, 1.^o Grupo de Batarias de Artilharia no posto de Vieille Chapelle, tendo a 1.^a Bateria em Harrow Road, Huit Maisons, a 2.^a no posto de Bout de Ville, a 3.^a proximo do posto de Rue du Puits e a 4.^a em Huit Maisons.

Sector de Fauquissart :

4.^a Brigada de Infantaria, comando em Laventie, estando na 1.^a linha os batalhões de Infantaria 20 em Temple Bar, Rue Bacquerot (S. S. I) Infantaria 8 em Hyde Park, Route de Picantin (S. S. II); em apoio, Infantaria 29 na Red House, cruzamento de Rue Bacquerot com

(1) Cada Grupo de Batarias dispunha de três baterias de 7,^{cm} 5, material Schneider Canet, e de uma de obuzes de 11,^{cm} 25.

Cada bateria portuguesa passara a ter 6 bôcas de fogo.

Harlech Road; em reserva, Infantaria 3 em Laventie; 4.^a Bateria de Morteiros Médios junto de Laventie; 4.^a Bateria de Morteiros Ligeiros em Laventie; 4.^o Grupo de Metralhadoras em Laventie; 6.^o Grupo de Baterias de Artilharia no posto de Muddy Lane, tendo a 1.^a Bateria na Estrada de La Bassée, a O. de Riez Bailleul, a 2.^a em Rue Verte, a 3.^a no posto de La Flinque e a 4.^a em Fauquissart.

Distribuidos aos diferentes sectores :

2.^a Bateria de Morteiros Pezados em La Gorgue; 1.^a, 2.^a e 3.^a Companhias de Sapadores Mineiros respectivamente em La Fosse, posto de Cockshy House e Laventie; 2.^o Grupo de Companhias de Pioneiros com o comando e 1.^a Companhia em La Gorgue, 2.^a em Chattenham Road e 3.^a em Huit Maisons.

Reserva :

A 3.^a Brigada de Infantaria, tendo na «Linha das Aldeias» Infantaria 12 em La Gorgue, Infantaria 14 em Pont Riqueul, Infantaria 15 em Croix Marmuse, e Infantaria 9 em Riez Bailleul como reserva da Brigada; 2.^a Bateria de Morteiros Ligeiros em La Fosse; finalmente, a 5.^a Bateria de Morteiros Médios, e 6.^o Grupo de Metralhadoras ambos no Bosque de Pacaut (1).

A 2.^a Companhia Divisionaria de Telegrafistas estava em Lestrem. O Trem Divisionario n.^o 2 instalara-se com o seu 2.^o escalão em Les-

(1) Muito á retaguarda e portanto em situação não utilizavel.

trem, tendo o 1.º em La Gorgue. Os serviços de saúde tinham a Ambulancia n.º 1 em L'Épinette, a Ambulancia n.º 7 em Zelobes e postos socorros em Cense du Raux e posto de Saint de Vaast (Ferme du Bois) posto Euston (Neuve Chapelle) e Laventie (Fauquissart). A Secção Movel Veterinaria n.º 2 estava em L'Épinette.

As tropas que para um e outro lado prolongavam a nossa frente, eram : à nossa esquerda, sector de Fleurbaix, a 119.ª Brigada de Infantaria (40.ª Divisão, XV Corpo, general Lisle); à nossa direita, sector de Givenchy, os escoceses da 165.ª Brigada (55.ª Divisão, XI Corpo, general Hacking) fazendo todas parte do 1.º Exército Britânico (Horne). De Armentières para o Norte era a área do 2.º Exército Britânico (Plumer).

Ordem de batalha alemã

Até 2 de Abril as tropas portuguesas defrontavam-se com a 81.ª Divisão de Reserva (excepto parte do Regimento 267.º) e com o Regimento 206.º e parte do 208.º da 44.ª Divisão de Reserva.

O VI exercito alemão (von Quast) guarnecia então os sectores desde o Lys (a N. E. de Armentières) até Acheville (5 k^m. a S. E. de Lens). Constituíam-no os grupos de divisões seguintes :

Grupo de Lille : — 49.ª Res.ª e 32.ª.

Grupo de Aubers (XIX); — 10.^a Ersatz e 81.^a Res.^a (1).

Grupo de Loos (XV): — 44.^a Res.^a (1) e 4.^a Ers.

Grupo de Souchez (VI Res.^a); — 207.^a, 220.^a, e 12.^a Res.^a.

O sector alemão entre o Lys e o Canal de la Bassée era defendido pelo Grupo de Aubers e por metade de cada um dos Grupos de Lille e de Loos.

De Norte para Sul tinham os alemães ali as seguintes unidades:

Metade do Grupo de Lille:

32.^a Divisão: Regimentos 117.^o, 112.^o, e 103.^o.

O Grupo de Aubers:

10.^a Divisão de «Ersatz»: Regimentos 369.^o, 371.^o e 370.^o.

81.^a Divisão de Reserva: 267.^o, 268.^o, 269.^o.

Metade do Grupo de Loos:

44.^a Divisão de Reserva: Regimentos 206.^o, 208.^o, e 205.^o.

De 28 de Março a 9 de Abril os alemães fizeram concentrar entre os canais do Lys e de Bassée, juntando-as ás 7 divisões que habitualmente ocupavam aquela frente, 20 divisões tiradas: 10 do exercito de von Arnim, que ocupava a região entre o Lys e o Oceano; 5 da frente

(¹) Substituidos nas linhas durante a noite de 8/9 de Abril.

do Artois, entre o Scarpe e Lens ; 5 da reserva geral de Ludendorff, região de Lille.

O ataque de 9 de Abril foi efectuado sobre a frente portuguesa, pelas divisões seguintes, de N. para S. :

Em 1.^a linha: 38.^a, 32.^a, 10.^a Ers., 8.^a Bávara, 1.^a Bávara, 18.^a de Reserva, 43.^a de Reserva e 4.^a Ers.

Em apoio: 11.^a Reserva, 42.^a, 16.^a, e 44.^a Reserva.

Para explorar o sucesso obtido no primeiro dia da batalha foram mandadas avançar muitas outras divisões e em 12 de Abril identificavam-se:

Do X Grupo de reserva (von Eberhardt): 31.^a, 36.^a Res.^a, 214.^a, 38.^a.

Do II Bavaro, Grupo de Lille (von Stetten): 32.^a Saxonia, 11.^a Res.^a e 10.^a Ers.

Do LV Grupo (von Bernhardi): 42.^a e 35.^a.

Do XIX Grupo, o de Aubers (von Karlowitz): 8.^a Bavara de Reserva, 16.^a e 1.^a Bavara de Reserva.

Do XV Grupo, o de Loos (von Kraevel): 18.^a Res.^a, 43.^a Res.^a e 4.^a Ers.

Do Grupo de Souchez: 207.^a, 220.^a, e 12.^a Ers.

O ataque à frente anglo-portuguesa

Às 4 horas precisas da madrugada de 9 de Abril, rebentou sobre as nossas linhas e sobre as posições inglesas próximas, de Hollebeke a

La Bassée, um bombardeamento feito com peças de todos os calibres e com inaudita intensidade, empregando também em larga escala os gases tóxicos. A profundidade da faixa bombardeada variava, sendo maior nas zonas onde havia pontos importantes de passagem a bater, podendo todavia calcular-se a média em 12 quilómetros.

A infantaria alemã durante esta preparação conservava-se entre duzentos e trezentos metros da nossa 1.^a linha.

Às 6 horas a infantaria alemã arremessou-se subitamente ao assalto protegida por fogos de barragem rolantes da sua artilharia, e oculta pela fumarada produzida pelas granadas fumígenas que vinham auxiliar a acção do densissimo nevoeiro, emanação daqueles terrenos encharcados: nessa trágica manhã, tão cerrada era a bruma que as patrulhas de escuta tiveram que recolher aos parapeitos para não serem surpreendidas, e assim, os nossos soldados só deram pela aproximação do inimigo quando este se encontrava a alguns metros de distancia apenas.

Surpreendidos, os soldados portuguezes resistem todavia, e lutam desesperadamente: as metralhadoras crepitam com furia e o ribombarcavo dos morteiros vem aumentar aquele infernal concôrto. A nossa artilharia trôa sempre: — mal se distingue porém no trovão ininterrupto das suas contrárias, em número vinte vezes maior.

Toda a linha portuguesa é assaltada por ondas de alemães, na proporção para os nossos de 7 contra 1. Cada batalhão português em 1.^a linha tem que defender uma extensão de cerca de 1:000 metros: pouco maior era a frente de ataque de cada divisão inimiga! ⁽¹⁾

Cada batalhão defende-se como pode, sem nada poder saber do que se passa nos flancos nem receber ordens dos comandos superiores: as ligações telefónicas, quase todas aéreas, foram cortadas logo de comêço pelas granadas inimigas; quanto à telegrafia optica, torna-a impraticavel o nevoeiro — o que vem aumentar a confusão.

Na nossa extrema esquerda, no sector de Fauquissart, os alemães, segundo o seu costume, atacam com grande violencia o ponto de junção dos dois exercitos, inglês e português; o ataque inicia-se no saliente de Red Lamp Corner, ponto em frente de Tilleloy e distante 150^m apenas da trincheira alemã mais proxima, exercendo grande pressão sobre dois batalhões da Brigada do Minho (4.^a B. I.) que guarnecem a 1.^a linha: Infantaria 8 e Infantaria 20; os alemães rompem a linha inglesa junto das ruinas de Ferme de la Cordonnerie, e a 119.^a Brigada de Infantaria britanica que ocupava o sector de Fleurbaix, cede vencida pelo número e pela

(1) Na ofensiva contra Amiens, bem como mais tarde na batalha do Lys, a frente de ataque de cada divisão alemã era de 1:800 a 2:000 metros.

inferioridade do terreno: cumprindo as instruções recebidas, refluem os seus batalhões para a 2.^a linha, onde as respectivas companhias de apoio, tropas frescas, os auxiliam a prolongar a resistencia.

Os nossos pobres batalhões de Infantaria 8 e 20 que do nosso lado guarnecem a 1.^a linha do sector, esses, com os efectivos desfalcados e sem forças suficientes nas suas companhias de apoio, disputam o terreno palmo a palmo, buscam retirar sobre a 2.^a linha, mas de roldão vem com eles o inimigo procurando envolvê-los, galgando Le Trou e Picantin, metralhando de flanco os nossos, e atingindo por outro lado Rue du Moulin e Rue des Bassières, no empenho de chegar ao Lys.

A companhia do 8 comandada pelo capitão Vila Chã recúa, passo a passo, para a 2.^a linha, mantendo o valente oficial constante ligação com os seus pelotões e com o comando do batalhão; resiste energicamente no reduto de Rotten Row, e enquanto os metralhadores, entre os quais se distinguem os 1.^{os} cabos Joaquim Alves de Sousa, Alcino Joaquim Fernandes e Joaquim Rodrigues, se esforçam por deter o inimigo, o próprio capitão Vila Chã municia as metralhadoras de reserva até que, ferido gravemente, os alemães conseguem aprisioná-lo bem como os seus valentes companheiros.

À retaguarda dos batalhões do 8 e do 20 está em apoio junto de Red House o batalhão de Infantaria 29. Comanda-o um bravo que as

campanhas de Africa haviam já consagrado : o major José Xavier Barbosa da Costa. Desfeitos os batalhões da 1.^a linha, o 29 avança arrostando a infernal barragem da artilharia inimiga que já o varejava de través : as companhias que seguem pela esquerda, passam da Rue Bacquerot para a estrada de Picantin e chegam ás imediações da 1.^a linha ainda sem grandes perdas ; porém a companhia que desfila pela direita, Rue Bacquerot adiante para os lados de Wangerie, tendo que atravessar largo espaço a descoberto, é alvejada e dizimada pela artilharia e metralhadoras inimigas.

O batalhão consegue no entanto reforçar a linha avançada ; o alferes do 8, Augusto Machado, toma a iniciativa de guiar-lhe os pelotões e através de zonas fortemente batidas, vai indicarlhes os locais a ocupar e defender. Estes, porém, estão invadidos em muitos pontos ; outros, visíveis só a pequena distancia por causa do nevoeiro, distinguem se já nuvens de vultos cinzentos que só pelo amplo capacete desabado se reconhece serem alemães, e que tentam abordar em grande extensão a nossa linha galgando as destruidas defêsas de arame farpado.

A luta trava-se feroz, e o inimigo não leva a melhor no primeiro embate com os valentes minhotos que o hábito do «jogo do pau» torna temiveis no combate á baioneta ; começa a situação a restabelecer-se quando um crepitar de metralhadoras se ouve já muito próximo da retaguarda e do flanco esquerdo dos nossos :

são os alemães que através das linhas da 119.^a Brigada britânica veem dar a mão aos atacantes de Fauquissart. O batalhão do 29 é então atacado a fundo pela esquerda; os alemães, desenvolvendo-se em seguida em colchete ofensivo, fazem-lhe também pressão sobre a direita: o 29 continua a lutar, mas a breve trecho corre a voz:

— ¡Estamos cercados!

Com efeito, os alemães rodeavam já por todos os lados o batalhão que, nessa altura, só dos seus camaradas do 3 — a reserva da brigada — podiam esperar auxílio: em vão; áquella hora estes estavam já sentindo atacados também...

Uma das suas companhias, a 4.^a, bate-se valentemente mas é submergida pelas ondas de alemães, defendendo tenazmente o posto de Picantin, onde o seu comandante interino, alferes José Henriques Cordeiro, morre como um valente.

Os oficiais do 29 dão o exemplo de bem lutar e de bem morrer, e a pouco e pouco vão caindo: — o capitão da 1.^a Companhia, Julio Serrão Machado, valente e ágil esgrimista, antigo ajudante de Norton de Matos, que apesar de doente, o pundonor de soldado levou até ás trincheiras, tem a sua companhia dizimada: com indómita energia procura reunir os seus homens para organizar a defesa dum ponto de suporte da 2.^a linha quando é atingido por uma granada que o prostra morto.

O tenente miliciano Eduardo Guerreiro, os alferes José Pereira, José Peixoto e Ambrosio Ferreira morrem combatendo com sobre-humano valor. O seus cadáveres ficam entre os montões demortos e, em monte também, são depois enterrados pelos alemães, sem que ao menos das suas sepulturas fique sinal.

Ao cabo de heroica resistencia, as companhias do 29 que avançaram haviam ficado desfeitas, diluidas na onda de teutões, mas os seus troços dispersos lutam sempre — e as guarnições das suas metralhadoras — em que se destaca o segundo sargento Adelino Silva, batem-se até ao último cartucho.

O 29 entra no estertôr. Grupos refugiam-se em pequenos elementos de trincheira e ali resistem a tiro e à baioneta à inundação invasora.

O comandante Xavier da Costa, no abrigo do comando do batalhão, em Red House, reúne então os últimos elementos de que dispõe para uma suprema resistência e anima os homens que lhe restam; no ardor do combate cai-lhe a máscara, os gases traiçoeiros queimam-lhe os olhos, mas êle nem dá por isso e luta, luta sempre; o combate é a tão curta distancia que tem que fazer uso da pistola. Consegue retirar para as ruinas de Harlech Road, e ali, na refrega final, os sobreviventes do 29, pequeno troço isolado, são enfim dominados e aprisionados; o bravo Xavier da Costa com um braço esfacelado por balas de metralhadora, é finalmente atingido pela explosão duma

granada e só assim é vencido, ficando por morto numa ruma de cadáveres : um dos seus sargentos vê-o ainda com sinais de vida e condu-lo dedicadamente a uma ambulancia alemã (1).

O 2.º comandante, capitão Alberto de Matos, em heróica luta, quase corpo a corpo, caíra mortalmente ferido ao lado do seu comandante.

E que farta messe faz neste sector a grande ceifeira dos bravos : o alferes Casimiro Gonçalves ; como tantos outros ! tem a morte dos heróis.

O tenente de cavalaria Alfredo Guimarães, que fazia serviço como voluntario, comandando um pelotão de infantaria 29, fôra reforçar com ele a 1.ª linha; dizimados os seus homens pela metralhadora inimiga, veio apresentar-se no comando do batalhão onde organizou um pelotão para contra-atacar, vindo por ultimo cobrir a defeza de Red House onde foi ferido. Reduzido o frágil baluarte, a sua heroica alma não afrouxou e retirando para as linhas de resistencia à retaguarda de Laventie ocupadas por tropas inglesas, bateu-se denodadamente até ser morto.

No sector de Neuve-Chapelle, que prolonga pela direita o de Fauquissart, as primeiras ondas alemãs atacaram a nossa linha pela

(1) O heróico oficial ficou inutilizado e quase cego. A municipalidade da sua terra natal, Viana do Castelo, honrou-se dando a uma das ruas da cidade o nome do major Xavier da Costa.

estrada de La Bassée, no ponto do seu cruzamento com a Rue du Bois. Os batalhões de Infantaria 1 e 2, da Brigada de Lisboa (6.^a B. I.) bateram-se com o denodo já demonstrado em anteriores acções. Os alemães conseguem romper pelo lado de Infantaria 17 na junção com o sector da direita (Ferme du Bois) e os soldados da Brigada de Lisboa, enquanto lutam de frente com os invasores, são atacados de surpresa pelas costas.

O capitão Américo Olavo, cujo imperturbável sangue frio e serena coragem, afirmados nas mais difíceis circunstancias, o haviam já notabilizado, mantêm-se com estóico despreendimento da vida no seu posto de comandante de companhia, a pequena distancia da estrada Winchester, abrigo que as sucessivas explosões a cada momento sacodem num vendaval de fogo.

Da linha avançada não lhe chega noticia alguma que mereça crédito e os telefones há muito que emudeceram. De vez em quando, boatos terroristas anunciam que a 1.^a linha está completamente desfeita e que os alemães não devem tardar a chegar à 2.^a... Os estilhaços e balas alemãs vão pouco a pouco deitando-lhe abaixo os homens, que já são apenas um punhado.

Perscruta o horizonte a todo o momento à espera de ver surgir o inimigo — mas o nevoeiro mal deixa ver a dez metros de distancia. Desperta-lhe no emtanto a atenção um confuso

tropel de gente à sua retaguarda: por aquele lado só podem ser homens dos batalhões de apoio ou de reserva: tropas do 11 ou do 5, talvez...

Américo Olavo dá alguns passos para melhor vê-los, mas quando vai a dirigir-se-lhes reconhece pelos capacetes que são inimigos: dá aos seis soldados que lhe restam a voz de fogo, mas os alemães não dão tempo para isso aos nossos sôbre os quais se abatem dezenas de braços dominando os; estão prisioneiros...

E scenas mais ou menos idênticas a esta repetem-se no resto do sector, nas diferentes companhias.

No sector de Ferme du Bois, os batalhões de Infantaria 17, de alemtejanos que já fizera a campanha do Sul de Angola em 1915, e de Infantaria 10, de transmontanos, aguerrido herdeiro da gloria do antigo batalhão de Caçadores 3, o de Marraquene, resistem pertinazmente, mas o inimigo consegue abrir brecha a tiro de canhão na muralha formada pelos peitos dos nossos. Distingue-se na acção, na extrema direita, uma das companhias do 10, a 3.^a, comandada pelo capitão Adriano Pires.

Através dos mutilados batalhões, envolvidos e desfeitos, o inimigo infiltra-se por todos os drenos, veredas e caminhos que atravessam a estrada de La Bassée, e procura atingir a linha Lestrem-Béthune. Primeiramente, vem apenas infantaria, mas breve começam a passar

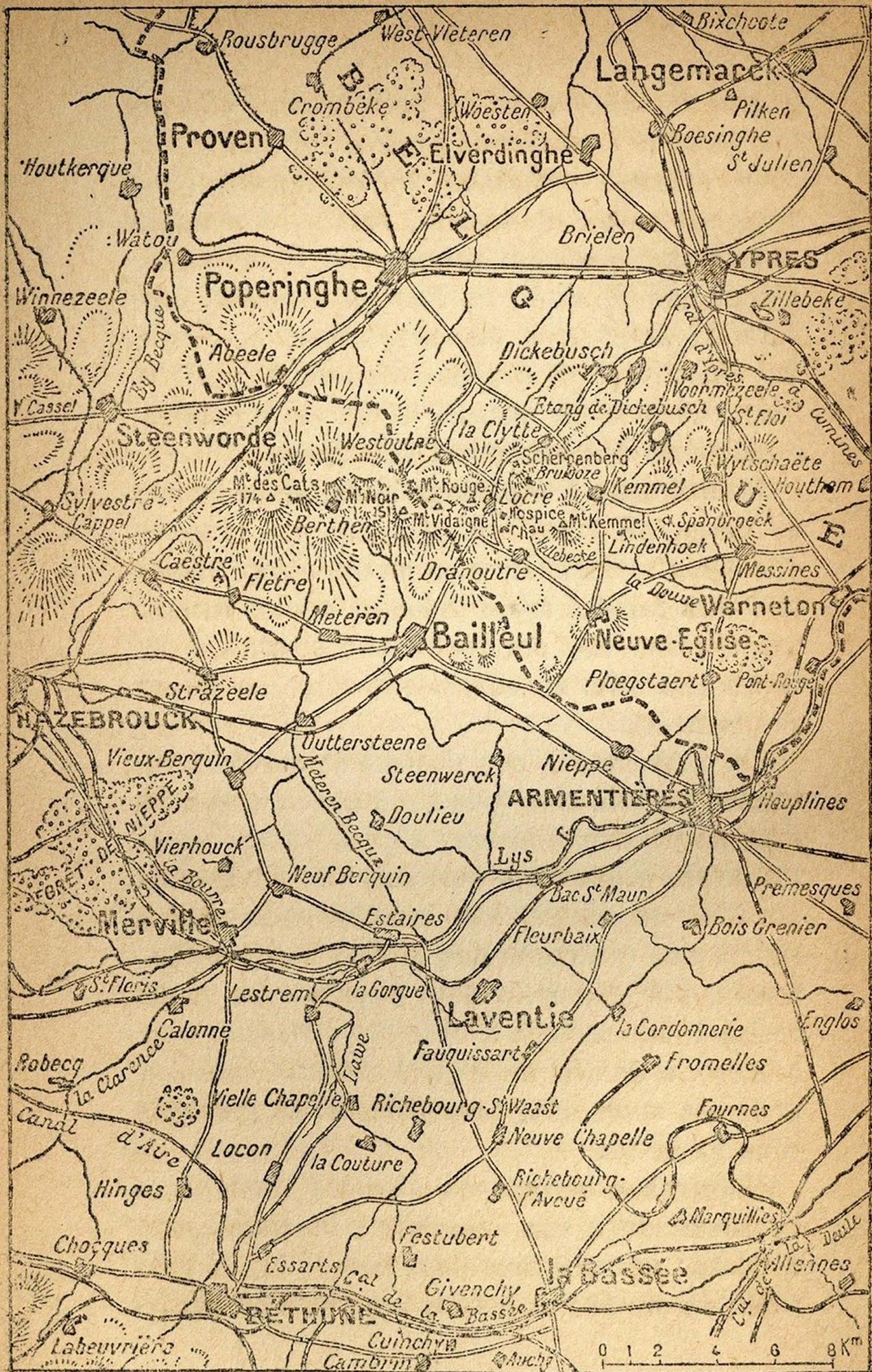
grupos transportando em padiolas metralhadoras pezadas e morteiros ligeiros.

Os alemães progridem metódicamente: as primeiras ondas de assalto, rôta a 1.^a linha do adversario, avançam sempre em frente na direcção que de ante-mão lhes foi marcada, procurando deter-se o menos possivel e, dentro das directivas, os grupos dispõem de perfeita independencia de maneira a tirarem o maximo rendimento das iniciativas individuais.

A infiltração é efectuada por destacamentos de cêrca de vinte homens cada um, precedidos duma motocicleta com metralhadora ligeira que atira rajadas sobre todos os pontos suspeitos, e assim vão por todos os caminhos e levam a confusão ao adversario surprêso de se ver torneado.

Em seguimento dos destacamentos de infiltração, marcha com toda a segurança uma linha extensa de exploradores; alguns trazem carretes de fio e telefones portáteis: os graduados, munidos de cartas, vão comunicando para a retaguarda o terreno que já está conquistado: topam, por exemplo, uma posição que ainda resiste: um recado telefonico, indicação dum numero, e dentro de alguns minutos caem ás centenas sobre ela, esmagando-a, as granadas e os morteiros. . . .

Numerosos aeroplanos alemães voam baixo esclarecendo a sua infantaria e bombardeando a nossa: um dos aparelhos parece inglêso pelo ruido do motor; os nossos veem-no aproximar-



se sem receio, mas de repente, varias bombas dêle lançadas denunciam-lhe o disfarce: é um avião britânico apresado pelos inimigos e por eles utilizado; a traição completa a obra da força brutal. . . .

Os obuzes de Le Touret

A nossa artilharia pezada estava subordinada ao comando do XI Corpo do exército britânico, do qual recebia ordens.

A bateria do capitão Mario Temudo, 5.^a do Corpo de Artilharia Pezada e 99.^a na numeração do exército britânico, tinha em posição a sua secção da direita, dois obuzes de 6 polegadas e meia (15 cm.) proximo da confluencia da estrada de Le Touret com a de Rue du Bois. Comandava nesse dia a secção o alferes Manuel Madruga.

A's primeiras explosões das granadas inimigas a secção respondera, com as pontarias de S. O. S. com que todas as noites ficava, batendo as primeiras linhas « boches » em frente de La Bassée.

O segundo sargento Paes de Figueiredo, chefe do obuz n.º 2, é o primeiro que debaixo dum chuva de estilhaços alcança a sua peça com o primeiro cabo apontador Antonio Bento e rompe imediatamente o fogo. Não aparece logo o chefe do obuz n.º 1, mas os soldados Augusto da Costa e Antonio Camilo

não hesitam e, manobrando-o, secundam logo o fogo do outro obuz.

Desencadeada a tempestade de ferro e fogo, o capitão Temudo, do seu alojamento de Les Facons, inquiria pelo telefone do que se passava na posição.

— Tudo vai bem — respondiam-lhe. — Há já, no entanto, algumas baixas que seria conveniente preencher...

— Mantenham-se firmes, rapazes, que nós seguimos já para aí — retorquia-lhes o Temudo. —

E reunindo à pressa alguns observadores e telefonistas, precipitava-se, correndo para a posição dos obuzes.

Anunciava-se dura a acção : nos curtos intervalos de acalmia do bombardeamento distinguia-se o crepitar seco das metralhadoras e, longinquamente, a fuzilaria. No acantonamento e, sobretudo na posição, varias mortes e ferimentos atestavam a violencia do ataque inimigo e o perfeito referenciamento da confluencia das estadas Le Touret-Rue du Bois.

Eram admiraveis a coragem e a serenidade das guarnições, dizimadas mas animosas. Num ritmo cadenciado em que mal se notava a febre do esforço e da noite mal dormida, os serventes, heroicas almas em peitos de bronze, manobravam os obuzes sem descanso.

A infernal barragem tornava praticamente impossivel a seres vivos o trajecto entre o acantonamento e a posição. O tenente Aires de Aguiar, no entanto, rompe através dos campos

laborados pelas explosões, por entre estilhaços bastos como granizo; acompanham-no corajosamente o soldado 180, seu impedido e o primeiro cabo Joaquim Antero. Consegue chegar ao posto de comando da proxima bateria pezada inglesa, oferece-se para o que seja preciso e tenta saber o que há: « Nada sabemos » respondiam lhe; « talvez algum *raid* mais importante »... E nada mais de preciso trouxera o tenente para comunicar ao comandante da bateria.

São já 6 horas da manhã. No acantonamento boqueja-se: « Para *raid*, lá nos parece de mais. Não costumam durar mais que uma hora! » E o Temudo, sereno como se se tratasse de um exercicio pratico na sua cadeira da Escola de Guerra:

— E' um *raid* maior que os outros; aí têm vocês a razão.

O canhoneio recrudesce; o nervosismo da espera do desconhecido começa a ganhar o pessoal quando um estampido enorme, mais próximo que os outros, sacóde o solo levantando simultaneamente uma tromba de terra de onde se destacam, projectados em todos os sentidos, cacos de tijolo, moitas de hervas e fragmentos de madeira vergastando o ar num sibilo sínistro. E logo a seguir outra explosão, e outra, e muitas.

— ¡ Estão batendo o alojamento das praças!

De escantilhão, todos se precipitam para lá. Ouvem-se gritos lancinantes: há mortos e fe-

ridos, com certeza ! Primeiro que nenhum outro, o tenente Aguiar penetra no casebre esbarronado e de lá sai passados instantes trazendo às costas um soldado ferido. Mas há muitos mais atingidos — e numa emulação de dedicação, — oficiais e praças, com o capitão à frente, colocam os pobres feridos conforme podem, em carroças da herdade, e transportam-nos para lugar tão seguro quanto possível naquele inferno.

Passam-se duas horas de ansiosa expectativa. O bombardeamento não afrouxa ; antes parece que se distingue mais próximo. A bateria começa a sentir-se isolada no marulhar da batalha ; apenas o telefone a liga à posição onde os dois obuzes rugem de quando em quando . . .

Às 6^h,30 o telefone deixa de atender ; de resto, não fôra preciso muito para que em todas as nossas posições o mesmo acontecesse, graças à desastrada colocação de uma central perfeitamente referenciada pelo inimigo e à deficiente protecção dos fios, aéreos quáse todos. O telefonista do posto do comando da bateria, soldado 176, conserva-se porém corajosamente no seu posto depois de em vão tentar todas as ligações possíveis.

Um pálido sol debalde procurava romper o nevoeiro, denso a ponto tal que a cem metros nada se distinguia ; mas aí por volta das nove horas começaram a ver-se passar, vindos do lado de Richebourg Saint Vaast, soldados de

infantaria, enlameados de vasa dos drenos, rotas as fardas pelo arame farpado. Não havia dúvida já. Cedendo ante o ataque alemão, as nossas tropas, após uma desigual luta, de 1 contra 7, retiravam esmagadas pelo número. ¿ Mas em que pontos? E em que altura viriam os alemães? Um sargento de Infantaria 15 que cooperava com os ingleses, informa que o inimigo ocupara já as nossas 2.^{as} linhas: e foi tudo o que se conseguiu saber.

Na esquerda, era já evidente naquela altura o afrouxar do nosso canhoneio. Emudeciam a pouco e pouco os nossos 7,5, em braza as fauces à força de vomitar metralha. Por seu lado, o tiro alemão alongava-se a «dispersar». ¿ O que haveria?

Foi por volta das 10 horas que se sentiu um crepitar próximo de metralhadoras, num taque-taquear de mau agouro; pelo ritmo, mais lento que o das nossas, dir-se-hiam alemãs.

Procurando descortinar por entre o nevoeiro, destaca-se o alferes Madruga e adiantando-se alguns metros distingue, já perto, uma linha de alemães que avançam e que ao vê-lo gritam-lhe no mascavado inglês das trincheiras que se renda:

— ¡ *Come on!*

E para que não lhes façam fogo:

— ¡ *Shut up!*

¡ Os alemães, já ali! Os ingleses, à nossa direita, confundindo a distancia o *feldgrau* dos «boches» com o cinzento do nosso uniforme, ha-

viam-nos deixado aproximar-se. E galgando a correr o espaço que o separa da posição o alferes Madruga mal tem tempo para gritar, ofegante, para os nossos e para os ingleses proximos.

— ¡Façam fogo, que são os «boches» que aí veem!

— ¡Os «boches»! raça maldita!

— E os obuzes, num arranco, volvem a despejar metralha; haviam feito 13 tiros entre a saraivada das metralhadoras, no mesmo espaço de tempo em que as baterias britannicas, colhidas talvez mais de surpresa, mal tiveram tempo para 3 disparos.

A um e um os serventes tombam, heroicos. Linhas e linhas sucessivas de alemães surgem umas após outras; assestam-se metralhadoras sem conta, que em colchete ofensivo esboçam o envolvimento dos ultimos valentes que se apegam desesperadamente ás peças.

A resistencia dos nossos era vã. Sem apoio algum de infantaria, só restava aos artilheiros retirar, salvando as vidas os que o pudessem fazer — depois de inutilizar os obuzes.

Carga dupla em cada um; dois estampidos formidaveis.

A alguns metros já, mantendo a distancia, a tiro, os «boches» mais avançados, os nossos observam. Um dos obuzes, esventrado, mostra pela abertura hiante as entranhas de aço do recuperador. Mas o outro, avariado embora, poderá com ligeira reparação voltar a servir.

O pardo formigueiro dos atacantes, um momento surpreso, recomeça o avanço.

— Aquele obuz, — rouqueja o Madruga, — é preciso inutilizá-lo!

Agachados, cautelosos, os «boches» acercam-se cada vez mais das peças emudecidas. Ante a ansiedade imensa que estreita as gargantas dos nossos, o soldado José Alves, da 3.^a do Batalhão de Artilharia de Guarnição, seguido do oficial de ligação tenente inglês Warren, precipita-se para o obuz, a golpes de picareta inutiliza-lhe a culatra, indiferente ás rajadas de balas que retinem no aço como pedrisco, transformando-lhe num crivo o longo capote de cavalaria mas que o deixam ilêso, porque naquela jornada de tragedia as proprias balas, às vezes, respeitam o heroismo, — e nenhuma o fere.

¡Emfim! Peças a que tão valentemente haviam servido braços e corações portugueses, não serviriam o «boche»; as suas bôcas liais não metralhariam os nossos irmãos e os nossos aliados, irmãos de armas também, cedendo, vencidos ante a estúpida força do numero.

E que a partida fôra bem disputada provavam-no os cadaveres dos nossos valentes da «pezada» que ali ficavam, guardando até no ultimo sono o seu posto, fieis ao dever, e nem ante a morte desmentindo o sangue generoso da raça.

Os últimos tiros de canhão

Desde as 4 horas da manhã o canhoneio alemão batia com violencia nunca vista as posições da nossa artilharia de campanha, estabelecidas nas imediações de Laventie, Pont du Hem, Vieille Chapelle e Le Touret.

Na tréva baça, explosões bruscas fosforejavam por momentos em fogachos amarelados, e inumeros foguetões de S. O. S. riscavam com as suas trajetorias vermelhas e verdes a escuridão do céu. Ripostaram imediatamente os nossos Canet de 7,5 e, dentro em pouco, respondendo-se uns aos outros em ecos de matilha livre da trela, os seus latidos de fieis mastins de guarda ecoavam através da imensa planura flamenga, desde Fauquissart a Ferme du Bois.

A nossa artilharia, apesar da enorme desproporção do número, sustenta o combate com o brio costumado, mas já pelas 9 ¹/₂ horas algumas baterias, esgotadas as munições, são surpreendidas a 50 metros pela aparição da infantaria inimiga que avançava . . .

As munições escassearam, o bombardeamento alemão tornou impossivel o seu reabastecimento e só assim puderam os nossos inimigos apoderar-se delas, após verdadeiras lutas corpo a corpo. (1)

(1) O cansaço não impediu os nossos artilheiros de se baterem valentemente. Havia mais de nove meses que combatiam sem interrupção — e em desvantajosissimas con-

Numa emulação de bravura, profissionais e voluntários animados pelo magnífico espirito de corpo ciosamente conservado na artilharia portuguesa, todos se batem de forma a honrar as gloriosas tradições da arma.

No sector de Fauquissart, o capitão Anacleto dos Santos, esgotadas as munições e obrigado a cessar o fogo das suas peças, vai apresentar-se com os seus homens no quartel general da 6.^a B. I. para combaterem como infantaria.

No 1.^o G. B. A. que guarnece o sector de Neuve Chapelle, a bateria do tenente Barros Rodrigues é a ultima a cessar o fogo.

Um dos mais belos rasgos da nossa artilheria foi certamente o do capitão João Braz d'Oliveira. Comandava este official a 2.^a bateria do 1.^o G. B. A., à retaguarda do sector de Ferme du Bois. Graças à sua previdencia e assumindo a responsabilidade do não cumprimento de ordens que lhe haviam sido dadas, conseguira manter na sua bateria uma dotação de 6:000 granadas — o duplo da que estava autorizada.

Desde as 4 horas da madrugada a bateria

dições de conforto e de segurança comparadas com as dos seus contendores protegidos por solidos abrigos de cimento armado. Acrescia ainda que, nos intervalos do serviço nas linhas, iam os nossos artilheiros trabalhar na construção de vias ferreas!

Já pouco antes de 9 de Abril é que, para se lhes dar algum descanso, adoptámos o sistema inglês de baterias com 6 peças, de forma a permitir que em cada grupo estivesse sempre uma batería em repouso.

respondêra ao formidável bombardeamento inimigo. Às 5 horas este intensificara-se, e as peças da bateria dessa hora em diante atingiram o máximo do seu rendimento: 25 tiros por minuto.

A's 7^h,30 as granadas inimigas cortavam a comunicação telefónica da bateria com o grupo — e uma ordenança trazia-lhe dêste, por volta das 8 horas, ordem para tomar ele por sua iniciativa as providencias que o desenvolvimento do combate tornasse necessárias.

— As unicas providencias a tomar só poderão ser as de fazer fogo com as peças até rebentarem!

As granadas da contra-bateria inimiga estoi-ravam às duzias, sobre os abrigos: em volta dêles revoluteavam aos milhares os estilhaços entre nuvens de pó. O gado dos escalões, ao tentar-se o remuniciamento, caia a pouco e pouco e ficavam em caminho crivados de metralha os carros de munições.

O remuniciamento tem que fazer-se a braço. Vai rareando cada vez mais o pessoal da bateria — e para que o tiro se não interrompa, os officiais dão exemplo: o próprio capitão Braz de Oliveira e o alferes Costa Cabral transportam as granadas para os abrigos das peças. Mas às 8^h,30 as peças estão em brasa: atira-se com agua fria aos baldes para cima das peças fumegantes: em vão. Tem que suspender se o fogo durante hora e meia para permitir-lhes que arrefeçam.

E' preciso vêr o que se passa nos abrigos das diferentes peças e o Braz d'Oliveira não hesita: rastejando, percorre por diversas vezes os 100 e 200^m que medeiam entre eles. Uma granada alemã rebenta-lhe a alguns passos numa dessas ocasiões projectando-o ao ar: cai ilêso no sólo e continua imperturbavel na arriscada excursão...

A's 10 horas o bombardeamento inimigo aumenta de violencia: mal resfriadas, ainda as nossas peças recomeçam o fogo.

O barulho è ensurdecador; nada se sabe das outras batarias e muito menos ainda do que se passa na frente. Chega de lá, porém, o alferes Gonçalves que, como official de ligação da bateria, estivera no P. C. dum batalhão que estava na 1.^a linha e narra a destruição das nossas trincheiras, o recuo das poucas forças sobreviventes ante a onda dos alemães que acabavam de envolver os batalhões de apoio.

O bombardeamento inimigo aumentava agora com o uivar caracteristico das granadas de 15^{cm}.

As nossas valentes peças de 75^{cm} respondem sem cessar aos seus poderosos contendores, mas em breve uma delas, esbrazeada, rebenta, e um projectil de 21^{cm} cai em cheio sobre outra fazendo-a em cacos.

Mas as 4 peças restantes, posta a 600 metros a alça, continuam o fogo sobre os grupos de alemães e até viaturas que os observadores distinguem de quando em quando através do

nevoeiro, e semeiam de cadáveres as verêdas e os caminhos.

O pessoal da bateria está reduzido já a poucas duzias de homens e os feridos e mortos atravancam os abrigos, mas os serventes que ainda podem mover-se multiplicam o esforço, até que, ao meio dia, esgotado o municamento dispara-se o ultimo tiro.

As colunas alemães rodeiam já por todos os lados os sobreviventes da heroica bateria e precipitam-se sobre êles: acabaram as granadas mas ainda há pistolas, e trava-se um feroz corpo a corpo em que o numero leva a melhor da coragem do que resta dos valentes artilheiros de Portugal, que entre baionetas inimigas tomam o caminho do cativeiro...

Nas minas de Givenchy

Fazia serviço nas minas do sector inglês de Givenchy uma força portuguesa da Companhia de Mineiros comandada pelo alferes de engenharia Manuel Antonio Soares Zilhão.

Quando os alemães na madrugada de 9 assaltaram o sector, encontrava-se trabalhando nas minas subterraneas. Ao sairem para fóra delas depararam com o sector já invadido pelos alemães. Em lugar de retirar, tratou a pequena força de cooperar valentemente com as forças britannicas, impedindo que o inimigo se apoderasse da entrada das minas: a pressão dos atacantes

aumentava cada vez mais, mas o valente alferes com o seu reduzido grupo de homens conseguiu mantê-los sempre a distancia.

Em dada altura os alemães conseguiram infiltrar-se nalguns pontos do sector e batiam-se com os ingleses em varios elementos de trincheira.

Por volta da 1 hora da tarde, um grupo numeroso de alemães, depois de ter destruido um posto inglês, avançou contra as minas defendidas pelos nossos sapadores: um sargento e 14 soldados — além do alferes.

Os alemães avançavam com a segurança quase da vitória, quando dos nossos alguém lembrou:

— ¡Eh rapazes! e se nós nos fôssemos a êles?

Num arranco de entusiasmo, com o seu alferes à frente, secundado pelo valente sargento Luís Torcato Freire Curado, precipitam-se os mineiros portuguezes, baioneta calada e granadas na mão contra a tropa teutonica que, atónita pelo inesperado contra-ataque, pouco tempo se defende — e a breve trecho, num efectivo quase triplo do dos nossos — um official e 45 soldados alemães — entregam-se prisioneiros nas mãos dos portuguezes que, além disto, conquistam uma metralhadora e libertam um sargento, um cabo e um soldado britannicos que o inimigo pouco antes apresára.

Acção das reservas portuguezas e inglesas

A reserva da 2.^a Divisão portuguesa era, dissémo-lo já, a 3.^a Brigada de Infantaria (pertencente á 1.^a Divisão) cujo comando se estabelecera em La Gorgue, estando os batalhões dispostos da esquerda para a direita na nossa frente pela ordem seguinte : Infantaria 12, Infantaria 14 e Infantaria 15, ficando Infantaria 9 como reserva. Estes batalhões tinham como missão ocupar a Linha das Aldeias. A confusão proveniente da extrema violencia do ataque inimigo, que atingiu algumas das posições dessa Linha ainda antes das nossas reservas, e o cóрте total das comunicações que impediu os comandos de conhecerem o desenvolvimento do combate e darem as necessarias ordens, tornou pouco profícua a acção dêles, apesar da sua bravura, na maior parte dos pontos.

Infantaria 12, quando conseguiu chegar á vista das obras que tinha de ocupar, encontrou os alemães já de posse delas ; algumas fracções do batalhão, comtudo, ocuparam posições que por acaso encontraram, para demorar a marcha do inimigo que a não ser assim teria sido tão rápida como a de 21 de Março, no Somme. . . . A sua 11.^a companhia, do alferes Assis Gonçalves, cooperando com os ingleses do 8.^o Durham L. Inf., guarneceu o reduto de Le Marais, a E. de Pont du Hem, e ali se manteve até às 16,^h20 detendo ante as suas metralha-

doras numerosos efectivos alemães. Só perante o risco de ficar completamente cercado o batalhão de «serranos» retirou, o mesmo fazendo Infantaria 9, que constituía a reserva da brigada.

De Infantaria 14 atingiram o seu objectivo, avançando pela perigosa linha da Oxford Road, duas companhias, que se bateram bem, sendo digna de menção a do belo soldado que é o capitão Anibal de Azevedo, só retirando ante a ameaça de ficarem totalmente envolvidas e aprisionadas.

O batalhão de Infantaria 15, constituído por gente de Tomar, ⁽¹⁾ gozava de justificado renome; treinára-o desde a sua vinda para França e comandára-o até pouco tempo antes, o major João Maria Ferreira do Amaral, valente soldado, veterano das campanhas de Africa, que o educara em grau tal que, em dez meses de combates, o batalhão não dera um desertor e nem um só prisioneiro ao inimigo. Comandava-o em 9 de Abril o major Raul Andrade Peres, cujas brilhantes qualidades militares mantinham o batalhão com um alevantado moral. Ao ver a violencia do bombardeamento, o major Raul Peres tomou a iniciativa de fazer avançar de Croix Marmuse a sua unidade, afim de ocupar os respectivos postos de combate na Linha das Aldeias; o percurso a fazer era relativamente longo.

(1) Para preenchimento de baixas, recebera, havia pouco, fortes contingentes de Infantaria 19.

O batalhão saiu do seu acantonamento ás 7 horas da manhã. Das duas companhias da esquerda, uma, a 4.^a, comandada pelo capitão José da Luz Brito, marchou para Lacouture, onde tambem se instalava ás 10^h,30 o posto de comando e cuja acção oportunamente veremos; a outra, sob o comando do tenente Gustavo Pires de Figueiredo, levando como subalterno um alferes, seguiu a ocupar o posto de Saint Vaast, esquerda duma obra de fortificação do sistema defensivo da Linha das Aldeias cuja direita devia ser ocupada pelas duas restantes companhias do batalhão, precisamente as da direita. Estas, porém, encontrando já ocupadas pelo inimigo as obras que deviam defender, estenderam em atiradores uns 200 metros á retaguarda, prolongando a esquerda duma brigada escocêsda da 55^a Divisão que se estabelecera nas posições de Festubert e retaguarda de Ferme du Bois, (1) e ali se ilustraram por actos de valor, como o do soldado Francisco Milhões que, ele só com uma metralhadora, protegeu a retirada dum batalhão escocês.

A falta de comunicações, a barragem da artilharia inimiga e os exíguos efectivos para defender linhas tão extensas deviam porém tornar inuteis todos os sacrificios dos Aliados.

(1) A defesa do sector de Givenchy pelos escoceses da 55^a Divisão britânica, defesa em que cooperaram pelo lado de Ferme du Bois estas duas companhias do 15, é uma das mais belas páginas da batalha do Lys.

Do lado dos inglêses, as reservas de que dispunham, além de pouco numerosas, eram constituídas quase exclusivamente por tropas que voltavam fatigadas e desorganizadas do Somme, e que não contavam tão cedo bater-se.

Do lado do canal do Lys, a 51.^a divisão inglesa, regressada do Somme, tão pouco contava entrar em combate que descansava em acantonamentos de repouso a 8^{km}. da frente quando foi chamada pelas 8 horas da manhã a reforçar a defesa desde o Lawe até ao canal e a cobrir Estaires, o que fez, aliás, com muita coragem e resolução.

Agravou a situação a circunstancia de não conhecerem os ingleses os sectores que tinham por missão apoiar, de que resultou não estabelecerem ligação com as nossas tropas: na nossa direita, por exemplo, ao tentarem socorrer o nosso sector de Ferme du Bois, que ligava com o de Givenchy em L'Épinette Sul, em lugar de ocuparem o sistema defensivo das posições de Le Touret, como tomaram por guia apenas a carta, guarneceram Le Touret povoação fazendo depois inflectir para o Sul as suas linhas em colchete defensivo.

Esta circunstância, se por um lado permitiu o rasgo heroico de Givenchy, a conservação de Festubert e a cobertura de Béthune, deixou, por outro lado, isolados, na frente, núcleos portugueses de resistencia que a infiltração das colunas alemãs, permitindo que fôsem atacados pela retaguarda, sufocou e esmagou sem remédio.

E' tambem facto reconhecido hoje que, se não fôra a reststência de algumas tropas britannicas e portuguesas em posições mais avançadas, as duas divisões inglesas da reserva não haveriam tido sequer tempo de ocupar as posições de combate em que detiveram por algum tempo os alemães, cujo avanço, portanto, logo no primeiro e segundo dia da batalha teria sido bem maior do que foi.

O posto de Saint Vaast

O posto de Saint Vaast estava instalado numa casa arruinada, fortificada com sacos de terra, e á qual dificultavam o acésso alguns entrenchementos protegidos por uma faixa de arame farpado.

Os alemães batiam insistentemente o posto com as suas granadas, mas dois pelotões do 15 conseguiram lá chegar, fraccionados em pequenos grupos — indo á frente e sendo o primeiro a entrar o tenente Gustavo Figueiredo.

Resultaram inuteis todos os esforços da guarnição do posto para estabelecer a ligação com as duas companhias que deviam prolongar a sua direita, e caíram varadas pelas balas inimigas todas as ordenanças que a tentaram, de forma que este, a breve trecho, ficava completamente isolado.

Cêrca das 10 e meia da manhã, quase cessara completamente o tiro da artilharia portu-

guesa quando apareceram à vista da guarnição do posto, a uns 100 metros pela direita, os primeiros alemães em grupos de oito e de dez; recebidos com rajadas de metralhadora, estabeleceram-se em atiradores a uns 600 metros do posto, avançando as alas de maneira a contorná-lo.

O tenente Figueiredo, isolado, sem ligação alguma com o resto das nossas tropas, não sabendo o que se passava nem na direita nem na esquerda, via-se na iminência de ser envolvido e completamente cercado; resolveu então enviar um agente de ligação com ordem de chegar até ao comando da sua unidade, a solicitar instruções, ou autorização para retirar.

Passaram-se umas horas de febril expectativa: ¿teria a ordenança conseguido chegar ao seu destino? O tiroteio continuava, nutrido, o número de inimigos aumentava cada vez mais, e os defensores do posto estavam reduzidos a 30 homens. Decidiu-se então o abandono da posição, saindo os homens em pequenos grupos e diligenciando-se atingir Lacouture. Alguns conseguem-no, mas outros, na luta contra um inimigo mais numeroso, baqueiam vendendo cara a vida. O tenente fica para o fim reservando-se o direito de ser o ultimo a abandonar o posto: uma bala de metralhadora fere-o gravemente; querem conduzi-lo para fora daquele inferno — mas o brioso oficial recusa; quer que o deitem, ali mesmo, no chão, junto ao parapeito, onde estão já os seus soldados feridos.

São 3 horas da tarde. As munições estão prestes a acabar — e a guarnição começa a economizá-las para a defêsa final. Os alemães dão fé disso — e animam-se a dar o assalto ao posto. Conseguem chegar até junto dos parapeitos e atacam-no à granada de mão. O alferes cai gravemente ferido; alemães aos magotes invadem por todos os lados a posição, mas os nossos valentes não cedem, e a refrega, à queima-roupa, tem lances de ferocidade. Dominados em fim pelos inimigos em número vinte vezes superior, são feitos prisioneiros um sargento ⁽¹⁾ e dezanove soldados do 15: era tudo quanto restava, válido, dos defensores do posto de Saint Vaast. . .

O reduto de Lacouture

O batalhão do 13, gente rija das bandas de Vila Rial, cabreiros e cavadores das terras de Além-Marão, estava em 9 de Abril em reserva do sector de Ferme du Bois, ocupando Ferme Senechal, não contando tão depressa entrar em combate — pois recebêra na véspera à noite um aviso telefónico da sua brigada, a 5.^a, de que ia ser rendido. Á sua frente guarneciam a 1.^a linha os batalhões de Infantaria 10 e 17 e

(1) Este sargento conseguiu ma's tarde evadir-se da Belgica e apresentar-se no Q. G. do C. E. P..

em apoio, adiante de Rue des Chavattes, o de Infantaria 4.

Mal haviam ainda rompido as primeiras claridades da manhã e já as companhias do 13 estavam de prevenção em virtude do violentíssimo bombardeamento que começára as 4 horas da madrugada e, que a princípio todos tomaram por um forte ataque local inimigo — e nada mais.

Como reserva que era, estava o 13 à disposição da brigada: mas desta, estabelecida em Cense du Raux, lá para os lados de Le Touret, desde a noite anterior não vinha comunicação alguma e o telefone não atendia — cortada a linha logo de madrugada.

As granadas alemãs começam a cair em abundância sôbre o batalhão: há feridos e as tropas começam a sentir o enervamento de ser-se alvejado sem combater . . .

O trovejar da artilharia inimiga, pezada e de campanha, mantinha-se incessante e ensurdecedor. Respondia-lhe a nossa, mas via-se bem que o inimigo ainda nêste campo dispunha duma superioridade esmagadora; as casas das herdades onde se acantona o batalhão tremem violentamente sacudidas—e, como num ciclone, pedras, estilhaços, poeiras vindas não se sabe de onde, ajudam a manter a tréva que o nevoeiro e as granadas de fumo dos alemães tornam mais opáco à medida que a manhã vai avançando.

Há alarme de gás e, no meio do fragôr do

rebentamento de milhares de projecteis, badalam incessantemente as improvisadas sinetas feitas de invólucros de granadas, vasías.

A violência e a duração do bombardeamento parecem extraordinárias. Os vários agentes de ligação enviados à brigada não voltam. Todos se interrogam sobre a situação, e ninguém encontra resposta que a si próprio satisfaça.

Seriam umas 7 $\frac{1}{2}$ horas, chega um cabo corneteiro de Infantaria 17, desarmado, escorrendo lama, contraídas pelo terrôr as feições e, ofegante, a custo consegue dizer que as nossas linhas estavam tomadas pelos alemães que haviam aprisionado o estado maior e parte do seu batalhão e apanhado como numa ratoeira nas casas do apoio quâse todo o batalhão do 4.

Entreolharam-se os oficiais, incrédulos de tamanho desastre, mas o homem continuava na sua — « que sim, que era verdade . . . »

Não havia que duvidar: o caso era grave, e o comandante do batalhão, o major Gustavo Pissarra, oficial valente e com sangue frio, o 2.º comandante, capitão Bento Esteves Roma, brilhante oficial com justo renome de bravura desde a campanha do Sul de Angola em 1915, logo assentam nas disposições para deter o inimigo, contando comsigo próprios, visto o batalhão estar isolado, pois da brigada nada vinha.

Cêrca das 9 horas, a 2.ª companhia, comandada pelo tenente Alcídio de Almeida, recebe ordem para sair; pouco depois sai também a 1.ª, comandada pelo tenente João Augusto

Gonçalves, e como convém proceder com cautela visto tudo levar a crer que o inimigo já se encontra proximo, é-lhes determinado que, inicialmente, ocupem uns entrincheiramentos da «Linha das Aldeias» que cortam o ribeiro de La Loïsne e as casas de Penin Mariage. As companhias desfilam com impecavel regularidade e vão ocupar posições—a 1.^a na esquerda e a 2.^a na direita. De todos os lados o ruído de batalha continua aterrador. Cêrca das 9 ¹/₂ horas o capitão Roma procura fazer sair a 3.^a companhia, cujo comandante não aparece: consegue mesmo assim que dela avancem dois pelotões comandados pelo alferes Graça e 2.^o sargento Antonio de Almeida que vão ocupar um troço de trincheiras da «Linha das Aldeias».

Fica desde então em reserva a 4.^a companhia, do capitão Maçãs Fernandes — e como faltam munições, com uma parte dela estabelecem-se dois postos de remuniciamento em Vieille Chapelle sob o comando de sargentos.

São 10 e meia da manhã. Aparecem no reducto, comandadas pelo major Raul Peres, a 4.^a companhia, do capitão José da Luz Brito e fracções das restantes companhias de Infantaria 15. Marcham sob o fogo inimigo, serenos, firmes, passo cadenciado como em parada. O bravo 15!

Veem a proposito. A partir das 11 horas deixa de ouvir-se a nossa artilharia, inutilizada ou tomada pelo inimigo: começava-se no 13 a ter a sensação do isolamento.

É com esses punhados de homens do 13 e do 15 que se vai procurar deter o avanço alemão e resistir até caírem, num heroico arranco, reflexo do clarão da epopeia dos batalhadores da India, Malaca e Ormuz.

A 1.^a e 2.^a companhias e os pelotões da 3.^a do 13, batem-se já na frente contra uma aluvião de inimigos que o nevoeiro torna invisíveis; lançam para deante patrulhas para reconhecerem o seu efectivo e disposições; uma delas, comandada pelo 2.^o sargento Americo Pelotas, da 2.^a, mal se interna no nevoeiro caem-lhe todos os soldados ceifados por uma rajada de metralhadora; fica só o sargento, de pé, desafiando a morte; precipitam-se seis alemães para o aprisionarem; podia fugir e salvar-se — mas em lugar disso, desviando em agil salto de jogador de pau a baioneta que um dos inimigos lhe apontava, crava-lhe a dêle no peito; logo em seguida vara outro alemão, fere ainda um terceiro que ia já em fuga juntamente com os restantes — e só então os metralhadores «boches», aproveitando o momento, varam pelas costas o herói, que tomba para sempre, crispadas as mãos na espingarda tinta de sangue inimigo.

O sargento Belisário sai com nova patrulha: morre toda, heróicamente — e continúa obscura a localização exáta das fôrças inimigas. As metralhadoras crepitam sem cessar nos curtos intervalos dos estampidos da artilharia e dos morteiros inimigos.

Começam a aparecer grupos, mal perceptíveis ainda através do nevoeiro: serão dos nossos? serão inimigos? É preciso reconhecê-los. Oferecem-se dois soldados da 2.^a — o 361, Paulino Mourão e o 415, José de Sousa; descem o parapeito sob uma saraivada de balas e, avançando até 10 metros dos vultos suspeitos, veem que são alemães — que os convidam a entregar-se: se não o fazem, a morte é quase certa. então, renovando o histórico feito do cavaleiro d'Assas, sem hesitar, voltados para a nossa trincheira bradam desesperadamente:

— ¡ Atirem-lhes, rapazes, que são «boches»!

E sob as descargas dos alemães e as dos nossos, os dois heróis voltam à trincheira, trepam o parapeito e retomam com simplicidade os seus postos de combate.

Os alemães apresentam-se nessa ocasião em formações compactas de assalto; veem como feras, embriagados, e das nossas metralhadoras nem uma só bala se perde no cinzento esverdeado das massas que avançam.

A pressão sobre as forças que avançaram, aumenta: o tenente Alcídio Almeida manda dizer ao comando do batalhão que os inimigos começam a infiltrar-se por entre os postos da companhia e só pede — pólvora e ordens.

Respondem-lhe enviando-lhe algumas munições, animam-no com a notícia de que forças do 15 cooperam já com o 13 e, como ordem, comunicam-lhe — a de resistir até ao último cartucho.

Está bem confiada a missão. O tenente Almeida sobe à banquetta para melhor ver o inimigo :

— Eia, rapazes, não desanimem, e que a última bala mate um último alemão : sempre é um inimigo de menos !

E, sereno, com os oficiais dos pelotões, comanda fogo por descargas.

A esquerda, guarnecida pela 1.^a, é atacada de perto : o capitão Roma transmite-lhe ordem de avançar. O tenente Gonçalves manda armar baioneta e a companhia, com os seus oficiais, avança a passo de carga sôbre o inimigo : o alferes Sá Vieira, ilheu de rija têmpera, de espingarda e baioneta como simples soldado, dá o exemplo e electriza os seus homens. Os dois pelotões da 3.^a avançam também. Os alemães não esperam pelo choque e retrocedem abandonando os fojos e abrigos de onde fuzilavam os nossos que, emfim, por momentos respiram.

O comandante do 13 dá então ordem para avançar uma parte da 4.^a companhia : esta porêm, depois de se manter bravamente durante horas sob o fogo inimigo, aprisionados os seus oficiais numa cilada, encontrava-se nessa altura já dizimada e dispersa.

As companhias que estão na frente pedem instantemente munições. Cêrca das 11 ¹/₂ horas o capitão Brito, do 15, encontra alguns milhares de cartuchos — e faz-se o remuniamento ; como alguns soldados hesitam, conduz êle próprio um dos cunhetes, auxiliado pela sua orde-

nança, através dum terreno descoberto. O alferes Pinto Veiga, do 13, indiferente ao perigo, vai também êle próprio levar cunhetes a alguns pontos mais ameaçados. O 2.º sargento Proença que viera da 2.ª para levar polvora, volta para lá carregado com um cunhete sob o chuveiro de metralha.

A luta continúa : da trincheira de onde o estado maior do 13 dirige as suas fôrças, faz-se fogo através do nevoeiro e do fumo ; cêrca das 12^h,30 distinguem-se porém uns vultos a pequena distancia ; marcham sem precaução e pelo fardamento e o « á vontade » com que se dirigem para a trincheira parecem soldados nossos. O capitão Roma sobe á banquetta, observa-os ao binóculo — e reconhece pelos capacetes que são alemães : uma descarga cerrada, nossa, faz cair uns poucos, de vez, e obriga os restantes a dispersarem, rastejando.

Um pouco antes das 12^h,30 já o pelotão da 4.ª companhia do 15 abreira o fogo com alça a 300^m sobre alguns inimigos que começavam a mostrar-se.

Recrudesce a fúria do ataque ; fazem maravilhas as metralhadoras manejadas pelo alferes Sevivas e pelo 2.º sargento Gomes de Carvalho, do 13, mas os inimigos parece que nascem do chão, e quantos mais se matam mais aparecem.

A artilharia alemã não dá descanso aos nossos — e os seus aeroplanos, seguros da impunidade, regulam-lhe o tiro adejando muito baixo sobre as nossas posições.

Por momentos a sua artilharia cala-se e crepitam proximo as metralhadoras: — já os nossos sabem; é uma vaga de assalto que avança, de rojo e cautelosa, agora... Mas os defensores estão áperta e a onda desfaz-se como espuma. Os aeroplanos inimigos, então, voltam com o seu ron-ron intermitente, baixam em vôo planado e deixam cair um sinal luminoso em cada extremidade da trincheira: é o referenciamento — e a artilharia recomeça a bater os nossos — a preparar novo assalto.

Lá mais para a frente, a 1.^a e 2.^a companhias e os dois pelotões da 3.^a do 13 batem-se com temeraria valentia. As secções de metralhadoras já não teem sargentos: são soldados quem as comanda. Seriam 3 horas da tarde, faltaram-lhe de novo as munições: o tenente manda aproveitar as que caíram durante a luta — e o alferes Dias, encorajando os homens, êle próprio e algumas praças feridas, apanham do chão os cartuchos sujos de terra, limpam-nos, passam-nos aos metralhadores e aos atiradores, e o combate continúa. Até ao último cartucho — é a ordem do comando do batalhão...

Tres horas e meia da tarde. As companhias estão cercadas por todos os lados. De repente cessa o fogo dos nossos. Já não há cartuchos.

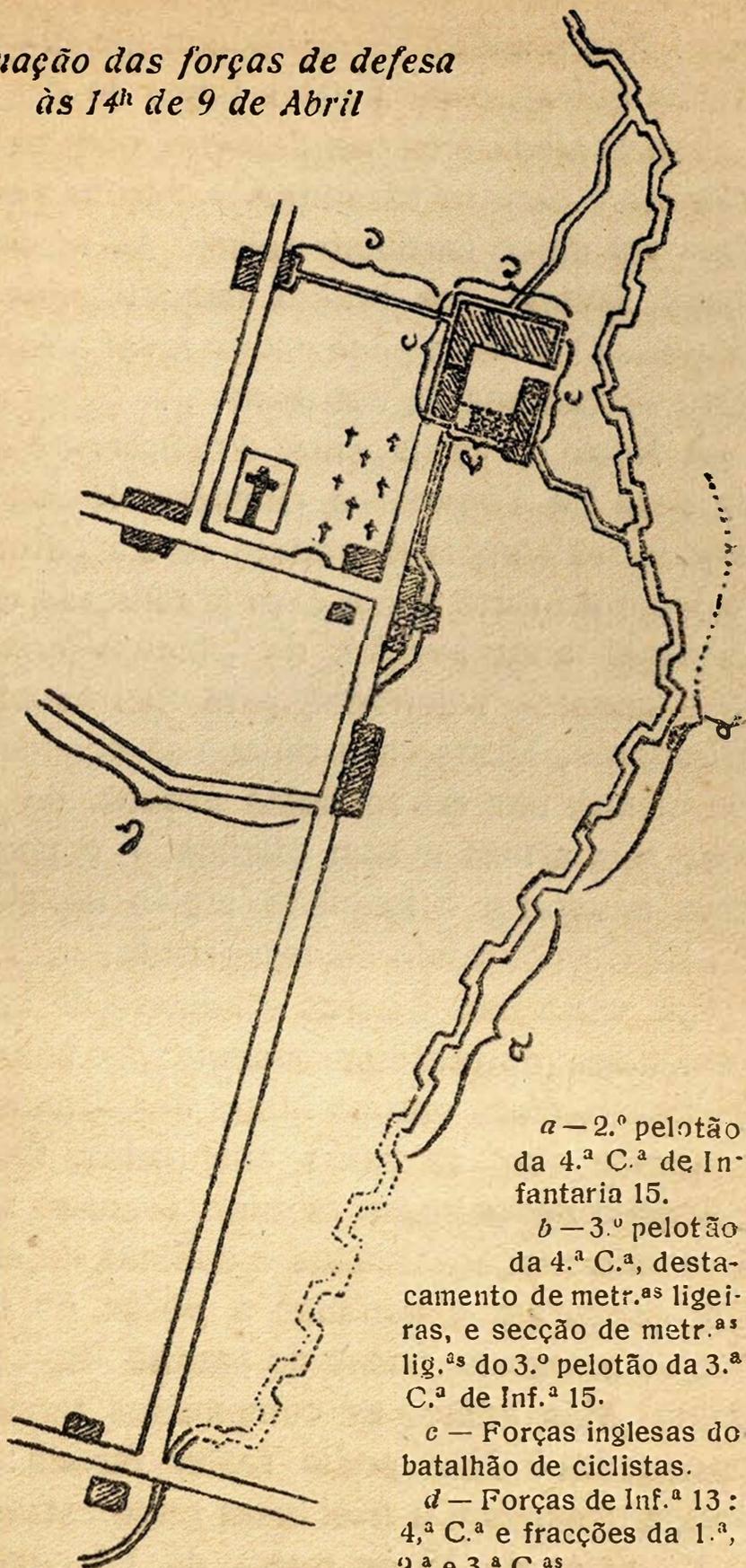
Momento tragico. Os soldados olham ansiadamente os seus officiais: há quem chore de raiva.

O tenente Alcidio de Almeida com lágrimas de desespero, ruge:

— ¡Já não podemos fazer mais nada, rapa-

Reduto de Lacouture

Situação das forças de defesa
às 14^h de 9 de Abril



a — 2.^o pelotão da 4.^a C.^a de Infantaria 15.

b — 3.^o pelotão da 4.^a C.^a, destacamento de metr.^{as} ligeiras, e secção de metr.^{as} lig.^{as} do 3.^o pelotão da 3.^a C.^a de Inf.^a 15.

c — Forças inglesas do batalhão de ciclistas.

d — Forças de Inf.^a 13: 4.^a C.^a e fracções da 1.^a, 2.^a e 3.^a C.^{as}.

e — Parte do forte (minas) sobre a qual forças de Inf.^a 15 exerceram vigilância em 9 e 10.

zes! Antes queria ter apanhado um tiro do que ter de entregar-me a estes filhos da p . . !

Troca ainda algumas palavras com os outros oficiais e com os sargentos — não ha remédio: nem um único cartucho existe. As espingardas caem, inúteis, dos braços daquele punhado de bravos. O alemão pode enfim levar a sua presa para os campos do cativoiro . . .

A Norte da igreja, entre o cemiterio e a estrada para Le Touret — a «Emperor Road» — servia de resistencia do reduto de Lacouture uma especie de forte numa casa organizada defensivamente com abrigos de cimento armado, e dois andares seteirados para metralhadoras e atiradores. Nessa casa tinham-se acolhido logo de manhã uns 80 soldados nossos, de pioneiros, sem armas e sem oficiais, — e pouco depois ocupou-a o batalhão inglês de ciclistas, do XI Corpo, vindo da retaguarda.

Por volta das 4 horas o número de inimigos aumentara extraordinariamente; as nossas patrulhas relatam que ao longo dos drenos, abrigando-se com as casas arruinadas, tão longe quanto o nevoeiro, o permite vêm-se avançar sem interrupção colunas e colunas de alemães que procuram consolidar a posse do terreno que as primeiras ondas de assalto vão conquistando. Mas então, as companhias teriam sido esmagadas? Não podia restar duvida: dali a pouco chegavam á trincheira onde estava o estado maior do 13 os restos da 1.^a companhia e alguns homens da 2.^a e da 3.^a.

As forças do 15 mostravam-se à altura da sua reputação não obstante as numerosas baixas : o alferes Pereira da Costa caíra no seu posto varado por uma bala de metralhadoras, e o tenente medico J. J. Machado Guimarães fôra aprisionado no posto de socorros onde dedicadamente tratava os seus feridos.

O capitão Brito dirigia o combate da sua companhia com summa perícia e coragem : era impossível porém defender toda a trincheira descoberta que as forças ocupavam, que se prolongava muito para a direita e que pelo seu desguarnecimento podia permitir que os alemães efectuassem por ali um ataque com granadas de mão — que os nossos não possuíam. Era perigosa a situação.

O que restava do batalhão inglês, á esquerda, Infantaria 13 ao centro e Infantaria 15 á direita guarneciam nessa ocasião as obras de defesa do reduto, demasiado extensas, todavia, para tão diminutos efectivos — e em vista disso resolvem acolher-se á casa-forte,

É neste momento que se dá um dos episodios mais brilhantes da defesa. Enquanto as forças efectuam a retirada para o forte, o 2.^o sargento do 13, José Gomes de Carvalho, fica protegendo-a, sózinho na trincheira com uma metralhadora que ele proprio maneja; os alemães tentam avançar — mas a metralhadora ceifa-os implacavelmente, e quantos mais apparecem, mais se multiplica o esforço do heroico sargento que muda frequentemente de lugar

dá êle só ao inimigo a impressão duma multidão.

Já tudo recolheu ao forte; só então o Carvalho retira, face voltada para o inimigo — devagar e fazendo fogo sempre. À entrada do forte o capitão Roma recebe-o, e com lagrimas nos olhos:

— Ah meu valente, vem depressa, cá para dentro, que eles já aí estão perto...

— ¡ Só mais um instante, meu capitão: tenho seis cartuchos e estão além seis «boches»: é mesmo a conta!

Os inimigos tombam e só então ele entra, para continuar a combater.

O forte já está cheio de mortos e de feridos: não importa. Mas as munições faltam de novo para as metralhadoras cujo fogo começa a afrouxar. Roma recorre de novo ao comandante inglês: insta, obtém mais 5:000 cartuchos, e as séteiras do forte continuam a vomitar a morte sobre o inimigo que ataca com metralhadoras, granadas de mão e de espingarda, e continúa ao mesmo tempo batendo o forte com morteiros.

A onda invasora já deve ir longe e ter atingido a estrada Lestrem-Béthune: ao alcance e saudadas pelo tiro dos nossos passaram já, cerca das 3 horas da tarde, viaturas alemãs de artilharia e carros com sacos de terra.

A artilharia alemã faz fogo já para diante do forte, na direcção de Noroeste: as suas posições devem estar nos terrenos entre Lacouture

e Vieille Chapelle, e a sua infantaria já terá com certeza ultrapassado essa linha.

Do 15 recolhem ao forte as ultimas forças — os alferes, Antunes das metralhadoras, quase só, e Lopes Ferreira, do 2.^o pelotão da 4.^a. Quase ao mesmo tempo são vistos alguns inimigos na trincheira que dá acesso ao reduto central.

Algumas importantes fracções alemãs parecem querer aproximar-se do forte pelo Sul, mas são repelidas por Infantaria 15, e às 6 horas da tarde os arredores do forte são batidos pela artilharia inglesa que destroça uma coluna de viaturas inimigas, mas cujos estilhaços quase atingem o forte.

Em represália, recomeça o bombardeamento inimigo: como a um sinal dado, troveja a artilharia alemã inundando de granadas o campo de batalha — desde as colinas da região de Ypres até para além dos *corons* de Lens; algumas passam zumbindo lá pelo alto, muito longe — em tiro a «dispersar» sobre as forças aliadas que retiram, mas outras caem sobre o forte e crivam-lhe de estilhaços todos os recantos.

O sol aproxima-se do ocaso ensanguentado nêsse ceu inclemente das Flandres: dir-se hia que o poente avermelhado reflecte toda a carnagem de que tem sido testemunha esta terra durante seculos.

A esperança dos defensores num socorro proximo começa a diminuir — mas o desespero duplica-lhes a coragem: até ao ultimo cartucho — é a ordem!

Os alemães, irritados por tão pertinaz resistência — agora que estão senhores de tudo o que foi o sector português — lançam então contra aquele punhado de bravos o mais violento de todos os ataques daquela jornada heroica.

Colunas sobre colunas desembocam pela estrada de Le Touret e atacam o forte: o combate é especialmente renhido na direita, mas os soldados de Portugal estão vigilantes e deante do seu fogo desfazem-se como espuma as vagas inimigas.

Os comandantes dos batalhões portugueses, os bravos majores Gustavo Pissarra do 13, e Raul Peres do 15 e os respectivos 2.^{os} comandantes, os valentes capitães Roma e Zaide de Almeida expõem-se e prodigalizam esforço e incitamento. Chovem as balas no forte e as metralhadoras alemãs razoiram cerce os parapeitos. A fumarada das explosões das granadas dificulta dentro do recinto as pontarias dos defensores. Indiferente ao granizo de morte, um soldado do 13 sobe ao parapeito e, com serenidade, atira sobre os «boches» acachapados nas luras e cozidos com os muros das casas. As balas assobiam-lhe em torno com redobrada raiva.

— ¿Que fazes aí? — grita-lhe o Roma — Desce já que te estão a alvejar!

— ¡Deixe-me cá estar, meu capitão, que eu daqui é que os vejo bem!

Esgotados os cartuchos que levava, desceu o serrano com heroica simplicidade — e viram

muito bem os camaradas que, ao abraçá-lo, o capitão Roma, tinha lágrimas nos olhos...

Nem um só aeroplano inglês foi visto durante o dia: mas em compensação, aparelhos inimigos adejam de novo sobre o forte, a regular o tiro da sua artilharia — e andam baixos, aves de mau agouro vaticinando a morte dos ultimos paladinos da honra militar portuguesa. Hão de cair, mas devagar, como em Alcacer Kibir... Um dos aviões baixa ao alcance de tiro: o 2.^o cabo José Guedes escôa-se por entre os vigamentos esfrangalhados duma casa arruinada que mascára o forte e, assestando uma metralhadora, num momento dado é tão certo o seu tiro que o avião vira de rumo e abandona a observação.

Em Infantaria 15, à hora regulamentar, monta-se o serviço da noite; dos 110 homens com que se iniciara o combate, respondem à chamada 4 sargentos e 27 cabos e soldados com duas metralhadoras...

Vem caindo a noite. O alemães fôram repellidos mas a fuzilaria continúa com raras intermitencias.

No forte ninguem dorme; portugueses e ingleses atiram através das séteiras sobre os alemães que tomam posições para apertarem o cerco.

Os oficiais rondam a miudo: está tudo a postos, vigilante o espirito e desperta a coragem daqueles homens cujos corpos rendidos de cansaço, febrís, torturados pela sêde agra-

vada pela poeira e gases das explosões, desde o dia 8 não sabem o que é alimentar-se . . .

Contraídas as feições, desvairados os olhos, aqueles valentes ainda esperam — fortes na sua simplicidade de humildes.

De vez em quando o Roma anima-os :

— ¡Eia, rapazes, coragem! Temos socorro próximo . . . Ouve-se já o tiroteio para os lados da estrada de Béthune!

E aquelas grandes almas infantis — oscilam entre a desesperança que já lhes invade a alma e a fé que se lhes vai escapando. Os olhos meigos e profundos de votados á morte refletindo a visão nostálgica das suas leiras distantes sublinham o murmúrio resignado :

— Ora . . . Bem sabemos que o nosso capitão nos está a enganar para nos dar coragem . . .

E num sobressalto da nativa valentia :

— Mas é o mesmo. Ou venceremos ou aqui ficaremos todos!

Na estrada junto à igreja, passam constantemente, aproveitando a escuridão, tropas e viaturas sobre as quais os nossos fazem rajadas de metralhadoras e tiros isolados.

Ainda durante a noite, os ingleses tentam estabelecer um posto optico servindo-se duma lanterna presa a uma vara: a lanterna é varias vezes alvejada: — o concerto é fácil; mas nenhuma outra luz responde áqueles sinais.

A's 4 horas da madrugada de 10 recomeça o bombardeamento com artilharia pezada, e os

alemães atiram também granadas com gases asfixiantes.

Dado o alarme, põem-se as máscaras — e a luta continúa.

A fumarada oculta os atacantes que, escarmentados, ocultam-se agora melhor.

São precisos esclarecimentos sobre a situação, obscura sobretudo na direita. Resolve-se que saiam duas patrulhas, uma inglesa e outra portuguesa, de cinco homens cada uma: oferecem-se imediatamente o 1.º cabo Antonio Dias de Macedo e quatro soldados mais. Mal clareia ainda o lusco-fusco da madrugada; as duas patrulhas descem os parapeitos e embrenham-se no desconhecido. No forte, logo dali a alguns minutos, ouvem tiros lá fóra. Ansiedade. Que lhes acontecerá? Que informações trarão — se voltarem? As patrulhas regressam, mas a informação que trazem é de que aumentou extraordinariamente o número de inimigos e de que o cêrco é tão apertado que dêle ninguém se poderá escapar.

A's 7 horas da manhã o bombardeamento tem uma acalmia — e com a distensão das energias concentradas no ardor do combate, a fome começa a fazer-se sentir mais forte nos corpos fatigados. O cabo Macedo e um cabo de corneteiros que fizera com o capitão Roma a campanha de Africa, vão em cata de alimentos e, proximo do forte, numas casas arruinadas, encontram uns pedaços de queijo ressequido e veem trazê-los aos officiais.

— É preciso que os nossos oficiais tenham forças para agüentar isto até ao fim... Semêles somos como um corpo sem alma...

A's 8 horas recomeçou o tiroteio: ninguém mais se lembrou de comer; pólvora é que se quere — mas às 8 $\frac{1}{2}$ horas faltam os cartuchos. O capitão Roma recorre de novo ao comando do batalhão inglês: vai ao abrigo onde ele se encontra e pede munições ao major dos ciclistas. Este acede, dá-lhe 2:000 cartuchos e, quebrada a nativa fleugma, transparece-lhe na voz a emoção ao acrescentar:

— São os ultimos...

Os ultimos cartuchos! Os nossos, agora, já, só teem como alento na luta, o desespero. Multiplicam-se os actos de heroismo que ninguém na ocasião admira nem registará para a posteridade — tão naturais parecem em bravos que, abandonados, isolados na inundação inimiga, teem alma para combater sem esperança. E numa alusão ao fim que os espera, a trágica campa sem epitáfio das ruinas do forte ou a vasta sepultura comum e anónima na vasa dos drenos e nas trincheiras arrazadas:

— ¡Lembra-se lá a gente de cruces de guerra! Agora, nem da «cruz de pau...»

O capitão Roma aparece em toda a parte; expõe-se com cavalheiresca bravura nesta luta toda de emboscadas. Verifica alças, observa os efeitos do fogo, e se não fôra o brilho febril de olhar dir-se hia que está numa sessão de tiro no campo de instrução.

No meio do desespero que todos sentem e receiam deixar transparecer, ele espera ainda.

— ; Quem sabe! Talvez se repita a façanha da Móngua — e venhamos a ser socorridos pelos nossos, ou pelos ingleses, nossos aliados . . .

Mas, qualquer coisa mancha o azul baço do céu, longe, lá para os lados de Merville: é um aeroplano inglês; e para onde irá êle? Condensam-se os farrapos de esperança de todos aqueles naufragos em volta daquele pontinho branco. O capitão Roma sobe ao parapeito e agita um lenço. Mas a ultima ilusão esvai-se. O avião afasta-se; vai talvez na direcção de Messines e de Wytschaete que o alemão ataca com todas as suas forças disponiveis.

Das 9 ¹/₂ até às 10 horas nota-se extraordinário movimento de forças inimigas: é certamente o supremo assalto que se prepara . . .

Os nossos sustentam agora a luta com os cartuchos apanhados no sólo, que uns respigam e passam aos outros que vão atirando e detendo o inimigo. Este lança um ataque através do cemiterio, em cuja defesa cooperam os ingleses. A luta reacende-se feroz e sacrílega: ras-teja-se, mata-se e morre-se por entre os jazigos partidos e as sepulturas violadas; as balas sibilam, as metralhadoras alemãs varejam sem descanso — mas não levam a melhor.

A falta de munições ia, porém, sufocar a resistencia; ás 10 ¹/₂ horas rendiam-se os ingleses que ocupavam parte da trincheira, a Norte do reduto, junto do cemiterio.

O capitão Roma ainda tem esperança. Percorre as posições de tiro, recomenda que só se faça fogo a distancia de não se falhar um só disparo.

Os alemães, servindo-se de um graduado inglês aprisionado que se aproxima do muro do cemiterio rodeado de dois soldados, intimam os defensores a que se rendam.

Passa-se uma hora; são 11 $\frac{1}{2}$ e os alemães já por duas vezes mandaram parlamentarios intimando a rendição; o ultimo foi um maqueiro nosso, por eles aprisionado, e que trouxe a intimação de se renderem no prazo de cinco minutos — aliás farão ir tudo pelos ares.

O major inglês vem procurar o major Peres e declara-lhe que, vista a situação e a falta de munições, resolvera render-se. É convocado o major Pissarra e reune-se conselho de officiais no abrigo do major inglês: fica resolvido que, visto terem acabado as munições, nada mais há a fazer senão renderem-se — e que nessa conformidade iriam eles parlamentar com os alemães para se assentarem as condições da capitulação.

O Roma é dos que se apégam ainda teimosamente a uns farrapos de esperança:—; Pois não seria possivel que dentro em pouco lhes chegasse socorro? E em ultimo caso tentar-se hia romper a massa de «boches» e alcançar posições de tropas nossas ou aliadas...

A situação era, todavia, tão claramente desesperada que teve que render-se á evidencia...

Mandou-se cessar fogo — os poucos tiros em que se queimavam os ultimos cartuchos e as derradeiras esperanças . . .

Sairam do forte os comandantes com os seus ajudantes a conferenciar com o comando inimigo e, ali chegados, o major inglês é agredido por um graduado alemão que lhe encontra no bolso algumas balas de pistola. O «boche» reteve como refens o major do 13, e o comandante inglês com o capitão seu immediato — e dali a pouco os restantes voltavam ao forte com a condição imposta — de saírem todos desarmados afim de se entregarem.

Officiais e soldaões choravam de raiva: alguns, do 13, mordem com desespero a coronha da espingarda, inútil. . . e mas, sem munições, que fazer?

Pouco depois das 12,^h30 começava a sair a heroica guarnição do reduto: primeiro os ingleses, depois os portugueses, praças á frente, officiais á retaguarda.

Mal tinha saído do reduto o ultimo homem, deu-se uma scena de espantosa selvageria:

Uma rajada de metralhadora vareja os inermes vencidos, ao mesmo tempo que sobre as saídas do forte cáem algumas bombas de morteiro.

Os alemães atiram sobre aquele punhado de valentes, transformados pelo desarmamento em misero rebanho indefeso, assassinando-os covardemente a tiros de espingarda á queimadura: um dos primeiros a ser atingido foi

um capitão inglês dos ciclistas que, ao lado do capitão Roma, atingido por um tiro que a este era destinado, caiu de bruços vomitando sangue ás golfadas.

E' impossivel descrever a horrivel scena que se seguiu : os desgraçados vencidos refluiram para a entrada do reduto, soltando gritos lancinantes que se confundiam com os gemidos dos feridos e com os uivos da cáfila assassina. Um capelão alemão com o braçal da Cruz de Genebra voltado do avêso, pistola em punho e gritando como um energúmeno, animava e incitava aquele morticinio de prisioneiros inermes que se haviam rendido fiados na palavra alemã...

O major inglês, o major Peres e o capitão Roma, arrostando devotadamente a morte para salvar os seus soldados, dirigiram-se aos officiais alemães e conjuraram-nos a que fizessem cessar aquella vergonha; só a esta resolução se deveu o não terem sido trucidados mais dos nossos.

E os officiais alemães encontravam aquilo perfeitamente natural :

— ¿ Que querem? Vocês mataram-nos tanta gente com a sua defêsa, que é justo que o paguem...

Mas não acabou aqui a violencia : indagando de quem eram os metralhadores, apartaram dois sargentos nossos dizendo-lhes brutalmente :

— ¡ Preparem-se : vão ser fuzilados !

Um encolher de ombros desdenhoso foi a reeposta dos valentes rapazes.

O capitão Roma, pálido de indignação, avança para o official que presidia aquella scena e increpa-o :

— ¡ E' uma infamia o que vão fazer ! Soldados não procedem assim !

— Sofremos muitas perdas, temos que vingá-las, — respondeu o alemão, em cuja cabeça quadrada havia a mentalidade do barbaro teutão ancestral.

— Esses homens não fizeram senão o seu dever de soldados — retorquiu o Roma.

— Não tenho que dar-lhe satisfação dos meus actos — replicou, arrogante, o alemão.

A resposta do Roma calou, todavia, no cérebro do official inimigo, e devido a isso o assassinato dos dois sargentos não se perpetrou.

Acalmada a furia canibalêsca dos vencedores, foram os heroicos sobreviventes das tropas que defenderam Lacouture enviados com forte escolta para a retaguarda inimiga e daí para a Alemanha.

Retirada das tropas portuguezas

Esmagadas as nossas tropas nas linhas, bombardeada e ameaçada directamente Lestrem, o quartel general da 2.^a Divisão retirou para Calonne-sur-la-Lys. O general Gomes da Costa,

auxiliado pelo seu chefe de estado maior, major Vitorino Godinho e pelo tenente coronel do estado maior D. José de Serpa Pimentel, procurou congregar ali os elementos válidos escapados da batalha e ocupar a linha de trincheiras que passava junto daquela povoação.

O abatimento das tropas que retiravam fatigadíssimas, bem como a ordem do comando do exército britânico determinando que retirassem das linhas as dizimadas tropas portuguesas, impediram que se efectivasse esse desígnio, bem como o de auxiliar com um contingente de metralhadoras a 51.^a Divisão britânica que se batia junto de Estaires, defendendo a passagem do Lys.

A falta de patrulhas de policia militar portuguesa que, nos principais cruzamentos de estradas reunisse os dispersos grupos de soldados, orientando-os e dirigindo-os, agravou a natural confusão da retirada, dando também nota discordante formações da retaguarda, — em que chegou a haver pânico — que todavia não foi sentido pelas tropas em 1.^a linha apesar de submetidas a temível provação.

Nestas graves circunstancias, os diferentes serviços cumpriram dedicadamente o seu dever, sem discordancia digna de menção.

O serviço de saúde, assoberbado pela enorme quantidade de feridos portugueses e até ingleses que recorriam às nossas formações sanitarias, nem assim deixou de fazer todos os curativos com o maior dos cuidados. Nunca serão

de mais os encomios que por este motivo se fazem ao chefe dos serviços de saúde da divisão, tenente coronel medico Fernando Monterroso.

Salientou-se pelo zelo e coragem do seu pessoal a Ambulancia n.º 7, instalada em Zelobes, e dirigida pelo capitão medico Sena Cabral. Medicos e enfermeiros foram inexcediveis de dedicação e de espirito de sacrificio. Sob os bombardeamentos, atravessaram varias vezes os campos, totalmente esburacados pelas granadas, para acudir aos nossos feridos e transportá-los até ao posto de socorros. Trabalhando afanosamente toda a noite, só retiraram na manhã de 10 transportando nas macas os feridos e conduzindo sob as rajadas das metralhadoras os medicamentos que lhes restavam.

Os serviços administrativos da divisão, habilmente chefiados pelo capitão Vitorino Guimarães, fôram modelares dentro das apertadas circunstancias originadas pela batalha.

Foram deficientemente abastecidas apenas as unidades cujos trens regimentais, aliás geralmente insuficientes, não conseguiram através o bombardeamento chegar até aos Locais de Reabastecimento estabelecidos: o n.º 1 em Lestrem; o n.º 2 (desde o dia 9) em Riez Bailleul ⁽¹⁾; o n.º 3 em Zelobes. A artilharia ini-

(1) Recebia no proprio dia 9 ordem de transferir-se para Pont Riqueul, ordem que não chegou a ter execução.

miga batia porém com tal violencia as estradas que, a não ser ao L. R. n.º 1 em Lestrem, poucos foram os trens que conseguiram chegar até esses locais. No L. R. n.º 2, por exemplo, apenas compareceu o alferes Nordeste, provisor do S. B. F.

Em vista de ter sido reconhecida conveniencia em deslocar o L. R. para Pont Riqueul, a Estação Testa de Etapes transmitira ordem de expedir para Pont Riqueul o pequeno comboio Decauville que diariamente partia de Lestrem com o reabastecimento, sendo encarregado de acompanhá-lo como portador das guias o soldado Francisco Fonseca Tadeu, da E. T. E. Chegado o comboio ao seu destino, o restante pessoal voltou para Lestrem com a locomotiva, ficando em Pont Riqueu apenas o soldado Tadeu. O capitão Vitorino Guimarães dava neste meio tempo ordem a todo o pessoal das diferentes formações administrativas para se concentrar em Lestrem, e assim, o soldado ficou no local até ao dia seguinte, isolado, perdido na vastidão do imenso campo de batalha, conseguindo por fim pôr-se em comunicação com um comando inglês que, cêrca das 8 horas de 10, fez rebocar o comboio para a retaguarda: a coragem e dedicação do soldado impedia por esta forma que o inimigo se apoderasse de 10:000 rações de viveres.

Durante as primeiras horas da batalha, a Repartição dos serviços administrativos conservava se em Lestrem sob o intenso bombardea-

mento, esperando que a situação se esclarecesse: mas o alferes Lorena Santos, atravessando a barragem, vinha trazer notícias: estava tudo perdido, e os alemães, de posse de Laventie, alastravam-se qual nódoa de azeite por toda a área do nosso sector. Pouco depois, o chefe do estado maior, major Vitorino Godinho, mandava avisar os chefes de serviço de que se preparassem para a retirada.

O quartel general da 2.^a Divisão deslocara-se já para a retaguarda: a Repartição dos serviços administrativos foi, com a dos serviços veterinarios, a ultima a fazê-lo, e isto na melhor ordem e salvando todo o seu arquivo.

Merecem menção especial a E. T. E. e os L. R. que foram os ultimos a retirar de Lestrem com o seu pessoal debaixo de forma, recolhendo na marcha as praças extraviadas que no percurso encontraram.

Em Calonne-sur-la-Lys, onde o general Gomes da Costa, com o seu chefe do estado maior Vitorino Godinho, auxiliados pelo major D. José de Serpa instalavam provisoriamente o Q. G. 2 e procuravam congregar elementos para resistir, avultava a preocupação de assegurar a alimentação das nossas forças: Vitorino Guimarães dirige-se a Saint Venant a combinar com os serviços britannicos o reabastecimento da sua divisão: trabalho baldado; o quartel general do C. E. P. effectuava apressadamente nesse momento a sua deslocação para a retaguarda — e as preocupações da execução

desse movimento sobrelevavam a todas as outras.

Regressa a Calonne e, logo à entrada da povoação, um oficial do estado maior comunica-lhe a ordem de ir para Cornet Malo onde se instalaria o quartel general: vai, e encontra a povoação deserta; regressa a Saint Venant.

—E' em Thiennes o quartel general—dizem-lhe; ao chegar ali verifica que só là estava o da 3.^a Brigada de Infantaria. Era preciso todavia tomar uma resolução. Voltando de novo a Saint Venant, cêrca já das 20 horas, Vitorino Guimarães resolve, por sua propria iniciativa, ordenar à E. T. E. e aos L. R. que se concentrem na aldeia de Saint Quentin. Quando já nesta localidade, sabe que o quartel general da Divisão se fixara em Lambres; immediatamente dirige-se para ali chegando cêrca das 22 horas. ¡Emfim! O reabastecimento que se destinava ao dia 10 estava virtualmente perdido — e àquela avançada hora da noite, sob a emoção dos terriveis acontecimentos do dia, Vitorino Guimarães, auxiliado por D. José de Serpa, assegurava a alimentação da divisão aproveitando para isso o abastecimento destinado ao dia 11. (1)

(1) Os viveres diariamente chegados às E. T. E. seguiam immediatamente para os L. R. que, todavia, só no dia seguinte os entregavam às unidades; estas, por sua vez, só os deviam consumir no dia immediato áquele em que os recebiam.

Durante a noite e em virtude de instruções recebidas, tomava o quartel general nova resolução : conservar-se hiam em Lambres o estado maior da divisão e os serviços administrativos e telegrafico; todos os restantes instalar-se hiam mais á retaguarda, em Aire-sur-la-Lys.

Os serviços administrativos demandavam nestas criticas circunstancias uma iniciativa ilimitada e um esforço extenuante; estavam completamente desajudados porém de meios materiais, de que o respectivo chefe estava também desprovido — pois nem dos transportes dispunha. Em 9 à noite foi expedida pelo quartel general da 2.^a Divisão uma ordem entregando ao chefe dos serviços administrativos todos os meios de transporte disponiveis — e só então, no dia 10 e seguintes, o serviço passou a efectuar-se com a possivel regularidade.

Na madrugada de 10 o chefe dos serviços administrativos da divisão era avisado de que ainda nessa manhã receberia em Aire um comboio com o reabastecimento, e por seu lado, o serviço de etapes britanico fazia ao mesmo tempo identica prevenção à E. T. E. que nessa cidade funcionava. Desanuviava-se um pouco a situação. O dia 10 marcou no emtanto o periodo critico do reabastecimento, que foi comtudo efectuado com regularidade na manhã desse dia.

Os viveres para as unidades que não tinham recebido rações para esse dia, bem como os

relativos a 11 para todas as tropas que se encontravam na zona Aire — Fauquembergues e que foi possível avisar a tempo, fôram-lhes entregues em Saint Quentin num Local de Reabastecimento fixo, instalado junto do L. R. do corpo. Para as unidades que ainda se encontravam na zona entre Saint Venant e Aire, o capitão Vitorino Guimarães fez organizar um L. R. volante constituído por camiões do 2.º Grupo Automovel que, apesar do restrito numero de carros de que dispunha, graças ao zêlo do capitão Manuel Mendes e do seu pessoal, pôde executar esse serviço com viaturas e condutores fatigados, isto após o transporte de Aire para Saint Quentin de todos os abastecimentos destinados ás restantes unidades.

Os numerosos retardatarios que aos magotes chegavam da frente a todos os momentos, começaram, graças a louvaveis iniciativas individuais, a reunir-se em depositos, de pessoal, em Mametz e Blessy, e de solipedes em Les Tourbières. A todos estes extraviados mandou o chefe dos serviços administrativos distribuir, à sua passagem por Saint Quentin, rações extraordinarias de pão, carne de conserva, queijo ou doce.

Para restabelecer a normalidade no abastecimento, o chefe dos serviços administrativos procurou então obter o maximo rendimento dos transportes que lhe haviam sido confiados: as viaturas do Trem Divisionario n.º 2 foram mandadas apresentar nas unidades que haviam

ficado desprovidas de viaturas (1) e ainda no dia 10, os camiões do 2.º G. A. nos curtos intervalos do transporte dos abastecimentos, foram corajosamente até Lestrem, de onde conseguiram salvar muitos viveres e fardamento, bem como material de guerra abandonado.

Em 10 de Abril continuava a retirada das nossas tropas que recebiam ordem para abandonar a zona entre Aire e Saint Venant e de irem ocupar a sua antiga zona do periodo de preparação, compreendida entre Aire, Théroouanne e Fauquembergues; e às 12 horas desse mesmo dia o quartel general da 2.ª Divisão deslocava-se de Lambres para Théroouanne.

Em 11 foram dadas ordens para ser completamente evacuada pelas nossas tropas a zona de Saint Quentin e de continuar-se a retirada pela estrada de Théroouanne a Desvres. Os L. R. n.ºs 2 e 3 vieram então para Théroouanne, onde o n.º 3 devia funcionar até 12 afim de abastecer as ultimas tropas que por essa localidade transitassem, e o L. R. 1 que até então ali estivera, trasladava-se em 11 à noite para Desvres.

O quartel general da 2.ª Divisão ficava em 12 em Maisnil, na estrada Théroouanne — Desvres — Boulogne, e em 13 instalava-se na região de Etaples, em Cormont, passando os

(1) O. T. D. 2 foi pouco depois transformado em deposito de remonta e de viaturas.

serviços administrativos, bem como todos os restantes, a funcionar em Longvillers.

Podia desde então considerar-se finda a retirada das nossas tropas que se haviam batido no Lys — e nunca como durante ela as circunstancias se conjugaram para tornar difficil o reabastecimento, já de si difficil em operações desta natureza, que, todavia, graças sobretudo à enérgica iniciativa de Vitorino Guimarães e dos officiaes do S. A. M. se effectuou nas melhores condições compatíveis com as difficuldades e confusão proprias duma retirada.

Progresso da offensiva alemã na tarde de 9

Rôta a frente anglo-portuguesa entre os sectores de Bois Grenier e Givenchy, os alemães lançaram as suas colunas atingindo o Lawe e o Lys desde a comporta de Bac-Saint-Maur até Estaires e, já na tarde de 9, atravessavam o canal chegando a Croix du Bac; a partir de então, a queda de Armentières, torneada, passou a ser apenas uma questão de horas.

O avanço dos alemães, a partir do meio dia, começou a ser mais lento por encontrarem grandes difficuldades em transpôr o sistema de linhas defensivas dos Aliados com tropas já fatigadas, e as estradas, encharcadas ainda, não davam passagem às viaturas, crescendo que as suas directrizes eram desfavoraveis ao ata-

cante. Além disso, contribuíram para acentuar essa lentidão o nevoeiro que, auxiliando-o na 1.^a fase, impediu-o, depois, de reconhecer a fraqueza da ténue cortina defensiva, a irresolução do seu comando, receoso de reservas nossas, ⁽¹⁾ a dificuldade de fazer avançar a artilharia para proteger o avanço da infantaria, e ainda a resistencia inglesa em Bois Grenier (9.^a Divisão inglesa) e em Givenchy (55.^a Divisão escocesa).

A jornada, todavia, encerrava-se desastrosamente para os Aliados que perdiam cerca de 15:000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, cêrca de duzentas bôcas de fogo e numerosas metralhadoras. As baixas portuguesas entre mortos, feridos e prisioneiros, ascendiam a 340 oficiais e 7:980 praças; perdiamos tambem 68 canhões de 7,5^{cm.}, 16 obuzes de 11,25^{cm.} e muitos morteiros de trincheira e metralhadoras.

Este primeiro dia de batalha ficava no entanto extremamente caro aos alemães, e os sucessos obtidos haviam-lhes custado enormes baixas: entre muitos exemplos identicos, houve companhias, como a 4.^a do 2.^o Regimento de reserva, da 1.^a Divisão Bávara de Reserva, que após os combates entre Vieille Chapelle, Lacouture e Locon ficava reduzida a 24 homens. Estas perdas forçaram os alemães a enviar a

(1) Que não existiam, sendo notavel a insistencia com que perguntavam por elas aos prisioneiros.

toda a pressa para aquele sector reforços tirados dos 11 batalhões continuamente renovados no grande acampamento de Beverlood (Belgica) (1).

Causas do successo dos alemães

Porque venceram os alemães em 9 de Abril? Inspirando-se em antigos principios do ataque de fortificações, bateram com a irresistivel violencia duma inaudita preparação de artilharia, como se se tratasse dum lanço de muralhas e até nele abrir brecha, uma parte da linha dos Aliados. Ora, è uma verdade confirmada pela experiencia que toda e qualquer posição se torna insustentavel desde que seja suficientemente atacada: foi o que os alemães fizeram entre Fleurbaix e Givenchy, tomando toda a 1.^a linha.

Para acolher e apoiar tropas que retrocediam dessa 1.^a linha, os ingleses só dispunham de duas divisões viridas do Somme, desfalcadas e fatigadas, que não puderam, por isso, manter a linha de apoio e tiveram que recuar para o Lys. E ainda assim, o que lhes valeu para terem o tempo indispensavel para ocupar posições de combate, foi a resistencia dalgumas

(1) Camena d'Almeida — *L'armée allemande avant et pendant la guerre* — Paris 1920.

unidades inglesas e portuguesas em Huit Maisons, Vieille Chapelle e Lacouture.

A nova frente que os ingleses vieram ocupar — o Lys — não constituía também uma boa posição de defesa. E' uma longa linha de agua, com numerosas sinuosidades que colocam as tropas que por ventura as defendam em situação de terem de fazê-lo num exagerado numero de salientes e de reintrantes e de ocuparem nos salientes posições batidas de flanco pelo fogo das metralhadoras. Não obstante as desfavoráveis condições apontadas, os ingleses defenderam tenazmente o curso de Lys, que todavia já fôra transposto a Norte de Estaires pelos alemães, logo após as primeiras horas da batalha.

Continuação e final da batalha

Em 10 de Abril procuraram os alemães explorar as vantagens da posse da imensa planície do Lys, e uma parte do VI Exercito, o corpo de von Bernhardi, atravessou o Lawe ao sul de Estaires e atacou na margem Norte os reforços do 1.º Exército britânico (General Horne) que procuravam vedar a brecha aberta na frente das Flandres.

A batalha desenvolvia-se também mais para o Norte, entre o canal de Ypres a Comines e Armentières, e o IV Exercito alemão (von Arnim) empenhava no combate a sua ala esquerda, ameaçando envolver as tropas britânicas que ocupavam o saliente de Ypres, e depois de se apoderar de Hollebeke repelindo o 2.º Exercito britânico da frente que ocupava, tomava as alturas de Messines e avançava para o Sul até Ploegsteert.

As reentrâncias da linha dos Aliados em volta de Armentières, acentuam-se mais ainda em 11. A 51.ª Divisão britânica bate-se tenazmente sobre o Lawe, entre Lestrem e o Loisne, mas

é forçada a ceder terreno. A 9.^a Divisão britânica defende com pertinacia Wytschaete, mas na tarde do mesmo dia, as tropas alemãs de von Stetten e de von Eberhardt entram em Armentières tomando 45 bocas de fogo e aprisionando 3:000 homens. Sobre a heroica cidade haviam caído cêrca de 60:000 granadas e tantos gâses que, estando a cidade perdida para os ingleses desde a tarde de 9, os alemães só se aventuraram a entrar nela em 11: dois dias depois.

De 11 de Abril em diante os alemães fazem intervir na batalha mais de 20 divisões frescas entre o canal de La Bassée ao Sul, e a planície de Wytschaete ao Norte, e repelem as tropas britânicas no curso do Loïsne, e em Neuf Berquin, cercanías de Merville e Doulieu, atingindo Nieppe e Steenwerck. Marchando ao longo da margem Norte do canal do Lys, as tropas de von Bernhardt chegam junto de Merville: a 8.^a Divisão bávara de reserva penetra nas primeiras casas dos arredores da cidade, põe a saque as adegas, embriagando-se e cometendo tais excessos que o comando tem que enviá-la para a retaguarda, precisamente quando acabava de escolhê-la para recommençar o ataque no dia seguinte.

Ao entrarem os alemães em Merville, um tenente de engenharia inglêz, encarregado de fazer saltar a ponte sobre o canal, estava ainda a meio dela ultimando os preparativos para a explosão quando os alemães irromperam em

tropel por uma das extremidades: o herói não hesitou, e pondo fogo ao rastilho foi pelos ares juntamente com a ponte e uns vinte inimigos que nela haviam penetrado.

Os alemães tendo tomado na sua direita Hollebeke, transposto o Lys no centro, de posse de Armentières, de Estaires, e de Merville, ocuparam Calonne e a orla do bosque de Nieppe em 12, orientando então decididamente os seus ataques na direcção da linha férrea Hazebrouck—Bailleul: a Sudoeste desta cidade rompem a linha britânica, mas um contra-ataque efectuado por um grupo de unidades juntas ao acaso restabelece a situação.

Em 12 os ingleses são repelidos da crista de Wytschaete-Messines, os alemães de von Eberhardt atingem o sopé do Monte Kemmel em Wulverghem e, mais ao Sul, outras tropas alemãs ocupam a povoação e bosque de Ploegsteert, e ainda outras progridem ao longo do Clarence e tomam Locon.

A força de choque do VI Exército diminuiu muito a partir de 12. O IV Exército continuava, porém, avançando.

A actividade da batalha passou depois a exercer-se na linha Wulverghem-Neuve Eglise. Em frente mesmo de Bailleul os alemães ocuparam a linha férrea Armentières-Hazebrouck.

A linha dos montes ao Sul de Ypres ficava assim ameaçada pelos alemães, que conseguiram também pôr pé na orla Sueste do bosque de Nieppe.

Era-lhes indispensavel, todavia, para continuação da manobra, o irromperem na direcção do centro — a de Hazebrouck.

O objectivo principal do grupo de Rupprecht, principe herdeiro da Baviera, passava a ser a linha de alturas que limitam a Norte a planicie do Lys e que, começando no Monte Kemmel, admiravel observatorio de onde se descortina uma vasta extensão de terreno para Éste, veem terminar em Cassel: a perda dessas alturas devia forçar os ingleses a evacuar as posições do Yser, situadas mais a Norte.

Intervenção do exercito francês

A frente inglesa ficava seriamente ameaçada por esta furiosa incursão sobre Hazebrouck e Calais — tal qual a de Outubro de 1914; e Douglas Haig, receando que a impetuosidade do ataque alemão realizasse do lado de Calais o golpe falhado a Éste de Abbeville — o de separar o exercito francês do inglês, — pedia ao general Foch o envio de 4 divisões francesas, pelo menos, para a região entre Dunkerque e Saint Omer.

Foch resolvia apoiar directamente os aliados da França: em 12, o 2.º Corpo de cavalaria, comandado pelo general Robillot, marcha do sul do Somme para Hazebrouck e em seguida para Steenvorde, fazendo em 67 horas 250 qui-

lometros, sendo 120 na primeira etape, e a 133.^a e a 28.^a divisões marcham logo em seguida a reforçar o 2.^o Exercito britanico. O governador de Dunkerque, general Pauffin de Saint Morel, recebia ao mesmo tempo instruções para, em caso de necessidade, fazer inundar toda a região até Saint Omer.

Foch, em pessoa, determinava ainda a Robillot a previsão de quatro linhas de resistencia afim de ser eficazmente defendida, no caso de continuar o avanço inimigo, a região de Saint Omer; e para opôr-se a quaisquer ataques intentados pelos alemães entre Arrás e o Somme, o general Maistre continuava em 13 o avanço para a linha Doullens — Vauchelles.

Ainda em 13, a Sul e na direcção de Aire, von Bernhardi atravessou o Clarence proximo de Robecq, e o general von Gallwitz avançou rapidamente para o Norte, na zona compreendida entre Bailleul e Hazebrouck; os ingleses, aproveitando a oportunidade, contra-atacaram retomando Neuve Eglise e Wulverghem.

A profundidade atingida pelos alemães nos seus ataques contra a zona a Sul de Ypres tornava perigosa a situação do saliente formado por esta praça. O alto comando inglês resolveu então fazer recuar as suas linhas, que passavam por Hollebeke, Gheluveld, Éste de Zonnebeke, Passchendaele, Éste de Westroosebeke, fazendo mantê-las temporariamente por simples guardas avançadas, enquanto se efectuava, lentamente, a retirada para a linha Merckem, Éste

de Bixschoote, Zillebeke, Voormezeele. Desde que se conseguisse segurar bem a linha dos Montes de Flandres, ao Sul, desde o Monte Kemmel até ao Monte des Cats, a situação não era desesperada — sem deixar todavia de ser grave.

Foch, comandante em chefe dos Exercitos Aliados

Perante o perigo iminente encontraram os Aliados a coesão dos momentos decisivos. Na historica conferencia de Doullens, em 26 de Março, haviam-se assentado as bases duma energica acção comum e resolvia-se o grave problema do comando unico. Em 14 de Abril assumia Foch o comando supremo dos exercitos das Potencias Aliadas.

Divergiam as opiniões dos estados maiores francês e inglêz sob o ponto de vista da delimitação das zonas a defender pelos respectivos exercitos. Foch, com o estado maior francês, era partidario de que se mantivesse tal como estava a divisão das frentes, muito embora com uma mais activa cooperação dos franceses na frente inglesa. Douglas Haig e o general Wilson, consideravam esta a mais importante batalha dos Aliados, e, nessa conformidade, solicitavam que, tal como se fizera na Picardía, cooperasse com o exercito inglêz o maior numero possivel de divisões francesas

e punham a questão, — ou uma diminuição de frente que importaria o abandono de Ypres, Poperinghe, Hazebrouck e ocupação duma nova frente, menos extensa, desde o Oceano a Aire-sur-la-Lys, ou então o travar-se batalha nas posições onde estavam, o que sò seria possível com o emprêgo simultâneo de todas as forças dos Aliados.

Foch persistia em considerar o ataque nas Flandres uma formidável diversão apenas, e receava que, trazidas para o Norte as forças francesas disponiveis, o estado maior alemão vibrasse no Sul o golpe decisivo. Temia porém ao mesmo tempo, a ameaça do avanço inimigo sobre os portos do Mar da Mancha e do estreito de Calais e, vista a gravidade do momento, ao regressar ao seu quartel general de Sercus determinou a criação dum Destacamento de Exercito do Norte Francês, sob o comando do general Mitry, englobando todas as forças francesas da região, sob o comando superior de Haig e Plumer.

Para aliviar mais ainda o exército britânico, procurou a cooperação do exercito belga: êste, porém, não estava sob a sua alçada porque a Belgica, como de resto as outras pequenas potencias, não havia sido ouvida na conferencia de Doullens. Foch não hesitou: foi visitar o rei Alberto, apelou para a sua solidariedade e para a sua lialdade de soldado e este, sempre cavalheiroso, aquiesceu ao aumento da frente belga, dando-lhe mais a certeza de que

seriam bem defendidas as posições desde o Yser ao Kemmel. O exército britânico recuperava assim sete divisões e meia.

Dirigindo-se aos generais franceses e ingleses, traçou Foch um plano de defensiva: manter a todo o custo a posse da cordilheira dos Montes de Flandres, procurando-se torná-la eficaz com a ocupação ou reconquista das suas vertentes e, caso fôsse possível, das cristas anteriormente abandonadas. Para essa ocupação seriam fornecidas tropas francesas. Recomendava ainda que se conservasse a todo o transe a linha — alturas de Hinges e do Monte Bernenchon, que dominavam o canal de La Bassée, ribeira de Clarence, Pont de Nieppe, Neuve Eglise e Monte Kemmel.

Tratava-se, explicava Foch, de objectivos capitais para os Aliados: no flanco esquerdo, da defesa do caminho para Calais; no flanco direito, da defesa da bacia hulfífera de Béthune e, reflexamente, do nó de caminhos de ferro de Amiens. Era portanto forçoso disputar palmo a palmo o terreno da frente britânica; a defesa seria feita com a maior energia e basear-se hia no principio das «organizações defensivas repetidas», devendo cada segunda posição ser ocupada por tropas colocadas na sua proximidade e conhecedoras da sua missão; as reservas eram mais que nunca indispensaveis porque não era conveniente que as tropas incumbidas de contra-atacar fôsem lançadas na linha atacada, onde iriam desordenar-se e desfazer-se.

sem resultado util, e portanto conviria que fôsem elas proprias que se organisassem, com o seu ponto de partida e formação de ante-mão fixados, e com apoio de artilharia. Os proprios contra-ataques deviam ser previstos, preparados e regulados . . .

Constituem-se, segundo o plano assente, successivas linhas de defesa. Em 14, parte das tropas da 1.^a Divisão portuguesa (da qual houve unidades que só descansaram dois dias na região de Desvres) eram incumbidas da construção dum troço da 3.^a linha de defesa — a linha Lillers — Steenbecque, que deviam ocupar em caso de ataque, e varias baterias nossas entram em acção nas cercanias do Bosque de Nieppe.

Tudo faz prever que a luta vai tomar um character de extraordinária violencia, dum e doutro lado.

O proprio Guilherme II desloca-se do seu quartel general de Spa e vem até Armentières presenciar os combates que reputa decisivos.

Os alemães triplicam nas Flandres os seus efectivos: é uma massa de 340:000 atacantes que os Aliados teem agora ante si.

Aspecto do novo terreno das operações

Abandonadas pelos dois adversarios as posições que ocupavam antes de 9 de Abril e tomado o curso de Lys, o campo de batalha mudou de aspecto.

As operações passam a desenrolar-se nessa Flandres Ocidental, plana, de inextricáveis e preguiçosos cursos de água, sob um céu baço encoberto por uma bruma que esbate os já de si pouco acentuados contornos desta região melancolicamente uniforme, que só muda de aspecto — sem todavia ganhar em variedade e relêvo — ao atingir a amarelada faixa das dunas banhadas pelo Mar do Norte.

Na monótona planura onde as povoações se sucedem quase ininterruptamente, escasseiam os pontos de onde a vista alcance um vasto horizonte: os campanários das igrejas e as chaminés das numerosas fabricas constituem disputados observatorios — por tal motivo especialmente visados...

Compreende-se o valor que em semelhante país possam ter mediócras elevações como as dos Montes de Flandres, a encarniçada luta e as ondas de sangue que vão derramar-se pela posse daquelas colinas coroadas em épocas normais de pacíficos moinhos de vento...

O terreno em que os alemães se embrenharam levados pela velocidade adquirida dos primeiros sucessos, era-lhes assim francamente desfavorável com os seus inumeros canais e cursos de água entrecortando-se num terreno extraordinariamente húmido, e em que a menor chuva desfaz em lama as estradas tornando-as impraticáveis.

A directriz da invasão alemã engolfara-se no amplo desfiladeiro limitado a Norte pela cor-

dilheira dos Montes de Flandres que dominam Bailleul, e a Sul, para alè m de Lillers, pelas colinas do Artois, que se estendem até á região de Boulogne.

Este amplo desfiladeiro tem ao centro o bosque de Nieppe que o divide em duas passagens de desigual largura: uma, a menos ampla, a Norte, conduz a Bailleul.

Detidos em 13 no Bosque de Nieppe pelos aguerridos «Anzacs» (1) tiveram os alemães que optar por uma das duas passagens: não podendo romper pela do Sul, visto terem também a sua esquerda retida em Givenchy pelos ingleses, o que tornaria desfavoravel a sua situação no caso de intentarem avançar entre o bosque de Nieppe e as colinas que dominam Lillers e Aire, resolveram manobrar ao longo do passagem Norte e, graças à energica pressão exercida, avançaram por um e outro lado de Bailleul — à direita por Neuve Eglise, e à esquerda sobre o canal de Meteren.

A luta pela posse dos Montes de Flandres

É preciso, a todo o custo, fazer sustar o avanço alemão sobre Hazebrouck e os Montes de Flandres. O marechal Douglas Haig, em 15,

(1) Designação usual dos contingentes coloniais ingleses da Oceania, abreviatura formada pelas iniciais das palavras «Australia, New Zealand Army Corps».

do seu quartel general de Blendecques, dirige-se às suas tropas e numa energica «Ordem do dia» diz-lhes: «O exército francês marcha rapidamente em nosso auxilio com forças consideraveis. Devemos manter cada posição até ao ultimo homem. É proibido retirar.»

A luta toma desde então um novo aspecto de encarniçamento. Os alemães, por seu lado, não poupam as vidas dos seus, e em 14, Eberhardt e Marshall apoderam-se de Wytschaete.

A povoação de Neuve Eglise que em dois dias passara varias vezes de um para outro dos adversarios, na noite de 14/15 caía definitivamente em poder dos alemães que, todavia, nessa ocasião não conseguiam ainda apoderar-se de Bailleul e de Merris, nem avançar através do bosque de Nieppe defendido pela 1.^a Divisão australiana (Walker). A perda de Neuve Eglise acarretava, porém, a de Wulverghem.

Ao cair da tarde de 15 lançaram-se três divisões alemãs ao ataque do Monte de Lille e do de Paversberg — pequenas ondulações precedendo a cordilheira dos Montes de Flandres e comandando de 29 metros apenas a planicie de Lys: a tomada destas duas elevações que, a Éste, dominam a cidade, permitiu-lhes o apoderarem-se de Bailleul e, em seguida, de Meteren. A tomada destes importantissimos pontos animou os alemães a intentarem explorar o sucêso, empreendendo uma ofensiva geral na região ocidental de Bailleul até ao canal de Comines, exercendo pressão de ambos os lados da cordilheira.

Os elementos da esquerda do IV exército (general Sixt von Arnim) haviam ficado aparentemente inactivos após a tomada de Hollebeke : foram estas as tropas incumbidas do ataque. Favorecidos pelo nevoeiro matinal, os alemães avançaram contra Wytschaete e Saint Eloi, de que se apoderaram após renhidos combates, chegando assim pela direita a três quilómetros de caminho de Ypres e a igual distancia da linha férrea Ypres-Hazebrouck.

Noutro sector do campo de batalha travam-se sanguinolentos combates em Meteren. No centro, eram repelidos os ataques alemães a Norte de Bailleul e de Neuve Eglise.

A pressão alemã continuava a Oeste do canal entre o Yser e o Lys ; ante esta ameaça, o 2.º Exército britânico (Plumer) acolheu-se em 17 de Abril para o interior do saliente de Ypres, à quem do Stenbach, abandonando a linha Paschendale-Poelcapelle-Langemarck-Zonnebeke que até então ocupara, assás comprometida agora pelo avanço de von Arnim na região de Bailleul. O movimento foi executado em boa ordem, conseguindo os ingleses abandonar, sem serem inquietados, as posições conquistadas durante a ofensiva de 1917.

A manobra alemã durante esse dia 17 continuava a orientar-se na direcção de Poperinghe com a intenção de atingir a retaguarda da frente britânica, estabelecida a Este de Ypres, abrindo para isso uma passagem entre o vale do Lys e a planície do Yser.

Ainda no dia 17 os alemães lançaram seis ataques na parte Norte do campo de batalha: dois a Oeste de Merris, um a Sul do Monte Kemmel, dois a Oeste de Wulverghem e um a Sul de Neuve Eglise. Na parte Sul do teatro de operações, na noite 17/18 bombardearam violentamente e inundaram de gases tóxicos a região à retaguarda do canal de La Bassée, e de gases asfixiantes o terreno entre Locon e Robeca.

Para levar a cabo o seu plano de envolvimento, atingindo o canal do Yser, marchando depois sobre Poperinghe e estabelecendo assim pela retaguarda do Yser ligação com as divisões de Bailleul, os alemães, no efectivo de 23 batalhões e com 200 bôcas de fogo, atacaram em 17 o sector belga entre Kippe e Lange-marck: os belgas contra-atacaram com denodo em Merckem e os alemães tiveram que retirar deixando-lhes nas mãos 700 prisioneiros e 42 metralhadoras. Assim cumpria o rei Alberto o compromisso tomado com o general Foch.

De 19 a 24 há uma pausa na batalha: os dois adversarios espreitam-se e reforçam-se para futuros golpes. Os alemães procuram preencher os claros das suas divisões dizimadas. Os ingleses buscam afanosamente efectivos para dar um pouco de repouso às suas tropas, fatigadas até ao ultimo extremo da resistencia. Mas o momento é supremo e são exigiveis todos os sacrificios: por sugestão de Foch, Haig chega a um acôrdo com Pétain no tocante ao emprêgo das duas divisões cedidas

pela Italia, e à utilização nos sectores menos movimentados na frente francesa das divisões britânicas mais mal-tratadas na batalha.

Na ansiedade do momento supremo da luta, Foch, em busca de efectivos, volta-se para os Estados-Unidos e conjura-os em nome da causa comum a enviar para França durante o segundo trimestre de 1918 exclusivamente unidades de infantaria e metralhadoras. Lloyd George intervem na questão: a Inglaterra forneceria toda a tonelagem necessaria para o transporte de 130:000 americanos em Maio e de 150:000 em Junho, todos de infantaria e de metralhadoras, ficando toda a tonelagem americana para os transportes da artilharia, da engenharia e dos serviços auxiliares. E só apòs este convenio o generalissimo dos Aliados pòde encarar com confiança o prosseguimento das operações.

Perda do Monte Kemmel

Em 25 a batalha recomeçou com dobrada furia: os corpos alemães de von Sieger e de von Eberhardt, cêrca de 100:000 homens, atacaram violentamente ao sul de Ypres, entre Wytschaete e Dranoutre, as posições dos Aliados no Monte Kemmel, defendidas por duas divisões francesas (28.^a e 154.^a) e uma inglesa (a 9.^a). Apòs formidavel preparação pela artilharia, o Corpo Alpino bàvaro atacou com inegavel bravura aquele pequeno monte

de 150 metros de altitude, apenas, mas que tinha as vantagens do commandamento sobre a planicie do Lys e de ser o mais avançado bastião dos Montes de Flandres: Mont Rouge, Mont Noir, Mont Vidaigne e Mont des Cats.

A luta foi feroz e o terreno disputado palmo a palmo durante um dia inteiro. Desalojados os ingleses de Dranoutre, Wytschaete e Saint Eloi, os alemães, infiltrando-se segundo o seu costume, cercaram o 30.º Regimento francês que occupava o alto do monte, o qual ficou, finalmente, em poder dos alemães bem como a aldeia do mesmo nome; os francezes e ingleses, cumprindo a ordem de defender as posições até ao ultimo extremo, e não obstante ser desfavoravel à defesa o facto de hã muito estar o inimigo de posse do terreno próximo, causaram-lhes todavia tantas baixas que os alemães não puderam explorar o seu succésso. As perdas dos Aliados foram também importantes: só os francezes perderam ali 6:500 homens, 53 canhões e 200 metralhadoras.

No dia seguinte, 26, os Aliados contra-atacaram, sem conseguirem, todavia, retomar o monte. Os alemães, por seu lado, atacando a frente Voormezeele-Sherpenberg, tambem não conseguiram, como pretendiam, desalojar definitivamente os francezes de Locre, nem os ingleses de Voormezeele, e a luta suspendeu-se de ambos os lados nos dias 27 e 28 de Abril.

Fase final da batalha

O flanco esquerdo dos Aliados ficava comprometido pela perda do Monte Kemmel e por haverem os ingleses abandonado às tropas de von Arnim a colina 60, Hooge e Zillebeke: se não se conseguisse sustar imediatamente a progressão alemã, cairia Ypres e ficaria aberto o caminho para Cassel. Foch não hesitou e, apesar de Pétain declarar prestes a atingir-se o limite do numero de divisões francesas a deslocar para Norte do Somme, aumentou mais uma divisão ao Destacamento de Exército francês da região do Norte (general Mitry) que tomara posição na linha dos Montes afim de barrar definitivamente ao atacante, já dizimado, o acêso das restantes elevações da cordilheira.

O generalissimo dos Aliados, para melhor verificar o cumprimento das suas directivas, em que preconizava uma defesa tenaz e um prudente emprêgo das forças, trasladava-se para a Flandres e dava ordens a Plumer e a Mitry para levarem a resistencia até ao ultimo extremo, proibindo-se todo e qualquer recuo voluntario com o pretexto de rectificação ou de occupação de nova linha.

«A unica maneira de anular a ofensiva — insistia Foch — é responder-se-lhe com uma energica contra-ofensiva»; e suggeria a ideia de atacar-se o alemão principalmente no sector Robecq-Festubert, na direcção de Merville e Estaires.

Para melhor provar a boa vontade de auxiliar o exército britânico, cujos efectivos diminuían cada vez mais, o generalissimo pedia a Pétain o envio de mais divisões ainda para Flandres e Artois, e ordenava ao general Mitry o estender a sua acção para o lado de Ypres.

Em 29 de Abril von Arnim fazia acometer, por um efectivo de cêrca de 120:000 homens, num ataque rapidamente generalizado, as posições francesas de Meteren ao Clytte e as inglesas (25.^a, 49.^a e 21.^a Divisões) que as prolongavam da lagôa de Dickebusch à lagôa de Zillebeke: o seu ataque, como de costume, mais forte no centro, apenas lhe dava a posse do hospicio de Locre, a 1:200 metros da aldeia, que continuava em poder dos franceses; nas alas o ataque falhava completamente.

Desde então pode considerar-se virtualmente finda a batalha do Lys — não obstante continuarem até meado de Maio, como num estertor, os combates de pequenos destacamentos disputando a posse do hospicio de Locre ou de Dickebusch — situação idêntica à dos finais das grandes batalhas de 1915 e de 1916.

III

Após a tormenta

O C. E. P. na retaguarda

A 1.^a Divisão, em 14 de Abril, voltava para a frente abrir trincheiras entre a floresta de Nieppe e Béthune, construindo a linha Lillers-Steenbecque cuja defêsa ficou a seu cargo.

A 2.^a Divisão, dizimada, era dissolvida em 30 de Junho. Encurralados em Ambleteuse, os seus restos, de mistura com as formações do Corpo, fermentavam numa pútrida mistura de intriga e inveja, vicio este sobretudo tão nacional que já aos nossos clássicos mereceu judiciousa observação e especial referencia (1).

É que, após a retirada das tropas portuguezas das 1.^{as} linhas e do estabelecimento do Quartel General do C. E. P. na retaguarda, parecia haver findado o nosso papel activo na Grande

(1) O Conde da Ericeira, no *Portugal Restaurado*, salienta «...o defeito de que os portuguezes padecem na difficuldade da união, sentindo ordinariamente mais que a desgraça propria, a fortuna alheia...».

Guerra. Uma grande desesperança invadira mesmo aqueles que tinham fé. Vencidos! E nunca esta palavra teve tão amargo travo como na bôca dos que, acreditando no futuro da Patria e na indomavel energia da Raça, viam queimadas pela desilusão as azas do seu sonho.

Extravasou em onda de lama de recriminações toda a peçonha dos defectistas. E era ouvi-los, na criminosa alegria com que assistiam ao desmoronar do nosso esforço:

— Nós bem lho diziamos. . . Agora é que «isto» liquidou de vez e não renasce — que os tempos já não são os mesmos. Emfim, já se pôde respirar em Portugal — e não tarda que lá estejamos todos. . .

Até os proprios estrangeiros disso chegaram a convencer-se, tantas vezes o ouviram repetir, e a officiais ingleses era freqüente ouvir em conversa com os nossos:

— Para vocês — guerra, *finished!*

Nas tabernas da região repetiam-se, envenenadas pela discussão das responsabilidades da retirada, as rixas entre soldados portugueses e ingleses: ao apodo de *pork and beans*, respondiam os nossos com facadas e cacetadas que bastas vezes expediram para hospitais e para cemiterios muitos ingleses e australianos.

Neste ambiente de depressão moral, o Corpo Expedicionário Português, abandonado á sua sorte, sem reforços que lhe insuflassem novas energias, diminuindo ingloriamente dia a dia, sofria mais que nunca os efeitos da propaganda

que, ainda em Portugal, estivera prestes a destruí-lo à nascença e a tornar impossível a cooperação portuguesa na Europa.

O maior flagelo do moral do C. E. P. foi, sem dúvida, o espirito nefasto de que o movimento de 13 de Dezembro de 1916 constituiu a mais típica manifestação.

A paixão politica envenenára muitos officiaes, cegando-lhes o entendimento a ponto de impedi-los de ver a necessidade de seguirem uma linha de conduta que, além de ser a do cumprimento do dever patriótico, representava uma condição indispensavel para o seu prestigio e para o do exército a que pertenciam.

Recriminações e críticas imprudentemente expandidas nas conversas dos «messes» e das secretarias, divulgadas cá fóra pelas ordenanças, inocularam no soldado o vírus dum descontentamento cujas manifestações ninguem cuidava occultar.

O defectismo e o espirito de revolta, fomentados pela propaganda que vinha de longe, animada pela inacção dos poderes constituídos que assim se tornavam cúmplices deles, carcomiam assim até às ultimas fibras o espirito militar do C. E. P.

— Viemos para a guerra cavar — nós e os chineses . . .

E sobre isto arquitétavam-se pilherias, chistes e graçolas em que o espirito crítico nacional dava largas às suas aptidões demolidoras.

Nos «messes» foi moda troçar-se da nossa

acção, dos nossos homens, dos nossos ideais... A propaganda produziu os seus naturais efeitos: houve insubordinações, quase revoltas, nas tropas.

Foi então que apareceu o livro *Nas Trincheiras da Flandres*, de Augusto Casimiro. Bela figura de patriota e de iluminado, a sua personalidade marcou, com simpático relêvo, na ultima parte da nossa acção militar na Guerra Europeia.

O seu livro, sentido, repassado de communicativa paixão, fez vibrar todos os que não estavam absolutamente pervertidos, e tornou-se como que um breviário e ao mesmo tempo um lábaro, senha de reunião dos patriotas. Divulgado, popularizado, teve desde logo o condão de fazer passar de moda o defectismo: ninguem mais ousou affirmá-lo em publico: tornou-se uma coisa geralmente condenada que só alguns degenerados persistiam em professar em secretos conciliábulos.

O general Garcia Rosado, o novo comandante das tropas portuguezas, recentemente chegado, com boas intenções, procurava valorizar o que restava do corpo expedicionario.

Aproximou-se dos elementos que haviam feito propaganda da nossa intervenção — dos que tinham juntado às palavras os actos — e nêsse intuito, chamava a conferenciar com êle, além do capitão Augusto Casimiro, o major Ferreira do Amaral, prestigioso comandante do 15, bem como o major Helder Ribeiro que, num belo

gesto, deixara voluntariamente os serviços do estado-maior e o confôrto dos quartéis gerais para ir comandar o batalhão de Infantaria 23,— dentro em pouco uma unidade modelar e de elevado moral, graças à sua acção e à dum grupo de briosos oficiais.

Apezar do éxodo provocado em Maio e Junho pelas celebres juntas de inspecção, as nossas tropas contavam ainda algumas dezenas de milhares de homens e começavam a ser de novo consideradas como uma fôrça apreciável com a qual os Aliados podiam contar.

A nossa artilharia, com um moral admiravel, continuava sempre nas linhas cooperando com as tropas inglesas — dando-se o mesmo com algumas unidades de engenharia.

A infantaria, essa, como já dissémos, guardara durante alguns menses a linha Lillers-Steenbecque: já quase no fim da guerra, os nossos batalhões de infantaria tiveram, porém, um papel mais activo e brilhante: o batalhão do 14 era das primeiras tropas aliadas que entravam em Lille e merecia um louvôr em ordem do exército britânico; o 15 fazia na mesma cidade uma entrada triunfal, de bandeira desfraldada, aclamado pela população; o 23, incorporado em Novembro como 4.º batalhão da 140.ª brigada britânica, era designado para tomar parte na perseguição da retaguarda alemã; e, finalmente, uma das companhias do 35 chegava mesmo a entrar em fogo junto de Tournai.

Um frémido de entusiasmo galvanizava o ardor

combativo dos nossos soldados: o comando inglês solicitava a sua cooperação duma forma mais efectiva. A 1.^a Divisão era mandada avançar, o seu quartel general instalava-se em Lille em 11 de Novembro — mas nêsse mesmo dia os alemães assinavam o armistício — e nós ficavamos sem tirar a desforra do revés e das graves perdas sofridas em 9 de Abril.

Terminava assim numa voluntaria desvalorização o nosso esforço nos campos de batalha da Europa, para onde tinhamos enviado 3:404 oficiais e 61:762 praças, de que, respectivamente, haviam sido mortos 73 e 1:861 ⁽¹⁾, feridos 256 e 4:968, prisioneiros 270 e 6:408, e inutilizados 439 e 6:840.

E nem sequer obtinhamos o pizar o territorio inimigo, suprema consagração dos vencedores: ventilar-se há porêem, um dia, o motivo pelo qual as tropas portuguezas não tomaram parte na occupação da linha do Rheno, para a qual chegou a estar preparado um destacamento nosso. Os tempos não eram os mesmos: a diferença bem a sentimos com a recusa dessa satisfação moral de todo o ponto justa, e que até certo ponto compensaria os nossos soldados dos sacrificios feitos durante perto de dois anos nos plainos do Artois e da Flandres.

(¹) Incluindo 6 oficiais e 141 praças, desaparecidos.

« Après la guerre finie... »

Vai começar a primavera de 1919. Há apenas alguns meses que foi assinado o armistício e que emudeceu o canhão, e já a guerra se nos afigura um pezadelo longínquo.

Como nos já tão distantes meses do inverno de 1917, um batalhão português viera acantonar na aldeia de Ecques e, durante as horas de lícito funcionamento, as locandas não tinham mãos a medir na venda aos « Antonios » da cerveja de milho e do café de chicória aos copos. Os pianos mecânicos, mantidos em perpétuo movimento à custa de vintens, móem as estafadas musicas dos antiquados repertórios.

Uma há predilecta dos nossos serranos — a velha melodia *Sous les ponts de Paris*, — tocada daquela pontinha de melancolia das canções das ruas da Cidade-Luz, e que em estouvado côro os nossos parafraseiam em verso de pé-quebrado :

*Après la guerre finie
Et les portugais partis,
Les françaises vont rester
En berçant leurs babys...*

Cascalham risos — e o das môças da terra não é o menos espontâneo...

Realizou-se a canção, senão de todo, pelo menos na primeira parte: a guerra acabou e os portugueses vão partir; da segunda, rosnam as más línguas que alguma coisa há... Mas são as más línguas despeitadas das velhas de algodão nos ouvidos... Os sargentos da secretaria segredam que a ordem de prevenção de marcha está prestes a ser dada.

O segredo, como o de Polichinelo, pelo «jornal da caserna» breve se espalha por toda a aldeia, onde a consternação é geral: vai-se toda a alegria e movimento do povoado...

O assunto, é largamente discutido no domingo à hora da saída da missa: os velhos, cachimbando em grupos à porta dos *estaminets*, as comadres beatas, de chapelinho domingueiro às três pancadas, à porta da igreja, cochichavam que o próprio cura, na prática da missa, discretamente aludira aos amigos que em breve se ausentariam.

Os portugueses vão partir! E evoca-se a sua chegada—a dum outro batalhão que ficou quase todo na jornada do Lys. Fôra dois anos antes, num ano de primavera tardia.

Musica à frente tocando um «ordinario», os habitantes da pacífica aldeia viram pela pri-

meira vez aqueles soldados vestidos de cinzento, carregados de equipamentos de lona à inglesa e batendo cadenciadamente com as grossas botas ferradas a neve endurecida dos caminhos.

Era hora de entrada na escola: foi um acontecimento para a pequenada que fez «gazeta» em massa para ouvir a banda tocar a *Marsehesa*, logo seguida dos compassos saudosos da *Portuguesa*.

Depois, todas as quintas feiras e domingos a banda deliciava os habitantes executando na «grande praça» o seu repertorio de operas, de passos dobrados e de fados que, para o fim, a petizada já assobiava com convicção. . . .

À natural desconfiança do comêço, sucedera uma familiaridade que nunca os inglêses haviam conseguido.

Os «Antonios» eram a simpatia em pessoa: affectivos e serviçais, ajudavam os habitantes nos trabalhos agricolas, rachavam lenha e acarretavam agua nas casas onde não o podiam fazer os velhos, as mulheres e as crianças — os unicos entes que a guerra deixara em muitos lares e, à noite, depois da ceia familiar, na cozinha onde o fogão de amarelos bem luzentes punha uma nota de confôrto e de intimidade, contrastando com o áspero desconfôrto das choupanas de pedra sêca das faldas do Marão ou da Estrela, os «serranos» entravam nas conversas e na algaravia poliglota da zona de guerra entendiam e faziam-se entender.

Em muitos casos, o *corned beef* e o queijo da ração serviram para melhorar a alimentação dos habitantes mais indigentes, e nunca mais houve falta de assistência aos enfermos, que os médicos do batalhão visitavam com solicitude.

Em toda a parte eram os nossos abrangidos na amizade familiar.

Encontrava assim o português uma nova família — e quando prisioneiro, suprindo o esquecimento ou a impossibilidade de socorro dos parentes longínquos, muitas vezes com a encomenda para o francês, seguia na caixa de rêde de arame para esse fim patente em todas as *gares*, o donativo recordando ao antigo aboletado que a família adoptiva o não esquecera.

Exemplos comoventes como os que se deram após a batalha do Lys, jamais poderão esquecer os corações portugueses: por motivos de maior facilidade de comunicação com a França dos militares aliados prisioneiros na Alemanha, fôram famílias francesas que, sabendo do destino dalguns dos nossos oficiais e soldados, tranquilizaram as famílias em Portugal sobre a sorte dos entes queridos . . .

.....

E' o dia da partida dos portugueses: marcham naquela manhã para Aire-sur-la-Lys, de onde um comboio os conduzirá a Cherburgo, o porto do embarque.

Perante o acontecimento, já esperado — mas que tão profundamente abalava o pequeno burgo, paira sôbre este como que uma pezada

atmosfera de tristeza: os habitantes já se haviam habituado à ideia de que os portugueses jámais os deixariam...

Em quase todas as habitações da povoação, ha um ar de luto: a partida do «Antonio» ou do «Joaquim», durante meses ali aboletados, deixa totalmente aniquilados os seus hospedeiros, de tal modo os queriam como a filhos, em substituição dos que a guerra lhes arrebatara,— caídos para sempre na Champagne, no Somme, ou em Verdun, e de quem lá estavam os retratos com as cruces de guerra suspensas das fotografias emolduradas, como ultima homenagem. Haviam-se habituado a considerar os portugueses como os seus substitutos. E agora, êstes iam partir para Portugal onde os esperavam outras familias — as verdadeiras — as noivas, todos os entes queridos, enfim...

— *C'est la guerre*: — e mais uma vez é preciso resignar-se, trocar o adeus que ninguem quere confessar definitivo... Sabe-se lá se a gente se tornará a encontrar...

— ¡ Ora! neste mundo tão pequeno, até as pedras das ruas se encontram!

As cornetas tocam a unir. «Entre conversados» trocam-se as ultimas promessas de mútua correspondencia, de eterna afeição.

A dúvida entenebrece no entanto muitos corações...

— ¡ Quem sabe! Portugal é tão distante!

As lagrimas enrouquecem as vozes:

— ¡ *Adieu, adieu! au revoir!*

Eis o momento irrevogavel da partida.

— Saudades, — *¿ compris? beaucoup* saudades!

— *¡ Adieu, chéri!*

Os olhos humedecem-se. A *fiancée* sufoca os soluços no humilde avental de riscado enquanto «Antonio» enxuga as lagrimas na manga da fardeta. . .

O batalhão, na longa estrada enlameada, é apenas uma massa indistinta, fita cinzenta que os olhos avermelhados mal distinguem através da névoa húmida das lagrimas.

Portugueses, agora, só ficam ali os três que dormem o sono eterno no cemitério da aldeia, pobres humildes que não mais verão as terras agrestes do Douro, os descampados de Trazos-Montes ou as veigas ridentes do Minho.

Em todas as casas a tristeza é tal como a da definitiva partida dum irmão, a da morte dum filho. . . A affectividade da tão experimentada familia francêsa sofre de novo; parecem mais tristes as casas da aldeia, na solidão imensa das cozinhas pequeninas onde, sôbre a pedra da chaminé, as imagens dos mortos heroicos como que reflectem a tristeza indescriivel da eterna despedida dos irmãos desconhecidos. . .

INDICE

Duas palavras 5

I — Por terras de Flandres e do Artois

A caminho da zona de guerra	9
Thérouanne, a morta	31
D. Francisco Manuel de Melo em Flandres .	51
Um general português em Flandres no século XVII.	65
Portugueses e franceses	99
À retaguarda das linhas	107
As nossas 1. ^{as} linhas	117
O ataque de 9 de Março às linhas alemãs .	125
O ataque alemão de 12 de Março	135

II — Batalha do Lys

Nas vésperas da 2. ^a ofensiva alemã de 1918	151
Situação militar em Abril de 1918.	151
Nova tactica alemã	153
O plano alemão	159
Os portugueses na batalha	163
O Corpo Expedicionario Português	165
Organização defensiva do sector português.	167
Ordem de batalha da 2. ^a divisão em 9 de Abril. .	172
Ordem de batalha alemã	175
O ataque à frente anglo-portuguesa	177
Os obuzes de Le Touret	189

Os ultimos tiros de canhão	196
Nas minas de Givenchy	200
Acção das reservas portuguesas e inglesas	202
O posto de Saint Vaast	206
O reduto de Lacouture	208
Retirada das tropas portuguesas	231
Progresso da ofensiva alemã na tarde de 9	240
Causas do succésso dos alemães	242
Continuação e final da batalha	245
Intervenção do exército francês	248
Foch, comandante em chefe dos Exércitos Aliados	250
Aspecto do novo terreno das operações	253
A luta pela posse dos Montes de Flandres	255
Perda do Monte Kemmel	259
Fase final da batalha	261

III — Após a tormenta

O C. E. P. na retaguarda	265
«Après la guerre finie!»	271

ERRATA

Nesta obra, composta em parte longe das vista do autor, escaparam, além de outros de fácil correcção, os êrros seguintes :

<i>Pág. Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
24 13	Dentro...	Dentro...
26 12	-silabos indica-me...	-silabos; indica-me
26 28	...granadas alemães...	...granadas alemãs...
27 18	da cidade de que	da cidade, de que
36 27	seu reino, e ainda...	seu reino e, ainda...
37 10	...a cidade quando	...a cidade, quando
37 16	Henrique II a quem...	Henrique II, a quem..
42 16	...de doente na oca- sião bastante...	...de bastante doen- te na ocasião...
43 10	pelos franceses que apenas...	pelos franceses, que apenas...
43 12	...à idade propria	...à idade propria,
54 13	.. e dois terços...	..e os dois terços..
64 11	a coroação de Felipe IV que...	à coroação de Felipe IV, que
64 32	...D. Francisco de Melo que assistia..	...D. Francisco de Melo, que assistia
69 11	...e 8 a 10:000 cava- leiros...	...e 8 a 10 mil cava- leiros...
86 20	...; ia de forma iden- tica a ala...	...; de forma identica ia a ala...
112 20	da França, consti-	da França, e consti-
120 9	...passamos á beira de uns	...passamos junto a uns

<i>Pág. Linha</i>	<i>Onde se té</i>	<i>Leia-se</i>
120 30	sangue ali perto espalhado,...	sangue tão perto espalhado,...
122 9	...nossas conversa	...nossas conversas
124 9	gravados numa	gravado numa
134 24	...visitá-los?	...visitá-lo?
153 12	...tropas alemães,	...tropas alemãs,
156 29	Na época que se deu...	Na época em que se deu...
159 7	...batalha de Lys,	.. batalha do Lys,
160 27	...planície de Lys,	...planície do Lys,
161 22	...VI Exército	...IV Exército
164 13	...as suas divisões	...às suas divisões
166 1	...linhas alemães	...linhas alemãs
180 21	...no reduto de	...no seu posto de
180 22	Rotten Row...	comando...
182 14	..sentindo atacados...	...sendo atacados...
199 10	...mal resfriadas, ainda as...	...mal resfriadas ainda, as...
199 24	...peças de 75 ^{cm}peças de 7,5 ^{cm} ...
200 9	As colunas alemães...	As colunas alemãs...
205 17	...liga-ção	...ligação
215 10	certa. então,...	certa; então,...
218 24	...o nevoeiro, o permite...	...o nevoeiro o permite,...
220 32	es...	ções...
223 22	...O alemães...	...Os alemães...
225 6	...ocultam-se agora melhor.	...encobrem-se agora melhor.
234 17	...Pont Riqueu...	...Pont Riqueul...



OBRAS DO MESMO AUTOR

Campanha contra Soult em 1809. As subsistencias no exercito alliado anglo-luso. — Um folheto. Lisboa, 1909.

Colonização dos Planaltos de Angola. — Um folheto. Lisboa, 1913.

Guerra Peninsular (Operações em Portugal, 1808-1811). O serviço de subsistencias no exercito Anglo-luso. — Um volume. Lisboa, 1913.

Administração Militar. 3.^a edição. — Um volume. Lisboa, 1918.

1417492



FLANDRES